

IAN
MCEWAN

*O jardim
de cimento*



COMPANHIA DE BOLSO



IAN MCEWAN

O JARDIM DE CIMENTO

Tradução Jorio Dauster

Parte Um

NÃO MATEI MEU PAI, mas às vezes tinha a impressão de que o havia ajudado a ir desta para a melhor. E, não fosse por ter coincidido com um evento marcante em minha evolução física, sua morte pareceu insignificante quando comparada ao que veio depois. Minhas irmãs e eu conversamos sobre ele na semana seguinte à sua morte, e Sue sem dúvida chorou quando os enfermeiros da ambulância o levaram envolto num cobertor de um vermelho muito vivo. Ele era um homem de saúde precária, irascível e obsessivo, com mãos e rosto amarelados. Só estou contando a historinha da morte dele para explicar como aconteceu de minhas irmãs e eu termos uma quantidade tão grande de cimento à nossa disposição.

No começo do verão, quando eu tinha catorze anos, um caminhão parou diante de nossa casa. Eu estava sentado no degrau da frente relendo

uma revista em quadrinhos. O motorista e outro homem se aproximaram. Ambos estavam cobertos de um pó fino e esbranquiçado que lhes dava uma aparência fantasmagórica. Assoviam com estridência duas melodias totalmente distintas. Fiquei de pé e escondi a revista. Gostaria de estar lendo a página de turfe do jornal de meu pai ou os resultados do futebol. "Cimento?", disse um deles. Enganchei os polegares nos bolsos da calça, transferi todo o peso do corpo para uma perna e apertei um pouco os olhos. Eu queria dizer algo curto e preciso, mas não tinha certeza de haver entendido bem a pergunta. Demorei demais, porque o sujeito que havia falado ergueu os olhos para o céu e, plantando as mãos nas cadeiras, concentrou sua atenção na porta da frente. Ela se abriu e meu pai saiu, mordendo o cachimbo e aparando uma prancheta contra o quadril.

"Cimento", o homem disse de novo, sua voz agora infle-tindo para baixo. Meu pai concordou com a cabeça. Enfie a revista dobrada no bolso de trás da calça e segui os três até o caminhão. Meu pai ficou na ponta dos pés a fim de olhar para dentro, tirou o cachimbo da boca e sacudiu outra vez a cabeça num gesto afirmativo. O homem que ainda não havia falado golpeou violentamente com a mão um pino de aço que, ao se desprender, abriu a lateral com estrondo. Empilhados dois a dois, bem juntinhos, os sacos de cimento ocupavam todo o chão da caçamba. Meu pai os contou, olhou para a prancheta e

disse: "Quinze". Os dois homens grunhiram. Eu gostava desse tipo de conversa. Também disse a mim mesmo: "Quinze". Cada um dos homens pôs um saco nas costas e voltamos pelo caminho em direção à casa, eu agora à frente, seguido por meu pai. Contornando a casa, ele apontou com o tubo molhado do cachimbo para a abertura por onde o carvão era entregue. Os homens levantaram com esforço os sacos dos ombros e os jogaram no porão, voltando ao caminhão para apanhar outros. Meu pai fez uma anotação na prancheta com um lápis preso a ela por um barbante. Ficou se balançando sobre os pés enquanto esperava. Encostei-me na cerca. Eu não sabia para que iria servir o cimento, mas não queria ser excluído daquele intenso trabalho coletivo caso demonstrasse minha ignorância. Também contei os sacos e, quando tudo acabou, me postei junto ao cotovelo de meu pai enquanto ele assinava o recibo de entrega. Então, sem dizer uma única palavra, ele voltou para dentro de casa.

A noite meus pais brigaram por causa dos sacos de cimento. Minha mãe, que era uma pessoa pacata, estava furiosa. Queria que meu pai devolvesse tudo. Tínhamos acabado de jantar. Enquanto mamãe falava, meu pai raspava com o canivete a crosta preta do forninho do cachimbo, deixando-a cair sobre o prato de comida que mal tocara. Ele sabia como usar o cachimbo contra ela. Ela estava dizendo como o dinheiro andava curto e que Tom em breve precisaria de roupas novas para começar a frequentar a escola. Ele

recolocou o cachimbo entre os dentes como se fosse parte integral de sua anatomia e a interrompeu para dizer que a devolução dos sacos estava "fora de questão" e que chegava de conversa, lendo visto com meus próprios olhos o caminhão, os pesados sacos e os homens que os haviam trazido, tive a impressão de que papai estava certo. Mas como ele pareceu ridículo e arrogante ao tirar o cachimbo da boca e, segurando-o pelo forninho, apontar o tubo negro na direção da minha mãe! Ela ficou ainda mais irritada, a voz embargada pela exasperação. Julie, Sue e eu escapamos para o quarto de Julio no andar de cima e fechamos a porta. Através do assoalho nos chegavam as variações no tom de voz de minha mãe, mas não conseguíamos distinguir as palavras.

Sue deitou-se na cama, sufocando uma risadinha com os nós dos dedos enfiados na boca, enquanto Julie empurrava uma cadeira contra a porta. Juntos, num instante tiramos as roupas de Sue, nossas mãos se tocando ao puxarmos para baixo suas calcinhas. Sue era bem magricela. A pele parecia grudada às costelas e a dura crista muscular das nádegas assemelhava-se curiosamente a suas escápulas. Uma tênue pelugem alourada crescia entre suas coxas. Na brincadeira, Julie e eu éramos cientistas examinando um espécime extraterrestre. De um lado e do outro do corpo nu, trocávamos breves comentários com sotaque alemão. Lá de baixo vinha o zumbido cansado e insistente da voz de nossa mãe. As maçãs protuberantes do rosto de

Julie tornavam seus olhos mais fundos e lhe davam o ar de um raro animal selvagem. Sob a luz elétrica, os olhos eram negros e grandes. A linha suave de sua boca só era interrompida por dois dentes frontais, e ela precisava fazer beicinho para ocultar o sorriso. Eu morria de vontade de examinar minha irmã mais velha, mas a brincadeira não permitia isso.

"Porr favorr." Pusemos Sue de lado e depois de bruços. Passamos as unhas por suas costas e coxas. Com uma lanterna, olhamos dentro da sua boca e entre as pernas, lá encontrando a florzinha feita de pele.

"Que lhe parece isto, Herr Doutor?" Julie acariciou a flor com um dedo molhado, e um pequeno tremor percorreu a espinha ossuda de Sue. Observei atentamente. Molhei meu dedo e o fiz deslizar por cima do dedo de Julie.

"Nada de sério", ela disse finalmente, fechando a fenda com o indicador e o polegar. "Mas vamos observarr como vai evoluirr, ja?" Sue implorou que continuássemos. Julie e eu nos entreolhamos com ar de sabidos, sem saber nada.

"É a vez de Julie", eu disse.

"Não", disse ela como sempre. "Agora é você." Ainda deitada de costas, Sue nos implorou de novo. Atravessei o quarto, peguei sua saia e joguei para ela.

"Fora de questão", eu disse através de um cachimbo imaginário. "Fim de conversa." Tranquei-me no banheiro e sentei na borda da banheira com as calças caídas em volta dos tornozelos. Pensei nos dedos morenos de Julie

entre as pernas de Sue enquanto fazia chegar minha breve e seca pontada de prazer. Continuei curvado sobre as pernas depois que o espasmo passou e me dei conta de que, fazia tempo, as vozes se tinham calado no andar de baixo.

Na manhã seguinte, fui ao porão com Tom, meu irmão mais novo. Era uma área grande, dividida em vários aposentos sem propósito definido. Tom grudou-se em mim enquanto descíamos os degraus de pedra. Ele ouvira falar dos sacos de cimento e agora queria vê-los. A entrada de carvão dava no aposento mais espaçoso, e os sacos estavam espalhados de qualquer maneira por cima do carvão que havia sobrado do inverno anterior. Encostado numa das paredes havia um maciço baú de folha de flandres, que tinha algo a ver com a curta passagem de meu pai pelo exército e fora usado durante algum tempo para guardar o coque separado do carvão. Tom queria ver o que havia dentro dele e por isso ergui a tampa. O interior estava vazio e enegrecido, tão escuro na luz empoeirada do porão que não se via o fundo. Acreditando que estava diante de um buraco profundo, Tom agarrou a beira do baú e gritou para dentro, esperando ouvir o eco. Como nada aconteceu, pediu para ver os outros aposentos. Levei-o ao que ficava mais próximo da escada. A porta estava presa precariamente às dobradiças e, quando a empurrei, soltou-se por completo. Tom riu e foi por fim agraciado com um eco vindo do aposento de que havíamos acabado de sair. Onde estávamos, acumulavam-se caixas de papelão com roupas emboloradas

que eu nunca tinha visto. Tom descobriu alguns de seus antigos brinquedos. Desdenhosamente, virou-os de borco com o pé e disse que eram coisa de bebezinhos. Empilhado atrás da porta havia um velho berço de bronze em que todos nós havíamos dormido em algum momento. Como Tom queria que eu o armasse, disse-lhe que aquilo também era coisa de bebezinhos.

Ao pé da escada nos encontramos com meu pai, que descia. Queria que eu o ajudasse com os sacos. Fomos atrás dele de volta para o aposento maior. Tom tinha medo do pai e ficou bem atrás de mim. Julie me havia dito recentemente que, como papai era agora um semi-inválido, ele teria de competir com o Tom pelos cuidados da mamãe. Tratava-se de uma idéia extraordinária, e sobre ela refleti um bom tempo. Tão simples e tão estranho: um garotinho e um adulto competindo. Mais tarde, perguntei a Julie quem venceria e, sem hesitar, ela respondeu: "Tom, obviamente, e papai vai descontar nele".

E de fato ele era muito rigoroso com Tom, sempre o repreendendo. Usava mamãe contra ele assim como usava o cachimbo contra ela, "Não fale desse jeito com sua mãe", ou "Sente-se direito quando sua mãe estiver falando com você". Ela aturava tudo isso em silêncio. Se papai se afastasse, ela dava um breve sorriso para Tom ou passava os dedos por seu cabelo. Tom agora se postara longe da porta, observando enquanto nós dois arrastávamos cada saco pelo chão e os arrumávamos cuidadosamente em duas fileiras ao longo da parede. Devido a seu

ataque cardíaco, papai estava proibido de fazer esse tipo de trabalho, mas me certifiquei de que ele pegava tanto peso quanto eu.

Quando nos curvávamos para pegar as extremidades do saco, eu sentia que ele se demorava, esperando que eu fizesse mais força. Mas eu dizia "Um, dois, três..." e só começava a me esforçar de verdade quando via seu braço retesado. Eu só concordaria em fazer mais se ele me pedisse com todas as letras.

Ao terminarmos, demos um passo para trás e, como fazem todos os trabalhadores, contemplamos o serviço. Papai apoiou-se com uma das mãos na parede, respirando com dificuldade. De propósito, respirei tão levemente quanto pude através do nariz, embora isso me deixasse algo tonto. Mantive as mãos nos quadris num gesto *blasé*. "Para que você quer tudo isso?", senti-me então no direito de perguntar.

Entre uma e outra respiração ofegante, ele conseguiu dizer: "Para... o... jardim". Aguardei maiores esclarecimentos, mas, após uma pausa, ele se voltou para ir embora. Na porta, pegou o braço de Tom. "Olhe como estão suas mãos", reclamou, sem se dar conta da sujeira que a mão dele estava fazendo na camisa do menino. "Suba, trate de ir Subindo." Piquei para trás um momento e comecei a apagar as luzes. Ao ouvir os cliques, meu pai parou ao pé da escada e, em tom severo, me mandou apagar todas as luzes antes de subir.

"Já estava apagando", disse com irritação. Mas ele tossia alto ao galgar os degraus da escada.

Ele não havia cultivado seu jardim, e sim o construído segundo planos que certas noites abria sobre a mesa da cozinha enquanto nós espiávamos por cima de seus ombros. Caminhos estreitos de lajes faziam curvas intrincadas para visitar canteiros de rosas que ficavam a poucos metros de distância. Uma trilha subia em espiral um morrinho de pedras como se fosse uma estrada alpina. Certo dia, ele se irritou ao ver Tom subir em linha reta o morrinho usando a trilha como degraus de uma pequena escada.

"Suba direito", ele gritou da janela da cozinha. No topo de uma pilha de pedras, que não media mais de um metro de altura, havia um gramado do tamanho de uma mesa de jogo em volta do qual havia espaço para uma única fileira de cravos-de-defunto. Só ele chamava aquilo de jardim suspenso. Km seu centro erguia-se uma estátua de plástico de Pã dançando. Espalhavam--se pelo jardim degraus surpreendentes, alguns subindo, outros descendo. Havia também um laguinho com fundo de plástico azul. Certa vez ele trouxe para casa num saquinho transparente dois peixinhos dourados, comidos pelos pássaros no mesmo dia. Os caminhos eram tão estreitos que se corria o risco de perder o equilíbrio e cair nos canteiros de flores. Ele escolhia as flores mais simples e simétricas. Preferia as tulipas, que plantava com grande espaçamento. Não gostava de arbustos, heras ou roseiras. Não admitia nada que se entrelaçasse. Todas as casas de ambos os lados da nossa tinham sido demolidas e, no verão, os

terrenos baldios se cobriam de ervas daninhas e suas flores. Antes de sofrer o primeiro ataque cardíaco, ele tencionava construir um alto muro em torno de seu mundinho especial.

Havia algumas piadas recorrentes na família, lançadas e perpetuadas por papai. Sobre Sue, por ela ter sobrancelhas e cílios quase invisíveis; sobre Julie, por sua ambição de ser uma atleta famosa; sobre Tom, por fazer pipi às vezes na cama; sobre minha mãe, por ser ruim em aritmética; sobre mim, por causa das espinhas que começaram a pipocar nessa época. Certa noite, no jantar, eu lhe passei um prato e ele disse que não queria que sua comida chegasse perto demais do meu rosto. A risada de todos foi instantânea e ritual. Como as piadinhas desse tipo eram controladas por meu pai, nenhuma era dirigida contra ele. Naquela noite, Julie e eu nos trancamos no quarto dela e nos dedicamos a preencher páginas e páginas com piadas grosseiras e já bem batidas. Tudo que nos ocorria parecia engraçado. Rolamos da cama para o chão, com dor no peito de tanto rir, urrando de alegria. Do lado de fora, Tom e Sue esmurravam a porta pedindo para entrar. Chegamos à conclusão de que nossas melhores piadas eram do tipo que envolvia uma pergunta e uma resposta. Muitas faziam referência à prisão de ventre do papai. Mas sabíamos qual era o verdadeiro alvo. Seleccionamos a melhor e, após aperfeiçoá-la e treinar sua execução, esperamos um ou dois dias. Então, no jantar, ele se saiu com outra caçoada sobre minhas

espinhas. Aguardamos até que Tom e Sue parassem de rir. Meu coração batia tão forte que era difícil falar com naturalidade, num tom de conversa, como havíamos ensaiado. "Vi uma coisa hoje no jardim que me chocou", eu disse.

"É mesmo?", perguntou Julie.

"O que foi?"

"Uma flor."

Ninguém pareceu nos ter ouvido. Tom falava consigo próprio, mamãe pôs um pouco de leite na xícara e papai continuou a passar manteiga cuidadosamente numa fatia de pão. Quando a manteiga ia além da beirada do pão, ele a trazia de volta com um rápido movimento da faca. Pensei que talvez devêssemos repetir tudo em voz mais alta e olhei para Julie por cima da mesa. Ela evitou meu olhar. Papai acabou seu pão e foi embora. "Isso foi totalmente desnecessário", disse mamãe.

"O que é que foi desnecessário?" Mas ela não me disse mais nada. Não se faziam piadas com meu pai porque elas não eram engraçadas. Ele ficava amuado. Senti-me culpado no momento em que desejava desesperadamente me sentir exultante. Tentei convencer Julie de nossa vitória para que ela, por sua vez, me convencesse disso. Naquela noite deitamos Sue entre nós, mas a brincadeira não nos deu o menor prazer. Sue ficou entediada e se foi. Julie era favorável a que pedíssemos desculpas, que encontrássemos alguma forma de agradá-lo. Eu não conseguia me ver fazendo isso, porém fiquei muito aliviado quando, dois dias mais tarde, ele falou comigo pela primeira vez.

Depois disso, o jardim não foi mencionado por um longo tempo e, quando ele cobria a mesa da cozinha com seus planos, ninguém mais o acompanhava. Após o primeiro ataque ele nunca mais trabalhou no jardim. As ervas começaram a surgir nas fissuras das lajes, parte do morrinho de pedras desabou, o laguinho secou. O Pã dançarino tombou de lado, partiu-se em dois e nada foi dito. A possibilidade de que Julie e eu fôssemos responsáveis pela desintegração me enchia de horror e alegria.

Pouco depois do cimento chegou a areia. Um montículo amarelo-claro ergueu-se num canto do jardim da frente. Ficamos sabendo, provavelmente por minha mãe, que a ideia era circundar a casa com uma superfície de concreto. Meu pai confirmou isso certa noite.

"Vai ficar mais limpo", ele disse. "A partir de agora não vou poder cuidar do jardim" (tocou no lado esquerdo do peito com o cachimbo) "e isso vai impedir que os assoalhos de sua mãe fiquem sujos de lama." Ele estava tão convencido da sensatez de sua idéia que, mais por constrangimento que por medo, ninguém questionou o projeto. Na verdade, a possibilidade de contar com uma vasta área de concreto em volta da casa me atraía. Seria um bom lugar para jogar futebol. Imaginei helicópteros descendo ali. Acima de tudo, misturar o concreto para cobrir o jardim depois de nivelado era uma transgressão fascinante. Minha excitação cresceu quando papai falou em alugar uma betoneira.

Mamãe deve tê-lo dissuadido disso, porque começamos a trabalhar num sábado de junho com duas pás. Abrimos no porão um dos sacos e enchemos um balde de zinco com o pó fino e cinza claro. Meu pai então saiu para que eu lhe passasse o balde pela abertura do carvão. Ao se abaixar, sua silhueta ficou recortada contra o céu esbranquiçado e sem nuvens. Ele despejou o cimento no caminho e me devolveu o balde para que eu o reenchesse. Quando já tínhamos a quantidade suficiente de cimento, enchi de areia um carrinho de mão na frente da casa e a juntei ao montinho. Ele havia decidido fazer um caminho cimentado ao lado da casa para facilitar o transporte de areia da frente para os fundos. Exceto pelas curtas e infreqüentes instruções que me passou, não trocamos uma só palavra. Fiquei satisfeito em ver que não havia necessidade de nos falarmos porque sabíamos exatamente o que fazer e o que o outro estava pensando. Pela primeira vez me senti à vontade junto dele. Enquanto fui buscar água, ele ajeitou o montinho de cimento e areia, fazendo um buraco no topo. Fiquei encarregado de preparar a mistura enquanto ele ia acrescentando água. Mostrou-me como apoiar o antebraço na coxa para ganhar mais potência no movimento. Fingi que já sabia. Quando a mistura ficou consistente, a espalhamos no chão. Papai então se pôs de joelhos e alisou a superfície com uma pequena tábua. Fiquei de pé atrás dele, apoiado na pá. Ele levantou-se e se encostou na cerca, fechando os olhos. Quando os abriu, piscou como se surpreso

de ainda estar lá, e disse: "Bem, então vamos em frente". Repetimos a operação, o balde transitando pela abertura do carvão, o carrinho de mão, a mistura espalhada pelo chão e alisada. Na quarta vez, a monotonia e meus desejos contumazes começaram a me tornar mais lento. Bocejava com frequência e sentia as pernas fracas atrás dos joelhos. No porão, enfiei as mãos nos bolsos da calça. Onde estariam minhas irmãs? Por que não estavam ajudando? Entreguei um balde cheio a meu pai e então, dirigindo-me ao contorno de seu corpo, disse que precisava ir ao banheiro. Ele soltou um suspiro ao mesmo tempo que estalava a língua contra o céu da boca. No andar de cima, sabendo de sua impaciência, me masturbei rapidamente. Como de hábito, tinha diante de mim a imagem da mão de Julie entre as pernas de Sue. Lá de baixo chegava o som da pá raspando no chão. Papai estava misturando o cimento. E então aconteceu, de repente a coisa espirrou no meu pulso e, embora eu soubesse daquilo por causa das piadas e dos livros de biologia na escola, e viesse aguardando que acontecesse havia muitos meses na esperança de não ser diferente dos outros, naquele momento me senti surpreso e emocionado. Contra os cabelinhos macios, junto a uma mancha acinzentada de concreto, brilhava uma pequena quantidade de líquido, não leitoso como eu havia imaginado, mas incolor. Dei uma lambida e não senti gosto de nada. Fiquei olhando um tempão bem de perto, procurando ver aqueles trocinhos com as longas caudas

ondulantes. Enquanto eu olhava, o líquido secou e se transformou numa crosta brilhante, mas quase invisível, que se rompeu quando dobrei o pulso. Decidi não lavar o lugar.

Lembrei-me de que papai estava esperando e descí correndo a escada. Minha mãe, Julie e Sue conversavam de pé quando passei por elas na cozinha. Não pareceram ter notado minha presença. Papai estava deitado de bruços no chão, a cabeça descansando sobre o concreto recém-espalhado. Segurava ainda a tábua de alisar. Aproximei-me devagar, sabendo que teria de correr para pedir ajuda. Durante vários segundos não consegui me afastar. Fiquei olhando, absorto como estivera alguns minutos antes. Uma leve aragem agitou uma ponta solta de sua camisa. Logo depois houve muita atividade e barulho. Veio uma ambulância e mamãe seguiu com meu pai, que foi envolto num cobertor vermelho e posto numa maca. Na sala de visitas, Sue chorava e Julie a consolava. O rádio continuava a tocar na cozinha. Depois que a ambulância partiu, fui lá fora ver nosso caminho. Minha cabeça estava totalmente vazia de pensamentos quando peguei a tábua e cuidadosamente alisei a marca que ele havia deixado no concreto fresco e macio.

DURANTE O ANO SEGUINTE Julie treinou para entrar no time de atletismo da escola. Ela já detinha os recordes locais para menores de dezoito anos nas corridas de cem e duzentos metros. Corria mais rápido do que qualquer outra pessoa que eu

conhecesse. Papai nunca a levou a sério, achava que corrida não era coisa para garotas e, pouco antes de morrer, recusou-se a ir conosco assistir a um evento esportivo. Nós todos o criticamos duramente, até mamãe nos apoiou. Ele achou graça em nossa exasperação. Talvez até tencionasse ir, mas o deixamos sozinho e fomos curtir nossa raiva coletiva. No dia do evento, como não o chamamos, ele se esqueceu e com isso deixou de ver, no último mês de vida, sua filha mais velha ser a estrela da competição. Deixou de ver as esguias pernas bronzeadas tremeluzindo contra o fundo verde como as pás de uma hélice, ou Tom, mamãe, Sue e eu atravessando às carreiras a área reservada aos espectadores para cobrir Julie de beijos quando ela ganhou a terceira corrida. Julie frequentemente ficava em casa à noite para lavar o cabelo e passar a ferro as pregas da saia azul-marinho do uniforme escolar. Ela pertencia a um pequeno grupo de alunas audaciosas que usavam anáguas brancas e engomadas para deixar as saias mais encorpadas e rodadas quando elas giravam sobre os calcanhares. Usava meias de seda e culotes pretos, coisas que eram rigorosamente proibidas. Vestia uma blusa branca limpa a cada dia de aula. Em certas manhãs, amarrava os cabelos atrás da nuca com uma fita branca de tecido brilhante. Tudo isso exigia uma longa preparação à noite. Eu costumava ficar sentado por perto, observando-a diante da tábua de passar, o que lhe dava nos nervos.

Julie tinha namorados na escola, mas na verdade os mantinha à distância. Havia na família uma regra não escrita segundo a qual nenhum de nós jamais trazia os amigos para casa. Suas melhores amigas eram as garotas mais rebeldes, as que davam o que falar. Às vezes eu a via na escola, no fim de algum corredor, cercada de um grupinho barulhento. Mas Julie ficava na dela, dominando o grupo e aumentando seu cartaz por conta de uma serenidade desconcertante, intimidadora. Eu gozava de certo prestígio na escola por ser seu irmão, mas ela nunca se dirigia a mim ou dava sinal de que notava minha presença.

Por volta dessa época, as espinhas se espalharam tanto pelo meu rosto que abandonei todos os rituais de higiene pessoal. Parei de lavar a cara ou o cabelo, cortar as unhas ou tomar banho. Deixei de escovar os dentes. Com seu jeito tranquilo, minha mãe me censurava o tempo todo, mas agora eu me sentia orgulhosamente fora de seu controle. Se as pessoas de fato gostarem de mim, eu dizia, vão me aceitar como eu sou. De manhã cedinho, mamãe entrava no meu quarto e deixava roupas limpas no lugar das sujas. Nos fins de semana, eu ficava na cama até de tarde, saindo depois para longos passeios solitários. De noite, observava Julie, ouvia o rádio ou simplesmente ficava sentado sem fazer nada. Não tinha nenhum amigo de verdade na escola.

Olhava-me com frequência nos espelhos, às vezes por uma hora. Certa manhã, pouco antes

de completar quinze anos, estava procurando por meus sapatos no imenso e escuro hall de entrada quando me vi no espelho de corpo inteiro encostado à parede. Papai falava sempre em pendurá-lo. Raios de luz coloridos pelo vitral no alto da porta da frente iluminavam alguns fios desgarrados de meus cabelos. A semi-escuridão amarelada obscurecia os caroços e buracos na pele do meu rosto. Senti-me nobre e especial. Olhei fixamente para minha própria imagem até que ela começou a se dissociar de mim e paralisar-me com seu olhar. Ela se afastava e se aproximava de mim a cada batida do meu coração, um halo sombrio pulsava acima de sua cabeça e de seus ombros. "E duro", ela me disse. "Duro." E então, em voz mais alta: "Merda... mijo... cu". Da cozinha, numa voz cansada, mamãe pronunciou meu nome em admoestação. Peguei uma maçã na fruteira e fui para a cozinha. Encostei-me na porta para ver a família tomar o café da manhã, jogando a maçã para o alto e a aparando com uma batida seca na palma da mão. Julie e Sue liam livros escolares enquanto comiam. Exausta após mais uma noite insone, mamãe não estava comendo. Seus olhos fundos e úmidos tinham uma tonalidade acinzentada. Soltando guinchos de irritação, Tom tentava puxar sua cadeira para perto da dela. Queria sentar-se em seu colo, mas ela se queixou de que ele era pesado demais. Ajeitou a cadeira para Tom e correu os dedos por seus próprios cabelos.

A questão era se Julie iria para a escola em minha companhia ou não. Costumávamos ir juntos todas as manhãs, mas agora ela preferia não ser vista comigo. Continuei a jogar a maçã para o alto, imaginando que aquilo incomodava a todos eles. Mamãe me olhava fixamente.

"Vamos, Julie", eu disse por fim. Julie reencheu a xícara de chá.

"Tenho coisas para fazer", ela disse com firmeza.

"Vai você."

"E você, Sue?" Minha irmã mais moça, sem levantar os olhos do livro, murmurou: "Não vou agora".

Mamãe me lembrou carinhosamente que eu não tinha tomado o café da manhã, mas a essa altura já estava no hall. Bati a porta da frente com força e atravessei a rua. Houve tempo em que nossa casa era cercada de outras residências. Agora se erguia em meio a um imenso terreno baldio onde cresciam urtigas em volta de pedaços retorcidos de folhas de flandres. As outras casas tinham sido demolidas a fim de abrir espaço para uma auto-estrada que nunca foi construída. Às vezes os garotos dos blocos de apartamentos vinham brincar perto de nossa casa, mas em geral seguiam mais adiante, até onde ficavam as casas pré-fabricadas, hoje vazias, para derrubar as paredes com pontapés e pegar qualquer coisa que pudesse lhes interessar. Certa vez puseram fogo numa dessas casas, porém ninguém ligou para isso. Nossa casa era grande e antiga. Fora construída para se parecer com um castelo, com grossas paredes, janelas atarracadas e ameias

encimando a porta da frente. Vista do outro lado da rua, parecia o rosto de alguém se concentrando, tentando recordar-se de algo.

Ninguém nunca vinha nos visitar. Nem mamãe nem papai, quando vivo, tinham amigos fora do círculo familiar. Ambos eram filhos únicos e todos os meus avós já haviam morrido. Minha mãe tinha parentes distantes na Irlanda que não via desde criança. Tom possuía uns dois amiguinhos com quem às vezes brincava na rua, porém nunca deixamos que os trouxesse para dentro de casa. Agora, nem o leiteiro passava mais em nossa rua. Pelo que eu me lembrava, as últimas pessoas a visitar a casa tinham sido os enfermeiros da ambulância que levou meu pai.

Fiquei lá por alguns minutos, pensando se deveria voltar e dizer alguma coisa conciliatória a mamãe. Estava prestes a seguir caminho quando a porta da frente se abriu e Julie esgueirou-se para fora. Usava a capa de chuva escolar de gabardine preta, com o cinto bem apertado e a gola virada para cima. Voltou-se rapidamente para pegar a porta antes que batesse e, acompanhando o movimento de seu corpo, a capa, a saia e a anágua rodopiaram fazendo o efeito desejado. Ainda não me vira. Observei-a enquanto jogava a mochila por cima do ombro. Julie era capaz de correr como uma gazela, mas andava como uma sonâmbula, com passos muito lentos, costas retas, sem se desviar um centímetro do rumo. Frequentemente parecia estar perdida em pensamentos, mas, quando lhe

perguntávamos, sempre jurava que não estava pensando em nada.

Ela só me viu depois que atravessou a rua e então, sem dizer uma palavra, fez um trejeito de boca que era um misto de sorriso e beicinho. Seus silêncios nos davam um pouco de medo, mas também nesse caso ela protestava, dizendo num tom melodioso de surpresa que *ela* é que tinha medo de nós. Na verdade, Julie era tímida — dizia-se que era incapaz de falar na classe sem corar —, porém tinha uma força serena e a capacidade de insular-se, vivendo no mundo à parte daqueles que são, e em segredo sabem que são, excepcionalmente bonitos. Caminhei a seu lado enquanto ela olhava diretamente à frente, as costas eretas como uma régua, os lábios franzidos de leve.

Cem metros adiante nossa rua desembocava em outra onde ainda restavam algumas casas geminadas. As demais, bem como as casas na rua perpendicular seguinte, haviam sido demolidas para dar lugar a quatro blocos de apartamentos de vinte andares. Cada bloco se levantava em meio a um imenso pátio de asfalto cheio de rachaduras das quais brotavam ervas daninhas. Os edifícios pareciam ser mais velhos e mais tristes do que nossa casa. Nas paredes laterais de concreto viam-se manchas colossais, quase negras, causadas pela chuva. Essas manchas nunca secavam. Quando chegamos ao fim de nossa rua, dei um bote no pulso dela e disse: "Vou carregar sua mochila, senhorita". Julie afastou o braço e continuou andando.

Dancei de costas à frente dela. Seus silêncios contemplativos me transformavam numa peste.

"Quer brigar? Quer apostar uma corrida?" Julie baixou os olhos e continuou no seu caminho. Perguntei numa voz normal: "Que que há de errado?".

"Nada."

"Você está chateada?"

"Estou."

"Comigo?"

"É."

Fiz uma pausa antes de voltar a falar. Julie já estava saindo de sintonia, absorta em alguma visão interna povoada por sua raiva. Eu disse: "Por causa da mamãe?". Estávamos chegando à altura do primeiro bloco e podíamos ver um grupo de garotos de outra escola no vestíbulo do edifício, reunidos em volta do poço do elevador. Encostados nas paredes, em silêncio, certamente esperavam alguém que iria descer. "Então vou voltar", eu disse. Parei. Julie deu de ombros e fez um movimento repentino com a mão, deixando claro que eu ia ficar para trás.

De volta à nossa rua, encontrei-me com Sue. Ela caminhava com um livro aberto diante dos olhos. Sua mochila estava presa acima dos ombros. Tom seguia alguns passos atrás. A julgar por sua expressão, tinha havido outra cena para fazê-lo sair de casa. Sentia-me mais à vontade com Sue. Ela era dois anos mais moça que eu e, se mantinha segredos, eles não me intimidavam. Certa vez vi em seu quarto uma loção que ela comprara para "dissolver" as sardas. Tinha um

rosto longo e delicado, lábios sem cor e olhos pequenos que davam a impressão de estar cansados, com cílios pálidos e quase invisíveis. Com sua testa alta e cabelos muito finos, às vezes realmente parecia ter vindo de outro planeta. Não paramos, mas, ao nos cruzarmos, Sue levantou os olhos do livro e disse: "Você vai chegar atrasado". Resmunguei: "Esqueci uma coisa". As voltas com seu terror pela escola, Tom nem reparou em mim. Compreendi que Sue o levava à escola para poupar mamãe da caminhada, o que aumentou meu sentimento de culpa e me fez andar mais depressa.

Contornei a casa para chegar ao jardim dos fundos, de onde vi minha mãe através de uma das janelas da cozinha. Estava sentada à mesa tendo diante de si os restos de nosso café da manhã e quatro cadeiras vazias. Em sua frente estava o prato de mingau que eu nem havia tocado. Repousava uma das mãos no colo, a outra, sobre a mesa; o braço dobrado parecia pronto a apoiar sua cabeça. Bem próximo estava o vidro preto e atarracado que continha suas pílulas. Em seu rosto se mesclavam os traços de Julie e Sue, como se mamãe é que fosse filha delas. A pele era lisa e bem esticada sobre as delicadas maçãs do rosto. Todas as manhãs, ela pintava nos lábios arcos perfeitos em carmesim. Mas seus olhos, circundados por uma pele escura e enrugada qual caroço de pêssago, eram tão profundamente encravados no crânio que pareciam ver o mundo de um poço sem fim. Ela alisou os cachos densos e negros que lhe

cobriam a nuca. Às vezes eu encontrava um punhado de seus cabelos boiando de manhã na privada. Sempre puxava a descarga antes de usar o vaso. Ela então se levantou e, de costas para mim, começou a limpar a mesa.

Quando tinha oito anos, voltei da escola certa manhã fingindo que estava muito doente. Mamãe foi condescendente comigo. Fez-me vestir o pijama, levou-me para o sofá na sala de visitas e cobriu-me com uma manta. Sabia que eu tinha voltado para monopolizar sua atenção na ausência de papai e de minhas duas irmãs. Talvez tivesse ficado feliz de ter alguém lhe fazendo companhia durante o dia. Fiquei lá deitado até o fim da tarde e a observei enquanto trabalhava, apurando os ouvidos quando ela ia para outras partes da casa. Impressionou-me o fato óbvio de sua vida independente. Ela continuava a existir mesmo quando eu estava na escola. Essas eram as coisas que fazia. Todos continuavam a existir. Naquela época, essa revelação foi memorável mas não dolorosa. Agora, olhando-a enquanto se curvava para jogar as cascas de ovo na lata de lixo, o mesmo reconhecimento, em toda a sua simplicidade, me transmitia um misto insuportável de tristeza e ameaça. Ela não era uma invenção minha, ou de minhas irmãs, embora eu continuasse a inventá-la e ignorá-la. Ao mexer numa garrafa de leite vazia, ela de repente se virou na direção da janela. Recuei velozmente. Enquanto corria pelo caminho que ladeava a casa, ouvi-a abrir a porta dos fundos e chamar meu nome. Chamou-me

outra vez quando comecei a descer a rua. Corri o tempo todo, imaginando ouvir sua voz em meio ao som de meus pés martelando na calçada.

"Jack...Jack."

Alcansei Sue no momento em que ela passava pelo portão da escola.

Eu SABIA QUE JÁ era de manhã e sabia que se tratava de um pesadelo. Poderia acordar de todo se tivesse força de vontade suficiente. Tentei mover as pernas, tocar um pé no outro. A mais leve sensação bastaria para me situar no mundo que existia fora do meu sonho. Eu estava sendo seguido por pessoas que não conseguia ver. Traziam uma caixa e queriam que eu visse o que havia lá dentro, mas continuei correndo. Parei por um instante e tentei de novo mover as pernas ou abrir os olhos. Porém alguém se aproximava com a caixa, não havia mais tempo, eu tinha de continuar correndo. Então nos encontramos frente a frente. A caixa de madeira, com dobradiças na tampa, talvez tivesse servido para guardar charutos caros. A tampa estava aberta uns dois centímetros, escuro demais para ver lá dentro. Corri para ganhar tempo e dessa vez consegui abrir os olhos. Antes que se fechassem, vi meu quarto, a camisa do uniforme jogada numa cadeira, um sapato de borco no chão. A caixa reapareceu. Eu sabia que lá dentro era mantida prisioneira uma criaturinha que fedia horivelmente. Tentei chamar alguém, esperando que minha própria voz me despertasse. Nenhum som saiu de minha garganta, eu não era nem

capaz de mover os lábios. A tampa da caixa estava sendo levantada de novo. Eu não podia dar meia-volta e fugir porque já tinha corrido a noite inteira, agora não me restava alternativa senão ver o que havia lá dentro. Com grande alívio ouvi a porta do quarto se abrir e passos que se aproximavam. Alguém se sentou na beira da minha cama, bem junto de mim, e eu já podia abrir os olhos.

Minha mãe havia se sentado de tal modo que meus braços ficaram presos debaixo das cobertas. O despertador marcava oito e meia, eu ia chegar atrasado na escola. Mamãe já devia estar acordada havia umas duas horas. Cheirava ao sabonete cor-de-rosa que costumava usar. "Já é hora de termos uma conversa, você e eu", ela disse. Cruzou as pernas e apoiou as mãos nos joelhos. Suas costas, como as de Julie, eram perfeitamente retas. Senti-me em desvantagem por estar deitado e fiz força para sentar-me. Mas ela não deixou: "Fique quieto um minuto".

"Vou me atrasar."

"Fique quieto um minuto", ela repetiu, dando grande ênfase à última palavra, "preciso falar com você." Meu coração disparou, fiquei olhando para o teto acima da cabeça dela. Eu nem tinha saído de todo do pesadelo. "Olhe para mim", ela disse, "quero ver seus olhos." Olhei nos olhos dela, que examinavam ansiosamente meu rosto. Neles vi meu próprio reflexo distorcido.

"Você viu seus olhos num espelho ultimamente?", ela perguntou.

"Não", menti.

"Suas pupilas estão muito dilatadas, você sabia?" Neguei com a cabeça. "Você acaba de acordar e está com essas olheiras enormes." Ela fez uma pausa. Lá de baixo chegavam os sons de minhas irmãs tomando o café da manhã. "E sabe qual é a razão disso?" Sacudi outra vez a cabeça, e ela fez nova pausa. Curvou-se para a frente e falou num tom de urgência: "Você sabe do que eu estou falando, não sabe?". Meu coração ribombou nos ouvidos.

"Não", respondi.

"Sabe, sim, meu rapaz. Sabe muito bem do que é que eu estou falando, dá para se ver que sabe."

Eu não tinha outra escolha senão confirmar isso com meu silêncio. Aquela severidade não combinava nem um pouco com ela: havia um quê falso e teatral em sua voz, a única forma pela qual mamãe era capaz de transmitir a difícil mensagem.

"Não pense que não sei o que está acontecendo. Você está se tornando um homenzinho e fico muito orgulhosa disso... há coisas que seu pai diria a você..." Desviamos os olhos, ambos sabíamos que aquilo não era verdade. "Crescer é difícil, mas, se você continuar desse jeito, vai se fazer um grande mal, vai fazer mal ao seu corpo nessa fase de crescimento." "Fazer mal...", ecoei.

"Isso mesmo, olhe para você", ela continuou num tom mais brando. "Não consegue se levantar de manhã, passa o dia cansado, vive mal-humorado, não se lava ou muda de roupa, é agressivo com suas irmãs e comigo. E nós dois sabemos o porquê disso. Toda vez..." A frase ficou suspensa

no ar e, em vez de olhar para mim, ela se concentrou nas mãos entrelaçadas no colo. "Toda vez... toda vez que você faz isso, são necessárias duas garrafinhas de sangue para substituir o que perdeu." Encarou-me com um olhar desafiador.

"De sangue", eu sussurrei. Ela se curvou e me deu um beijo de leve no rosto.

"Você não se aborrece de eu dizer isso, não é?"

"Não, não", respondi.

Ela se levantou.

"Um dia, quando você tiver vinte e um anos, vai olhar para trás e me agradecer por eu ter dito o que estou dizendo." Concordei com a cabeça. Ela inclinou-se por cima de mim, acariciou meus cabelos e saiu do quarto rapidamente.

Minhas irmãs e eu já não brincávamos juntos na cama de Julie. Tudo acabou pouco depois da morte de papai, embora não por causa disso. Sue se tornou relutante. Talvez tivesse aprendido algo na escola e ficou envergonhada de nos deixar fazer aquelas coisas com ela. Nunca soube ao certo, pois não era um assunto que pudéssemos discutir. E Julie agora estava mais distante. Usava maquiagem e tinha uma porção de segredos. Na escola, na fila do almoço, ouvi-a uma vez se referir a mim como "meu irmãozinho" — e fiquei danado da vida. Julie tinha longas conversas com mamãe na cozinha, as quais eram interrompidas caso Tom, Sue ou eu entrássemos de repente. Tal como minha mãe, ela fazia comentários sobre meu cabelo ou

minhas roupas, mas não de forma carinhosa, e sim com desprezo.

"Você fede", ela costumava dizer sempre que tínhamos alguma briga. "Realmente fede. Por que nunca troca de roupa?" Esse tipo de comentário me deixava furioso.

"Vai se foder", eu dizia com ódio, pegando-a pelos tornozelos para fazer cócegas até ela morrer de exaustão.

"Mãe", ela gritava, "mãe, olha o Jack!" E, onde quer que estivesse, mamãe dizia em voz cansada: "Jack...".

Na última vez em que fiz cócegas em Julie, esperei até que mamãe estivesse no hospital. Calcei um par de luvas de jardim enormes e sujas, usadas por papai, seguindo-a até seu quarto. Ela estava sentada na pequena escrivaninha que usava para fazer os deveres de casa. Parei no umbral da porta com as mãos atrás das costas.

"O que é que você quer?", ela disse com a maior repugnância. Tínhamos brigado lá embaixo.

"Vim te pegar", eu disse simplesmente, avançando as mãos enormes na direção dela, os dedos bem abertos. Aquela visão por si só a deixou enfraquecida. Ela tentou se pôr de pé, mas caiu de volta na cadeira.

"Você para", ela ficou repetindo em meio a risadinhas cada vez mais nervosas. "Para com isso!"

As mãos imensas ainda estavam a certa distância e ela já se contorcia na cadeira, guinchando "Não... não... não".

"Sim, chegou a sua hora", eu disse, puxando-a pelo braço para a cama. Ela ficou deitada de costas, os joelhos erguidos, as mãos protegendo a garganta. Não ousou tirar os olhos das mãos enormes que eu mantinha acima dela, prontas a cair sobre a presa.

"Vão embora", ela sussurrou. Na hora achei engraçado que se dirigisse às luvas e não a mim.

"Elas vieram te pegar", eu disse, baixando um pouco mais as mãos. "Mas ninguém sabe onde começarão o ataque." Num gesto débil ela procurou agarrar-me os pulsos, mas enfiei as mãos por baixo de seu corpo e as luvas se fecharam em torno do tórax, chegando até as axilas. Enquanto Julie ria sem controle, lutando para respirar, também comecei a rir, encantado com meu poder. Agora já havia uma ponta de pânico em suas contorções. Ela não conseguia inspirar, tentava dizer, por favor, mas, na minha euforia, eu era incapaz de parar. O ar ainda escapava de seus pulmões em pequenos cacarejos. Uma das mãos repuxava o material grosseiro da luva. Quando tentei obter uma posição melhor para segurá-la, senti um líquido quente se espalhando por meu joelho. Horrorizado, pulei da cama e arranquei as luvas. Os últimos risos de Julie deram lugar a um choro cansado. Ela ficou deitada de costas, as lágrimas correndo pela ravina das maçãs do rosto e se perdendo nos cabelos. O quarto cheirava levemente a urina. Peguei as luvas no chão. Julie virou a cabeça.

"Vá embora", ela disse numa voz desanimada.

"Desculpe", eu disse.

"Vá... embora."

Tom e Sue olhavam tudo do umbral da porta.

"Que que houve?", Sue me perguntou quando eu saía.

"Nada", respondi, fechando a porta de mansinho. Por volta dessa época mamãe passou a se deitar com mais frequência no começo da noite. Dizia que mal conseguia ficar desperta.

"Mais umas noites seguidas dormindo cedo", ela dizia, "e volto a ficar em forma."

Com isso, Julie passou a ser responsável pelo jantar e pela hora de ir para a cama. Sue e eu estávamos na sala de visitas ouvindo rádio. Julie entrou e desligou.

"Vá esvaziar o lixinho da cozinha, por favor", ela me disse, "e leve as latas de lixo para a frente da casa."

"Porra", eu gritei, "estou ouvindo isso", e avancei para o botão.

Julie o cobriu com a mão. Eu ainda sentia tanta vergonha daquele ataque das cócegas que não tinha vontade de lutar com ela. Umas poucas palavras de falsa resistência, e logo depois lá estava eu carregando as latas de lixo. Ao voltar, dei com Sue diante da pia da cozinha descascando batatas. Mais tarde, quando nos sentamos para comer, reinou um silêncio constrangido em vez da algazarra habitual. Quando encarei Sue do outro lado da mesa, ela deu uma risadinha. Julie não olhava para nós e só falou com Tom, mesmo assim em voz baixa. Quando saiu da cozinha por um minuto a fim de levar a bandeja para o andar de cima, Sue e eu

trocamos pontapés por baixo da mesa e rimos muito. Mas paramos ao ouvir que ela voltava. Tom não gostava dessas noites sem mamãe. Julie o obrigava a comer tudo que estava no prato, proibindo-o de se esconder debaixo da mesa ou de fazer ruídos engraçados. O que o deixava mais aborrecido era que Julie não lhe permitia ir para o quarto da mamãe quando ela estava dormindo. Ele adorava deitar-se todo vestido a seu lado. Julie o pegava pelo pulso na subida da escada. "Lá não", dizia em voz baixa, "mamãe está dormindo." Tom abria o berreiro, mas não resistia quando ela o arrastava de volta para a cozinha. Ele também a temia um pouco. Julie de repente tinha ficado tão distante de nós, tranquila, segura de sua autoridade! Eu queria lhe dizer: "Vamos, Julie, pare de fazer de conta. Sabemos bem quem você é". E continuava olhando para ela, sem porém receber nenhum olhar de volta. Ela se mantinha ocupada e nossos olhos só se encontravam muito brevemente. Eu evitava ficar sozinho com mamãe receando que ela quisesse ter outra daquelas conversas comigo. Aprendera na escola que ela estava errada. Mas, agora, cada vez que eu começava, uma ou duas vezes por dia, vinha-me à cabeça a imagem das duas garrafinhas de leite cheias de sangue com a tampa envolta em papel-alumínio. Passei a ficar mais tempo na companhia de Sue. Ela parecia gostar de mim — ou ao menos estava disposta a me aturar. Durante a maior parte do tempo, ela ficava lendo no seu quarto, nunca se queixando quando eu ficava por lá. Lia romances

sobre meninas de sua idade, treze anos, que viviam alguma aventura no colégio interno. Tomava emprestados da biblioteca local uns livros grandes^ com ilustrações de dinossauros, vulcões ou peixes tropicais. As vezes eu os folheava, olhando os desenhos porque o conteúdo não me interessava em nada. Suspeitando das representações dos dinossauros, disse a Sue que ninguém podia realmente saber como eles eram. Ela me falou sobre os esqueletos e todas as pistas que ajudavam na reconstituição. Discutimos uma tarde inteira. Ela sabia muito mais do que eu, mas estava decidido a não deixá-la ganhar. Finalmente, entediados e exasperados, cada um foi para seu lado curtir o mau humor. No mais das vezes, contudo, conversávamos como conspiradores sobre a família e todas as pessoas que conhecíamos, examinando cuidadosamente seus comportamentos e aparências, o que eram "de verdade". Nós nos perguntávamos sobre a gravidade da doença de mamãe. Sue a ouvira dizer a Julie que estava mudando de médico outra vez. Concordamos em que nossa irmã mais velha estava ficando muito metida a besta. Eu já não pensava mais na Sue como uma garota. Ao contrário de Julie, ela era apenas uma irmã, uma pessoa. Numa longa tarde de domingo, Julie entrou enquanto conversávamos sobre nossos pais. Eu tinha acabado de dizer que eles se odiavam secretamente e que mamãe tinha ficado aliviada com a morte de nosso pai. Julie

sentou-se na cama ao lado de Sue, cruzou as pernas e bocejou. Parei e limpei a garganta.

"Continue", disse Julie, "parece interessante."

"Não era nada."

"Ah", disse Julie. Corou um pouco e olhou para baixo. Então foi a vez de Sue limpar a garganta. Ficamos todos esperando.

Fiz a tolice de continuar: "Só estava dizendo que não acho que mamãe gostava realmente do papai".

"Não gostava?", Julie perguntou fingindo interesse. Ela estava com raiva.

"Sei lá", murmurei. "Talvez você saiba."

"E por que eu deveria saber?" Houve outro silêncio, e então Sue disse: "Porque você fala mais com ela do que nós".

A raiva de Julie tomou a forma de um silêncio crescente. Ela ficou de pé e, depois de atravessar o quarto, voltou-se ao chegar à porta para dizer com toda a calma: "Só porque vocês dois nem querem saber dela". Ficou lá parada esperando uma resposta e, por fim, foi embora, deixando atrás de si um leve cheiro de perfume.

No dia seguinte, depois da escola, ofereci-me para acompanhar mamãe nas compras.

"Não vai ter nada para carregar", ela disse. Estava no lúgubre hall de entrada, dando nó no lenço de pescoço diante do espelho.

"Me deu vontade de andar", resmunguei.

Caminhamos em silêncio durante vários minutos, até que ela passou o braço pelo meu e disse: "Daqui a pouco é o teu aniversário".

"E, já está pertinho."

"Você está feliz de fazer quinze anos?"

"Não sei."

Enquanto esperávamos na farmácia que preparassem seu remédio, perguntei a minha mãe o que o médico havia dito. Ela examinava um sabonete embrulhado para presente num pratinho de plástico. Colocou-o de volta na prateleira e deu um sorriso alegre.

"Ah, estão dizendo bobagens. Parei com todos eles." Fez um sinal de cabeça na direção do balcão. "Desde que eu tenha minhas pílulas."

Senti-me aliviado. O remédio chegou finalmente num pesado vidro marrom, que me ofereci para carregar. Na volta, ela propôs que fizéssemos uma festinha no meu aniversário e sugeriu que eu convidasse alguns colegas da escola. "Não", respondi de imediato, "só mesmo a família."

Durante o resto da caminhada fizemos planos, ambos felizes de ter finalmente alguma coisa para conversar. Mamãe lembrou da festa de aniversário de dez anos de Julie. Na época eu tinha oito anos, mas também me lembrava daquele dia. Julie tinha chorado porque alguém lhe dissera que não havia mais aniversários depois de completados os dez anos. Durante certo tempo isso virou uma piada na família. Nenhum de nós dois mencionou o papel que meu pai tinha desempenhado naquela e em todas as outras festas de que eu era capaz de me lembrar. Ele gostava de organizar as crianças em filas bem precisas, onde tinham de esperar quietinhas sua vez de participar de alguma brincadeira inventada por ele. O barulho e a

bagunça, crianças correndo sem propósito por toda parte, tudo isso o irritava profundamente. Nunca houve uma festa de aniversário em que ele não brigasse com alguém. No aniversário de oito anos de Sue, tentou mandá-la para a cama por fazer alguma traquinada. Mamãe interveio, mas essa foi a última festa. Tom nunca teve seu aniversário comemorado. Já estávamos em silêncio ao chegarmos ao portão da casa. Enquanto ela procurava na bolsa pela chave da porta, perguntei-me se mamãe também não estaria feliz de fazermos uma festa sem a presença dele.

"Pena que papai não possa...", comecei, mas ela interrompeu: "Coitado dele. Ficaria tão orgulhoso de você!".

Dois dias antes de meu aniversário mamãe caiu de cama.

"Daqui a pouco vou estar de pé", ela disse quando Sue e eu fomos vê-la. "Não estou doente, só muito, muito cansada." Mal conseguia manter os olhos abertos enquanto falava. Ela já havia feito um bolo coberto com círculos concêntricos de glacê vermelho e azul. No centro havia uma vela. Tom achou muita graça nisso.

"Você não tem quinze anos", ele gritou, "só vai fazer um ano no dia do teu aniversário."

De manhã cedinho Tom veio ao meu quarto e pulou na cama.

"Acorda, acorda, você está fazendo um ano hoje!"

No café da manhã, Julie me entregou, sem dizer uma palavra, um saquinho de couro que continha

um pente de metal e uma tesourinha de unha. Sue me deu um livro de ficção científica. Na capa, um enorme monstro tentacular envolvia uma nave espacial contra um céu negro pontilhado de estrelas brilhantes. Levei a bandeja para o quarto de minha mãe. Quando entrei, ela estava deitada de costas, os olhos bem abertos. Sentei na beira da cama e equilibrei a bandeja nos joelhos. Ela se apoiou nos travesseiros e começou a tomar o chá. Só então disse: "Parabéns, meu filho. Não consigo falar de manhã antes de beber alguma coisa".

Abraçamo-nos desajeitadamente por cima da xícara que ela ainda segurava numa das mãos. Abri o envelope que me deu. Dentro de um cartão de aniversário havia duas notas de uma libra. O cartão mostrava uma natureza-morta com um globo terrestre, uma pilha de velhos livros encadernados em couro, material de pesca e uma bola de críquete. Abracei-a de novo e ela disse "Cuidado!" quando a xícara bamboleou no pires. Ficamos sentados por algum tempo e ela apertou minha mão. A dela era amarelada e descarnada, me fazendo lembrar um pé de galinha.

Fiquei deitado na cama a manhã toda lendo o livro que Sue me havia dado. Era o primeiro romance que eu lia para valer. Minúsculos esporos portadores de vida, que flutuavam em nuvens através das galáxias, tinham sido atingidos pelos raios especiais de uma estrela moribunda e, depois disso, geraram um monstro colossal que se alimentava de raios X e passara a

aterrorizar o tráfego regular entre a Terra e Marte. Coube ao comandante Hunt a missão de destruir a monstruosa criatura e também fazer desaparecer seu corpo gigantesco.

"Permitir que ele vague pelo espaço para sempre", explicou um cientista a Hunt numa de suas inúmeras reuniões preparatórias, "criaria um risco de colisão, além do quê, ninguém sabe o efeito que outros raios cósmicos poderão ter sobre seus restos apodrecidos. Quem sabe que outras mutações pavorosas podem surgir da carcaça?"

Quando Julie veio ao meu quarto para informar que mamãe não ia se levantar e que comeríamos o bolo em volta de sua cama, eu estava tão imerso na história que a olhei sem compreender.

"Por que você não faz um favor para ela", disse Julie ao sair, "e se lava ao menos uma vez?"

De tarde, Tom e Sue carregaram o bolo e as xícaras para cima. Tranquei-me no banheiro e me postei diante do espelho. Eu não era o tipo de gente que o comandante Hunt desejaria ter a bordo de sua espaçonave. Embora estivesse tentando deixar crescer a barba para esconder minha pele, cada um dos fios esparsos conduzia o olhar, como se fosse um dedo em riste, para a espinha que ficava na sua base. Enchi a pia de água quente e me debrucei, com as palmas das mãos imersas, transferindo parte do peso do corpo para o fundo da pia. Eu frequentemente passava meia hora assim, inclinado na direção do espelho, as mãos e os pulsos mergulhados na água quente. Era a coisa mais próxima de um

banho. Eu ficava sonhando acordado, dessa vez pensei no comandante Hunt. Quando a água esfriou, sequei as mãos e tirei do bolso o saquinho de couro. Cortei as unhas e penteei meus cabelos castanhos e escorridos, testando vários estilos até decidir comemorar meu aniversário com um repartido no centro.

Mal entrei no quarto de minha mãe, Sue começou a cantar "Parabéns pra você", seguida pelos outros. O bolo, com a vela já acesa, ocupava a mesinha de cabeceira. Mamãe estava cercada de travesseiros e, conquanto movesse os lábios, não consegui ouvir sua voz. Quando o canto terminou, soprei a vela e Tom dançou diante da cama, cantando "Você fez um ano, você fez um ano", até que Julie o mandou se calar.

"Você está muito arrumadinho", disse minha mãe. "Acabou de tomar banho?"

"É", respondi, cortando o bolo.

Sue despejou nas canecas o suco de laranja que acabara de fazer, usando, segundo disse, dois quilos de laranjas de verdade.

"Todas as laranjas são de verdade, não são, mamãe?" perguntou Tom.

Rimos todos e Tom, encantado com seu feito, repetiu a pergunta várias vezes, embora com sucesso decrescente. De fato, aquilo não chegava a ser uma festa e eu estava ansioso para voltar ao livro. Julie arrumara quatro cadeiras formando uma curva rasa num dos lados da cama, e lá ficamos mordiscando o bolo e bebericando o suco. Mamãe não comeu nem

bebeu nada. Julie queria que acontecesse alguma coisa, queria que fôssemos divertidos.

"Conte uma piada para nós", ela disse para Sue, "aquela que você me contou ontem."

Quando Sue acabou de contar a piada e mamãe riu, Julie disse a Tom: "Mostre para nós suas cambalhotas".

Tivemos de mudar de lugar as cadeiras e os pratos para que Tom, rindo loucamente, executasse suas contorções no chão. Julie o fez parar depois de algum tempo e se voltou para mim.

"Por que você não canta alguma coisa para nós?"

"Não sei cantar nada", respondi.

"Sabe, sim", ela disse. "Que tal 'Greensleeves'?"

O título da música já me irritava. "Gostaria que você parasse de dizer aos outros o que eles têm de fazer", eu disse. "Você não é Deus, é?"

Sue interveio: "Você tem de fazer alguma coisa, Julie".

Enquanto Julie e eu falávamos, Tom tirara os sapatos e trepara na cama da mamãe. Ela havia passado o braço por seu ombro e nos olhava como se estivéssemos muito distantes.

"E isso", eu disse para Julie, "faça alguma coisa para variar."

Sem dizer uma palavra, Julie pulou no espaço aberto para as cambalhotas de Tom e, de repente, se pôs de pernas para o ar apoiada apenas nas mãos, o corpo retesado, enxuto e totalmente imóvel. A saia cobriu seu rosto. As calcinhas, de um branco reluzente, contrastavam com o moreno das pernas, e eu podia ver as

pequenas pregas do tecido em volta do elástico que cingia sua barriga lisa e musculosa. Alguns cabelinhos negros e encaracolados escapavam da superfície branca entre as coxas. Unidas de início, as pernas começaram a se separar lentamente como os braços de um gigante. Julie juntou-as de novo e, deixando que tombassem no solo, pôs-se de pé outra vez. Num momento confuso, muito agitado, me dei conta de haver levantado da cadeira para cantar "Greensleeves" numa voz trêmula e apaixonada de tenor. Quando terminei, todos aplaudiram e Julie apertou minha mão. Mamãe sorria com ar sonolento. Tudo foi arrumado rapidamente; Julie tirou Tom da cama, Sue carregou a louça e os restos do bolo, eu levei as cadeiras.

NUMA TARDE QUENTE, achei uma marreta escondida sob o capim alto no jardim de uma das casas demolidas, onde eu mexia a esmo nas coisas, entediado. A casa havia sido destruída pelo fogo uns seis meses antes. Entrei na sala de visitas carbonizada, com o teto caído e o assoalho consumido pelas chamas. Uma parede divisória permanecia de pé, tendo no centro uma portinhola que dava para a cozinha. Um dos pequenos batentes de madeira ainda estava preso às dobradiças. Na cozinha, seções dos canos de água e fios elétricos se agarravam à parede, enquanto uma pia despedaçada jazia no chão. Em todos os quartos cresciam ervas daninhas em busca de luz. A maioria das casas ainda conservava os acessórios inamovíveis em

seus lugares de origem, cada qual indicando o que devia ser feito: aqui você come, aqui dorme, aqui senta. Mas nessa casa incendiada reinava a desordem, tudo desaparecera. Tentei imaginar, naqueles aposentos escancarados e violentados, tapetes, armários, quadros, cadeiras, uma máquina de costura. Agradou-me a ideia de que esses objetos agora pareciam irrelevantes e frágeis. Num dos quartos, havia um colchão retorcido entre as traves chamuscadas e quebradas do estrado. A parede se desfazia em volta da janela, o teto cedera sem chegar ao chão. As pessoas que haviam se deitado naquele colchão, eu pensei, realmente acreditavam estar num "quarto de dormir", convencidas de que aquilo duraria para sempre. Visualizei meu próprio quarto, o de Julie, o de mamãe, quartos que um dia se transformariam em ruínas. Pensando nessas coisas, eu havia trepado no colchão e me apoiava num fragmento da parede, quando vi o cabo da marreta em meio ao capim. Pulei no chão e a peguei. Tatuzinhos cinzentos viviam embaixo da maciça cabeça de ferro e, em grande confusão, começaram a correr de um lado para outro no seu pedacinho de terra. Golpeei-os com a marreta e senti a terra tremer sob meus pés.

Aquela ferramenta, deixada pelos bombeiros ou por uma equipe de demolição, era um achado. Equilibrei a marreta sobre o ombro e a levei para casa, pensando no que eu poderia arrebentar com proveito. No jardim, o morrinho de pedras, coberto de mato, se desintegrava. Não havia

nada para golpear exceto as lajes, que já estavam rachadas. Decidi-me pelo caminho de concreto — quatro metros e meio de comprimento e cinco centímetros de espessura — que não servia para nada. Tirei a camisa e pus mãos à obra. Um pedaço de concreto se desfez ao primeiro golpe, mas as pancadas seguintes não produziram o menor efeito, nem uma única rachadura. Descansei e recomecei. Dessa vez, surpreendentemente, abriu-se uma grande fenda e um pedaço de concreto substancial e satisfatório se destacou. Tinha uns sessenta centímetros de largura e era pesado para levantar. Puxei-o para o lado e o encostei na cerca. Ia pegar de volta a marreta quando ouvi a voz de Julie às minhas costas. "Você não pode fazer isso." Ela usava um biquíni verde-esmeralda. Trazia numa das mãos uma revista, na outra, os óculos escuros. Naquele lado da casa estávamos mergulhados numa sombra profunda. Descansei a cabeça da marreta no solo, entre meus pés, e me apoiei no cabo.

"O que é que você está dizendo? Por que não?"

"Mamãe disse." Peguei a marreta e golpeei o concreto do caminho com toda a força. Olhei por cima do ombro para minha irmã, que fez um gesto de desprezo e se afastou.

"Por quê?", perguntei, levantando a voz para alcançá-la.

"Ela não está se sentindo bem", disse Julie sem se voltar. "Está com dor de cabeça." Praguejei e encostei a marreta na parede.

Eu tinha aceitado sem curiosidade o fato de que minha mãe agora raramente saía da cama. Ela foi se transformando numa inválida tão gradualmente que nós quase não falávamos sobre isso. Depois de meu aniversário, quinze dias antes, nunca mais se levantou. Nós nos adaptamos muito bem. Revezávamo-nos para subir com a bandeja, Julie fazia as compras ao voltar da escola. Sue a ajudava a cozinhar e eu lavava os pratos. Mamãe vivia cercada de revistas e livros trazidos da biblioteca, mas nunca a vi lendo. Dormitava sentada a maior parte do tempo e, quando eu entrava no quarto, acordava com um pequeno sobressalto, dizendo algo assim: "Ah, devo ter dado uma cochilada". Como não recebíamos visitas, não se tinha a quem perguntar o que havia de errado com ela — e por isso nem fiz a pergunta claramente a mim próprio. Julie, como se verificou, sabia muito mais. Todo sábado de manhã ela levava a receita para a farmácia e voltava com o vidro marrom novamente cheio. Nenhum médico vinha ver mamãe. "Já me consultei com um número suficiente de médicos e fiz um número suficiente de exames para valer pela vida inteira." Achei razoável que alguém se cansasse dos médicos. O quarto dela tornou-se o centro da casa. Lá ficávamos, conversando entre nós ou ouvindo seu rádio enquanto ela cochilava. As vezes a ouvia dando instruções a Julie sobre as compras ou as roupas de Tom, sempre em voz baixa e falando rápido. "Quando mamãe ficar boa" passou a representar um tempo vago e duvidoso

no futuro próximo, quando os velhos hábitos seriam restaurados. Julie se comportava de modo sério e eficiente, mas eu suspeitava de que se aproveitava da situação, que tinha prazer em me dar ordens.

"Já é hora de você limpar seu quarto", ela me disse num fim de semana.

"Como é que é?"

"Está uma sujeira e fede que é um horror." Eu não disse nada. Julie continuou: "É melhor que você dê uma limpeza. Foi mamãe que mandou". Como minha mãe estava doente, eu achava que precisava fazer o que ela queria e, embora nem tocasse no quarto, eu pensava naquilo, ficava preocupado. Mas mamãe nunca me falou sobre o assunto, e comecei a achar que também nunca havia falado com Julie.

Após contemplar a marreta por um ou dois minutos, fui para o jardim de trás. Estávamos no meio de julho. Faltava apenas uma semana para começarem as férias de verão e tinha feito calor nas seis últimas semanas. Era difícil imaginar que algum dia voltaria a chover. Ansiosa para se bronzear, Julie havia preparado um pequeno espaço plano no topo do morrinho de pedras. Todo dia, após voltar da escola, se deitava lá sobre uma toalha de banho durante uma hora com as mãos e os dedos grudados ao corpo e chapados no solo. Virava de bruços a cada dez minutos, soltando com os polegares as alças do biquíni. Ela gostava do contraste entre sua pele mais e mais queimada e a blusa branca do uniforme escolar. Havia acabado de se ajeitar de novo quando contornei a esquina da casa. De barriga para baixo, tinha a cabeça aninhada nos braços e o rosto voltado para o outro lado, na direção do terreno baldio onde grandes moitas de urtiga morriam de sede. Junto dela, entre os óculos escuros e um grosso tubo de loção bronzeadora, havia um minúsculo rádio-transistor, preto e prateado, do qual vinha o som débil de animadas vozes masculinas. Os flancos do morrinho caíam abruptamente a partir de onde ela estava. Qualquer pequeno movimento para a esquerda, e ela rolaria até meus pés. Com os arbustos e as ervas tão murchos, seu biquíni, cintilante e luminescente, era a única coisa verde nas imediações.

"Escute", disse para ela acima das vozes do rádio. Julie não voltou a cabeça para me ver, mas sabia que me ouvira. "Quando é que mamãe lhe disse

para eu parar de fazer barulho?" Como ela não se moveu nem respondeu, trepei no morrinho para ver seu rosto. Os olhos estavam abertos. "Você ficou aqui fora esse tempo todo." Mas Julie pediu: "Você pode passar um pouco de loção nas minhas costas?". Ao subir mais um pouco, desloquei uma pedra de bom tamanho, que tombou com um baque surdo.

"Cuidado", disse Julie. Ajoelhei-me entre suas pernas abertas e esguichei do tubo uma substância clara e cremosa na palma da mão. "Precisa mais nos ombros e no pescoço", continuou Julie e, curvando a cabeça, afastou os cabelos da nuca. Embora só estivéssemos um metro e meio acima do solo, lá parecia soprar uma aragem leve e refrescante. Ao espalhar o creme em seus ombros, reparei como minhas mãos eram pálidas e encardidas em contraste com a pele de suas costas. As alças do biquíni, desatadas, serpenteavam no chão. Movendo-me um pouquinho para o lado, podia entrever seu seio, obscurecido pela sombra do corpo. Quando acabei, ela disse por cima do ombro: "Agora nas minhas pernas". Dessa vez espalhei o creme tão rápido quanto pude, com os olhos semicerrados. Senti-me tonto, nauseado. Julie apoiara de novo a cabeça no antebraço, sua respiração era lenta e regular como a de uma pessoa dormindo. No rádio, uma voz aguda anunciava os resultados das corridas de cavalo num tom absurdamente monótono. Tão logo suas pernas ficaram corretamente protegidas, pulei do morrinho de pedras.

"Obrigada", disse Julie, sonolenta. Disparei para dentro de casa e escada acima até o banheiro. Mais tarde, joguei a marreta no porão.

A cada três manhãs eu tinha de levar Tom para a escola. Era sempre difícil fazê-lo ir. As vezes ele gritava e dava pontapés, tendo que ser carregado à força para fora de casa. Certa manhã, pouco antes das férias, ele me disse calmamente enquanto caminhávamos que tinha um "inimigo" na escola. A palavra soou estranha em seus lábios e perguntei o que ele queria dizer com aquilo. Explicou que um garoto maior que ele queria pegá-lo.

"Ele vai quebrar minha cara", disse com ar de espanto. Não fiquei surpreso. Tom era mesmo o tipo de garoto que tinha tudo para ser maltratado. Era pequeno para seus seis anos, além de fraco. Pálido, com orelhas de abano, costumava trazer estampado no rosto um sorriso boboca e tinha cabelos negros que formavam uma grossa franja caída para um lado. Pior ainda, era inteligente e adorava discutir por qualquer coisinha — a vítima perfeita dos recreios escolares.

"Me diga quem é ele", eu falei, aprumando o corpo, "que eu cuido disso." Paramos do lado de fora da escola e olhamos através das grades pretas.

"Aquele", ele disse finalmente, apontando na direção de um abrigo de madeira. Era um garoto magricela, uns dois anos mais velho que Tom, ruivo e sardento. O tipo mais malvado, pensei. Atravessei correndo o pátio de recreio e o puxei pela gola com a mão direita. Com a outra, agarrei-

o pela garganta, bati a cabeça dele com força contra o abrigo e o preendi lá. Seu rosto tremeu e pareceu inchar. Tive vontade de dar uma gargalhada, tal era minha alegria.

"Se você encostar um dedo no meu irmão", disse em tom sibilante, "vou arrancar as tuas pernas." Então o soltei.

Foi Sue quem trouxe Tom para casa naquela tarde após a escola. A camisa dele estava em farrapos, um dos sapatos desaparecera. Um lado do rosto estava vermelho e inchado, um canto da boca exibía um corte. Os dois joelhos estavam arranhados e havia marcas de sangue seco na canela. A mão esquerda estava inchada e dolorida, como se alguém tivesse pisado nela. Tão logo entrou em casa, Tom começou a uivar como um animal e rumou para a escada. "Não deixe mamãe ver ele assim", Julie gritou. Pulamos em cima dele como uma matilha de lobos se atirando sobre um coelho ferido e o levamos ao banheiro do andar térreo, fechando a porta. Com os quatro lá dentro não havia muito espaço para nos mexermos, e a acústica do pequeno aposento tornava os berros de Tom ensurdecedores. Julie, Sue e eu nos amontoamos em volta dele, cobrindo-o com beijos e carícias enquanto tirávamos suas roupas. Sue também estava quase chorando.

"Ah, Tom", ela repetia, "pobrezinho do Tom." Apesar disso, eu ainda consegui ter inveja de meu irmão nu. Julie estava sentada na beirada da banheira segurando-o entre as pernas enquanto limpava o rosto dele com algodão. Sua mão livre o escorava, a palma contra a barriga um pouco

acima da virilha. Sue envolveu a mão ferida de Tom num pano úmido.

"Foi aquele garoto ruivo?", perguntei.

"Não", Tom respondeu aos prantos, "o amigo dele." Depois de limpo, vimos que não estava muito machucado e o clima de drama se dissipou. Julie embrulhou-o numa toalha de banho e o levou para cima. Sue e eu fomos preparar mamãe. Ela devia ter ouvido algo, porque estava de pé, vestindo o penhoar, pronta para descer.

"Só uma briguinha na escola", lhe dissemos. "Mas ele está bem agora." Ela voltou para a cama e Julie pôs Tom a seu lado. Mais tarde, enquanto tomávamos chá e comentávamos em volta da cama o que tinha acontecido, Tom, ainda embrulhado na toalha, caiu no sono.

Estávamos no andar de baixo certa noite depois do jantar. Tom e mamãe já dormiam. Minha mãe tinha mandado Julie ir à escola falar com a professora acerca da violência sofrida por Tom e conversávamos sobre isso. Sue nos disse que havia tido uma conversa muito "estranha" com Tom e ficou esperando que algum de nós dois lhe pedisse para prosseguir.

"E então, o que é que ele disse?", perguntei em tom irritadiço passado meio minuto. Sue deu uma risadinha.

"Ele me pediu para não contar a ninguém."

"Então é melhor não contar", Julie disse, mas Sue continuou: "Ele veio ao meu quarto e perguntou 'Como é ser uma garota?' e eu disse 'É bom, por quê?'. Ele disse que estava *cansado* de ser um garoto e agora queria ser uma garota. Então eu

falei 'Mas você não pode ser uma garota se é um garoto' e ele respondeu 'Posso, sim, se quiser eu posso'. Aí perguntei 'Por que você quer ser uma garota?' e ele respondeu 'Porque ninguém te bate se você for uma garota'. Eu disse que às vezes as garotas apanhavam, mas ele disse 'Não é verdade, não apanham, não'. Perguntei 'E como você pode ser uma garota quando todo mundo sabe que é um garoto?' e ele respondeu 'Vou usar um vestido, pentear o cabelo igual a você e entrar pelo portão das meninas'. Então eu disse que ele não podia fazer aquilo, e ele disse que podia, sim, e repetiu que queria mesmo, ele quer...".

As duas riam tanto a essa altura que Sue não conseguiu continuar com a história. Eu nem sorri. Estava horrorizado, mas também fascinado.

"Coitadinho", Julie disse. "Se é isso que ele quer, devemos deixar que seja uma garota." Sue estava encantada. Bateu palmas. "Ele ia ficar tão bonito numa de minhas roupas velhas. Aquele rostinho tão doce..." Entreolharam-se e riram. Havia uma estranha excitação no ar.

"Ele ia ficar com cara de idiota", eu disse de repente. "Ah, é?", Julie perguntou friamente. "Por que você acha isso?"

"Você sabe que ele ia..." Houve uma pausa. Julie estava recolhendo sua raiva e dando-lhe forma. Seus braços nus descansavam sobre a mesa, mais bronzeados do que nunca mesmo sob a luz elétrica.

"Fazendo ele ficar com cara de idiota", resmunguei quando senti que devia calar-me, "só para vocês rirem."

Julie falou com calma: "Você acha que as garotas parecem idiotas, loucas, bobocas...".

"Não", respondi indignado.

"Você acha que é humilhante ter a aparência de uma garota porque acha que é humilhante *ser* uma garota."

"Seria para Tom, isso dele se parecer com uma garota." Julie respirou fundo e sua voz se transformou num murmúrio.

"As garotas podem vestir calças jeans, cortar o cabelo curto, usar camisas e botas porque é bom ser um garoto, para uma garota é como uma promoção. Mas, na sua opinião, um garoto se parecer com uma garota é degradante porque, secretamente, você acredita que ser uma garota é degradante. Por que outro motivo você iria achar que é humilhante para Tom usar uma saia?"

"Porque é", respondi com firmeza.

"Mas por quê?", Julie e Sue perguntaram ao mesmo tempo. E, antes que eu atinasse com uma resposta, Julie continuou: "Se eu usasse suas calças na escola amanhã e você usasse minha saia, íamos logo ver quem teria mais problemas. Todo mundo ia apontar para você e rir". Nesse ponto Julie apontou por cima da mesa, seus dedos chegando a alguns centímetros de meu nariz.

"Olhem só para ele! Ele parece... eca!... uma *garota!*"

"E olhem para ela", Sue falou apontando para Julie, "ela está muito... *chique* nessas calças." Minhas duas irmãs riram tanto que se jogaram nos braços uma da outra.

Foi uma discussão meramente técnica, porque no dia seguinte Tom estava de volta à escola e sua professora escreveu uma longa carta para mamãe. Ela leu em voz alta partes da carta enquanto Sue e eu instalávamos a mesa da sala de jantar em seu quarto.

"E um prazer contar com Tom em nossa classe." Mamãe releu essa frase algumas vezes com grande satisfação. Gostou também de outra que dizia: "Ele é uma criança doce, mas dinâmica". Havíamos decidido fazer as refeições no quarto com mamãe. Como levei também duas poltronas pequenas, agora quase não havia espaço para nos movermos em volta da cama. A leitura da carta a exauriu. Ela recostou-se nos travesseiros, segurando débilmente os óculos numa das mãos. A carta deslizou para o chão. Sue a apanhou e enfiou no envelope.

"Quando eu ficar de pé", mamãe disse para ela, "vamos pintar de novo a sala antes de botarmos essa mobília de volta." Sue aboletou-se na cama para discutirem as combinações de cores. Fiquei sentado à mesa, apoiado nos cotovelos. Era o final da tarde e ainda fazia muito calor. As duas janelas do quarto estavam escancaradas. De fora vinha o som de meninos brincando mais acima na rua, nas casas pré-fabricadas vazias, gritos repentinos rompendo o murmúrio de vozes, o nome de alguém sendo chamado. Havia muitas moscas no quarto. Observei enquanto uma subia ao longo de todo o meu braço. Julie estava tomando sol no morrinho de pedras e Tom brincava na rua.

Minha mãe adormeceu. Sue retirou os óculos de sua mão, fechou-os e os colocou na mesinha de cabeceira, saindo depois do quarto. Ouvi o subir e descer da respiração de mamãe. A disposição do muco em seu nariz causava um som débil, mas agudo, como uma lâmina cortando o ar, que foi desaparecendo aos poucos. A presença da mesa de jantar lá em cima ainda era uma novidade para mim, eu não conseguia ir embora. Notei pela primeira vez, sob o verniz escuro, os veios negros e sinuosos da madeira. Descansei os braços nus na superfície fria. A mesa ali parecia mais substancial e eu já não podia imaginá-la no andar térreo. Minha mãe fez um som breve e quase inaudível, a língua batendo nos dentes como se ela mastigasse ou sonhasse que tinha sede. Finalmente, levantei-me e fiquei de pé junto à janela, bocejando sem parar. Tinha deveres de casa para fazer, mas, como as longas férias de verão estavam prestes a começar, já não me importava com isso. Nem sabia se queria voltar para a escola no outono, porém também não tinha planos de fazer nenhuma outra coisa. Lá fora, Tom e um garoto mais ou menos do seu tamanho puxaram um pneu de caminhão rua abaixo até saírem de meu campo de visão. O fato de que o estavam arrastando, em vez de rolá-lo, me deu um cansaço imenso.

la voltar para a mesa, mas minha mãe me chamou e fui sentar-me na cama. Ela riu e tocou meu pulso. Pus a mão entre os joelhos. Não queria ser tocado, estava quente demais.

"O que é que você ia fazer?", ela perguntou.

"Nada", respondi suspirando.

"Está entediado?" Fiz sinal que sim. Ela tentou me fazer uma carícia, mas eu estava fora de seu alcance.

"Tomara que você consiga encontrar um emprego nas férias, ganhar um dinheirinho seu." Soltei um grunhido ambíguo e a olhei de frente. Como sempre, seus olhos eram muito fundos, e a pele à volta deles, escura e cheia de dobras, parecia ser também dotada de visão. Os cabelos estavam mais ralos e grisalhos, alguns fios podiam ser vistos sobre o lençol. Por cima da camisola ela vestia um cardigã rosa e cinza cujo punho era mais grosso porque ali ficava enfiado o lenço.

"Sente-se mais perto. Tenho uma coisa para lhe dizer e não quero que os outros ouçam." Cheguei mais próximo da cabeceira e ela pousou a mão em meu antebraço.

Passaram-se uns dois minutos sem que ela falasse. Esperei, um pouco aborrecido, suspeitando que quisesse falar sobre minha aparência ou meu sangue desperdiçado. Nesse caso, estava pronto a me levantar da cama e sair do quarto. Finalmente, ela disse apenas: "Eu talvez tenha de ir embora em breve".

"Para onde?", perguntei imediatamente.

"Para o hospital, quero dar uma chance para eles descobrirem o que é que eu tenho."

"Por quanto tempo?" Ela fez uma pausa, seus olhos se afastaram dos meus e se fixaram num ponto acima do meu ombro.

"Pode ser por muito tempo. É por isso que quero falar com você." Eu estava mais interessado em

saber o que ela entendia por muito tempo, um sentimento de liberdade se misturava à minha preocupação. Mas ela continuou: "Isso significa que você e Julie vão ter que assumir o controle".

"Você quer dizer que Julie vai assumir o controle", comentei emburrado.

"Vocês dois", ela disse com firmeza. "Não é justo deixar toda a carga em cima dela."

"Então diga isso a ela, diga que eu também estou no controle."

"A casa tem que ser bem administrada, Jack, e é preciso cuidar do Tom. As coisas têm de ser mantidas limpas e arrumadas porque, se não for assim, você sabe o que vai acontecer."

"O quê?"

"Eles vêm aqui e tomam a guarda de Tom, talvez a sua e a de Sue também. Julie não ia querer viver aqui sozinha. A casa ficaria abandonada, todo mundo ia saber e logo, logo alguém entraria e levaria as coisas, iam quebrar tudo." Ela apertou carinhosamente meu braço e sorriu. "E então, quando eu sair do hospital, nós não teríamos um lugar para morar." Concordei com a cabeça. "Abri uma conta nos correios no nome de Julie, minha poupança vai ser depositada lá. Haverá dinheiro suficiente para todos vocês por um bom tempo, certamente até que eu saia do hospital." Ela voltou a se recostar nos travesseiros e semicerrou os olhos. Levantei-me.

"Está bem, quando é que você vai?"

"Talvez ainda demore uma ou duas semanas", ela respondeu sem abrir os olhos. Quando cheguei à

porta, continuou: "Acho que, quanto mais cedo, melhor".

"Também acho." A posição diferente de onde vinha minha voz fez com que ela reabrisse os olhos. Parei na porta, pronto para sair. Ela disse: "Estou cansada de ficar aqui deitada o dia todo sem fazer nada".

Três dias depois estava morta. Julie a encontrou ao voltar da escola na tarde de sexta-feira, último dia do período de aulas do verão. Sue tinha levado Tom para nadar e eu cheguei poucos minutos depois de Julie. Quando me aproximei da porta da frente, a vi debruçada na janela do quarto de mamãe; ela também me viu, porém nos ignoramos. Não subi logo. Tirei o paletó e os sapatos, bebi um copo de água fria na torneira da cozinha. Procurei alguma coisa para comer na geladeira, achei um pedaço de queijo e o comi com uma maçã. Reinava um silêncio absoluto na casa e me senti oprimido ao pensar que teria semanas e mais semanas sem nada para fazer. Não havia ainda encontrado um emprego, na verdade nem tinha procurado. Por força do hábito, subi para cumprimentar minha mãe. Encontrei Julie diante do quarto de mamãe. Quando ela me viu, fechou a porta e se curvou para passar a chave. Algo trêmula, encarou-me, a mão cerrada em torno da chave.

"Ela morreu", Julie disse em tom neutro.

"O quê? Como é que você sabe?"

"Ela já vem morrendo há muitos meses." Julie me empurrou para o lado no topo da escada. "Ela não

queria que a gurizada soubesse." Ofendi-me de imediato com a "gurizada".

"Quero ver", eu disse. "Me dê a chave." Julie negou com a cabeça.

"E melhor você descer e nós conversarmos antes que Tom e Sue cheguem." Pensei por um momento em arrancar a chave de sua mão, porém dei meia-volta e, abobalhado, quase cometendo a blasfêmia de soltar um riso inoportuno, segui minha irmã escada abaixo.

QUANDO CHEGUEI À COZINHA, Julie já havia se recomposto. Tinha prendido os cabelos num rabo de cavalo e estava apoiada na pia, os braços cruzados. Todo o peso do seu corpo se concentrava num dos pés; o outro, encostado no armário às suas costas, fazia com que o joelho apontasse para fora.

"Onde é que você andava?", perguntou, sem que eu compreendesse o que ela queria dizer.

"Eu quero ver", insisti. Julie fez que não com a cabeça. "Nós dois estamos no controle", continuei, circundando a mesa da cozinha. "Ela me falou."

"Ela está morta. Sente-se. Você ainda não compreendeu? Ela morreu." Sentei-me.

"Também estou no controle", eu disse, começando a chorar porque me senti trapaceado. Minha mãe tinha partido sem contar a Julie sobre nossa conversa. E não para o hospital, mas de uma vez por todas, sem possibilidade de confirmar minhas palavras. Percebi claramente, por alguns momentos, o significado de sua morte, e meu choro se tornou seco e forte. Mas logo me vi como alguém cuja mãe tivesse acabado de morrer, e

meu choro se tornou de novo molhado e fácil. A mão de Julie estava pousada no meu ombro. Ao me dar conta disso, vi, como se estivesse olhando de fora através da janela da cozinha, o quadro imóvel que formávamos, um sentado, o outro de pé, e por instantes não tive certeza de qual dos dois era eu. Eu tocava alguém que estava sentado e chorava. Não tinha certeza se Julie aguardava com ternura ou impaciência que eu parasse de chorar. Não sabia se ela ao menos estava pensando em mim, porque a mão no meu ombro tinha um toque neutro. Essa incerteza me fez parar de chorar. Queria ver a expressão em seu rosto. Julie retomou a postura junto à pia e disse: "Tom e Sue vão chegar daqui a pouco". Enxuguei o rosto e assoei o nariz na toalha da cozinha. "Acho melhor falar logo para eles quando chegarem." Concordei com a cabeça e esperamos em silêncio por quase meia hora.

Quando Sue entrou e Julie lhe contou o que acontecera, as duas caíram no pranto e se abraçaram. Tom ainda estava do lado de fora. Fiquei olhando minhas irmãs chorarem, tive a impressão de que pareceria hostil se saísse dali. Senti-me excluído, mas não quis demonstrar isso. Em certo momento pus a mão no ombro de Sue, tal como Julie pusera no meu, porém nenhuma das duas notou minha presença, assim como dois lutadores em *clinch* não notariam, e por isso afastei a mão. Enquanto choravam, Julie e Sue diziam coisas ininteligíveis, talvez para si próprias, talvez uma para a outra. Gostaria de poder me entregar como elas, mas me sentia vigiado. Queria

sair dali e olhar-me no espelho. Quando Tom chegou, elas se separaram e ocultaram o rosto. Ele pediu um copo de suco, bebeu-o e partiu. Sue e eu seguimos Julie até o andar de cima e, enquanto esperávamos atrás dela que abrisse a porta, pensei em nós dois como um casal prestes a entrar num sinistro quarto de hotel. Arrotei. Sue deu uma risada e Julie fez um som sibilante pedindo silêncio.

As cortinas não estavam fechadas, segundo Julie me explicou depois, para "evitar suspeitas". A luz do sol banhava o quarto. Mamãe estava recostada nos travesseiros, as mãos sob o lençol. Podia estar cochilando, porque não tinha os olhos arregalados como os das pessoas mortas nos filmes, embora eles também não estivessem totalmente fechados. No chão, junto à cama, espalhavam-se suas revistas e livros; na mesinha de cabeceira havia um despertador ainda tiquetaqueando, um copo d'água e uma laranja. Enquanto Sue e eu a observávamos do pé da cama, Julie pegou o lençol e tentou cobrir a cabeça de mamãe, mas, como ela estava sentada, o lençol não chegou até em cima. Julie puxou com mais força, o lençol se soltou e ela pôde cobrir a cabeça. Mas os pés de mamãe apareceram por baixo da coberta, com uma coloração azulada e os dedos bem espaçados. Sue e eu demos outra risadinha. Julie puxou a coberta para ocultar os pés e a cabeça de mamãe ficou visível de novo, como uma estátua ao ser exposta ao público. Sue e eu rimos descontroladamente. Julie também estava rindo: embora mantivesse os dentes cerrados, todo o seu

corpo tremia. Quando a coberta ficou finalmente no lugar certo, Julie se juntou a nós ao pé da cama. Podia se ver perfeitamente a forma da cabeça e dos ombros de minha mãe por baixo do lençol branco.

"Assim está ridículo", Sue choramingou.

"Não, não está", Julie retrucou com virulência. Sue se esticou para a frente e puxou o lençol, descobrindo a cabeça de mamãe. Julie deu um tapa forte no braço dela e gritou: "Não mexa nisso!". A porta atrás de nós se abriu e Tom entrou no quarto, ofegante por causa das brincadeiras de rua.

Tão logo Julie e eu o pegamos, ele disse: "Quero mamãe".

"Ela está dormindo", sussurramos, "olhe, pode ver." Tom lutou para passar por nós.

"Então por que vocês estavam gritando? De qualquer jeito, ela não está dormindo. Você está dormindo, mamãe?"

"Ela está dormindo profundamente", disse Sue. Por um momento pareceu que, falando do sono, de um sono muito profundo, poderíamos iniciar Tom no conceito da morte. Mas não entendíamos daquilo mais do que ele, e Tom intuiu que havia algo de estranho.

"Mãe!", ele berrou, tentando abrir caminho à força para chegar à cama. Segurei-o pelos pulsos.

"Você não pode", eu disse. Tom chutou meu tornozelo, livrou-se de mim e passou por Julie para alcançar a cabeceira. Apoiando-se com uma das mãos no ombro de mamãe, tirou os sapatos e nos encarou triunfante. Cenas desse tipo haviam

ocorrido antes, às vezes ele levava vantagem. A essa altura eu era inteiramente favorável a que descobrisse por si próprio, só queria ver o que ia acontecer. No entanto, tão logo Tom puxou as cobertas para se deitar ao lado da mãe, Julie deu um salto e o pegou pelo braço.

"Venha", disse carinhosamente, puxando-o para fora da cama.

"Não, não...", Tom protestou choroso, como sempre fazia, agarrando com a mão livre a manga da camisola de mamãe. Quando Julie o puxou de novo, mamãe caiu para o lado de uma forma assustadora, como se fosse uma peça de madeira: sua cabeça chocou-se contra a mesinha de cabeceira, derrubando no chão o despertador e o copo d'água. A cabeça ficou entalada entre a cama e a mesinha, enquanto uma das mãos surgiu junto ao travesseiro. Tom ficou calado e imóvel, quase rígido, e se deixou levar por Julie como se fosse um cego. Embora eu não tivesse reparado, Sue já tinha saído. Parei por um instante, me perguntando se devia empurrar o cadáver para a posição anterior. Dei um passo na direção de mamãe, mas não suportei a ideia de tocá-la. Saí correndo do quarto, bati a porta, girei a chave e a pus no bolso.

De tanto chorar, no começo da noite Tom acabou dormindo no sofá da sala de visitas. Nós o cobrimos com uma toalha de banho porque ninguém queria ir sozinho pegar uma coberta no andar de cima. Durante as horas seguintes ficamos lá sentados, sem falar muito. Uma ou duas vezes Sue começou a chorar e desistiu, como se

aquilo estivesse acima de suas forças. Julie disse: "Ela provavelmente morreu dormindo", Sue e eu anuímos com um movimento da cabeça. Depois de alguns minutos Sue acrescentou: "Não senti nenhuma dor". Julie e eu murmuramos nossa concordância. Seguiu-se uma longa pausa e então eu disse de novo: "Vocês não estão com fome?". Minhas irmãs sacudiram a cabeça. Eu bem que queria comer, mas não sozinho. Não queria fazer nada sozinho. Quando elas por fim consentiram em comer alguma coisa, eu trouxe pão, manteiga, geleia e duas garrafinhas de leite. Enquanto comíamos e bebíamos, a conversa se tornou mais animada. Julie nos contou que "soube" pela primeira vez duas semanas antes do meu aniversário.

"Quando você ficou de cabeça para baixo", lembrei.

"E você cantou 'Greensleeves'", disse Sue. "Mas o que é que eu fiz?" Não conseguíamos nos lembrar o que Sue tinha feito, mas ela continuou a repetir "Sei que fiz *alguma* coisa" até que eu lhe disse para parar. Subimos pouco depois da meia-noite, nos mantendo bem juntos na escada. Julie foi na frente, eu carreguei Tom. Paramos no primeiro patamar e nos agrupamos antes de passar em frente ao quarto de mamãe. Acho que ouvi o tiquetaque do despertador. Fiquei satisfeito de saber que a porta estava trancada. Pusemos Tom na cama sem acordá-lo. As garotas tinham decidido tacitamente que dormiriam juntas. Fui para minha cama e me deitei de costas, tenso, virando a cabeça bruscamente para um lado ou

para o outro quando me ocorria um pensamento ou uma imagem que eu desejava evitar. Passada meia hora fui ao quarto de Tom e o trouxe para minha cama. Notei que a luz continuava acesa no quarto de Julie. Abracei meu irmão e caí no sono.

No dia seguinte, lá para o fim da tarde, Sue perguntou: "Vocês não acham que temos de contar para alguém?".

Estávamos sentados em volta do morrinho de pedras. Havíamos passado o dia inteiro no jardim porque fazia calor e porque tínhamos medo da casa atrás de nós, cujas janelas pequenas agora não sugeriam concentração, mas um sono pesado. Pela manhã tinha havido uma briga por causa do biquíni de Julie. Sue achou que ela não devia usá-lo. Eu disse que não me importava. Sue insistiu que, se Julie o usasse, isso queria dizer que ela não ligava para mamãe. Tom começou a chorar e Julie entrou para tirar o biquíni. Passei o dia relendo uma pilha de velhas revistas em quadrinhos, algumas delas do Tom. Eu tinha a sensação de que estávamos esperando que acontecesse alguma coisa terrível, e então me lembrava de que já tinha acontecido. Sue lia seus livros e às vezes chorava baixinho. Sentada no topo do morrinho, Julie jogava umas pedrinhas para cima e as aparava na mão em concha. Estava irritada com Tom, que em certos momentos choramingava e pedia atenção, indo logo depois brincar como se nada houvesse ocorrido. Uma vez ele tentou se agarrar aos joelhos de Julie, e a ouvi dizer, enquanto o afastava:

"Vá embora. *Por favor*, vá embora". Mais tarde li para ele algumas histórias em quadrinhos.

Quando Sue fez a pergunta, Julie olhou rapidamente para ela e depois afastou o olhar. Eu disse: "Se contarmos para alguém..." e esperei. Sue prosseguiu: "Temos de contar a alguém para haver o enterro". Dei uma olhada na direção de Julie. Ela estava contemplando os blocos de apartamentos mais além da cerca de nosso jardim e dos terrenos baldios.

"Se contarmos", comecei de novo, "eles vêm aqui e tomam a guarda de nós todos, mandam para um orfanato ou sei lá o quê. Podem querer que Tom seja adotado." Fiz uma pausa. Sue estava horrorizada. "Eles não podem fazer isso", ela disse. "Se a casa ficar vazia", continuei, "vai ser invadida num instante, não sobra nada."

"Mas, se não contarmos a ninguém", disse Sue gesticulando na direção da casa, "o que é que nós vamos fazer?" Olhei de novo para Julie e disse em voz mais alta: "Aqueles garotos vêm aqui e destroem tudo". Julie atirou suas pedrinhas para o outro lado da cerca e disse: "Não podemos deixá-la no quarto porque vai começar a cheirar". Sue quase berrou: "Que coisa mais horrível de dizer!". "Então você concorda", eu disse para Julie, "que não devemos contar a ninguém."

Julie caminhou rumo à casa sem responder. Fiquei olhando enquanto ela entrava na cozinha e jogava água no rosto junto à pia. Manteve a cabeça sob a torneira de água fria até ensopar os cabelos, que depois torceu e afastou do rosto. Quando voltou para onde estávamos, pingos d'água escorriam por

seus ombros. Sentou-se no morrinho de pedras e disse: "Se não vamos contar a ninguém, então temos que fazer alguma coisa, e bem rápido". Sue continha as lágrimas.

"Mas o que *nós* podemos fazer?", ela choramingou. Julie estava fazendo um pouco de teatro. Respondeu com toda a calma: "Enterrá-la, obviamente". Apesar da concisão, sua voz tremeu. "E isso mesmo", eu disse, num misto de excitação e horror, "podemos fazer um enterro privado, Sue." Como minha irmã mais nova agora chorava para valer, Julie passou o braço por seu ombro. Olhou-me friamente por cima da cabeça de Sue. De repente fiquei irritado com as duas. Levantei-me e dei a volta na casa para ver o que Tom andava fazendo.

Ele estava sentado com outro menino no monte de areia próximo ao portão. Cavavam um complicado sistema de túneis da largura da mão deles.

"Ele falou", disse o amigo de Tom zombeteiramente, apertando os olhos para me ver, "falou que a mãe dele acabou de morrer, e isso não é verdade."

"Pois é verdade. Ela é também minha mãe e acabou de morrer."

"Rá, rá, não disse?", Tom zombou de volta, enfiando as mãos bem fundo na areia.

O menino pensou por um momento. "Bom, a *minha* mãe não morreu."

"Não interessa", disse Tom, trabalhando no seu túnel. "A minha mãe não morreu", o menino repetiu para mim. "E daí?", perguntei.

"E daí que não morreu", o menino gritou. "Não morreu." Fiz uma cara séria e me ajoelhei junto a eles na areia. Pus a mão carinhosamente no ombro do amigo do Tom.

"Vou te dizer uma coisa", falei calmamente. "Voltei há pouquinho da tua casa. Teu pai me falou que tua mãe morreu. Ela saiu para te procurar e foi atropelada por um carro."

"Rá, rá, tua mãe morreu", Tom tripudiou.

"Não morreu", o menino disse para si próprio.

"Estou te dizendo", falei em tom sibilante.

"Cheguei há pouco da tua casa. Teu pai está muito nervoso e com raiva de você porque ela tinha ido te procurar." O menino se levantou, todo o sangue fugira de seu rosto. "Se eu fosse você, não ia para casa agora", continuei, "teu pai está atrás de você." O menino disparou pelo caminho do jardim na direção da porta de entrada de nossa casa. Então se lembrou, deu meia-volta e correu na direção contrária. Ao passar por nós, já estava começando a soluçar.

"Aonde é que você vai?", Tom gritou para ele, mas seu amigo balançou a cabeça e continuou correndo.

Quando escureceu e entramos em casa, Tom voltou a se sentir triste e amedrontado. Chorou ao tentarmos pô-lo na cama e o deixamos ficar lá embaixo na esperança de que dormisse no sofá. Como choramingava e chorava por qualquer coisinha, era impossível conversar sobre o que iríamos fazer. Acabamos nos falando aos gritos sem ligar para a presença dele. Enquanto Tom, apesar dos esforços de Sue para acalmá-lo, urrava

e batia os pés no chão porque o suco de frutas tinha acabado, eu disse rapidamente para Julie: "Onde é que vamos pôr mamãe?". Julie respondeu alguma coisa que se perdeu em meio aos guinchos de Tom.

"No jardim, embaixo do morrinho de pedras", ela repetiu. Mais tarde, Tom chorou apenas por causa de sua mãe e, enquanto eu tentava consolá-lo, vi Julie explicando algo a Sue, que concordava com a cabeça e enxugava os olhos. Durante o tempo em que procurei distraí-lo falando sobre os túneis que ele havia construído na areia, de repente tive minha própria ideia. Perdi o fio do que estava dizendo e Tom voltou a chorar alto. Foi dormir depois da meia-noite e só então pude explicar a minhas irmãs por que não achava o jardim um bom lugar. Teríamos que cavar fundo, o que tomaria muito tempo. Se fizéssemos isso de dia, alguém nos veria; à noite, precisaríamos de lanternas. Poderíamos ser vistos dos blocos de apartamentos. E como impedir que Tom visse? Fiz uma pausa para reforçar o argumento. Apesar de tudo, estava satisfeito comigo próprio. Eu sempre havia admirado no cinema os criminosos de alta classe que discutiam o assassinato perfeito com elegante distanciamento. Enquanto falava, toquei na chave em meu bolso e senti uma pontada de enjoo. Continuei com total confiança: "E, naturalmente, se alguém viesse investigar, o jardim seria o primeiro lugar em que iriam buscar. A gente lê todo dia no jornal sobre esse tipo de coisa". Julie me olhava atentamente. Parecia me

levar a sério e, quando terminei, perguntou: "E então?".

Deixamos Sue na cozinha com Tom. Ela não ficou aborrecida ou horrorizada com meu plano. Como estava infeliz demais para se importar, limitou-se a balançar a cabeça lentamente, como uma velhinha entristecida. Do lado de fora, o luar permitiu que encontrássemos o carrinho de mão e uma pá. Empurramos o carrinho até o jardim da frente e o enchemos de areia. Jogamos a carga de seis carrinhos no porão pela abertura do carvão e depois, do lado de fora da cozinha, conversamos sobre a água. Eu disse que precisaríamos levar no balde, mas Julie lembrou que havia uma bica lá embaixo. Finalmente a encontramos no pequeno aposento onde eram guardadas as roupas e os brinquedos velhos. Por ser mais distante do quarto, o porão me parecia menos assustador que o resto da casa. De uma forma difusa, eu me sentia no direito de fazer a mistura, porém Julie se apoderara da pá e já tinha feito um monte de areia. Ela abriu um dos sacos de cimento e esperou enquanto eu buscava a água. Trabalhou com grande rapidez, revirando e dobrando o material até o transformar numa massa pastosa e cinzenta. Ergui a tampa do grande baú de estanho e Julie jogou o cimento lá dentro com a pá até formar uma camada de uns quinze centímetros no fundo. Concordamos em preparar outra boa porção e, dessa vez, eu fiz a mistura e Julie pegou a água. Enquanto eu trabalhava, o propósito do que estávamos fazendo nem passou por minha cabeça. Não havia nada de estranho em misturar

cimento. Já vínhamos trabalhando por três horas quando acabamos de pôr no baú a segunda porção de cimento. Subimos até a cozinha para beber água. Sue dormia numa cadeira de braços e Tom caíra de bruços no sofá. Cobrimos Sue com um casaco e voltamos para o porão. O baú agora estava cheio até quase a metade. Decidimos que, antes de trazer o corpo, devíamos aprontar um bom volume de cimento. Levamos um tempão fazendo isso. A areia acabou e, como só tínhamos uma pá, fomos juntos até o jardim pegar mais. O céu já se iluminava no nascente. Fizemos cinco viagens com o carrinho de mão. Perguntei o que diríamos quando Tom descobrisse de manhã que sua areia havia desaparecido. Julie disse, imitando-o: "O vento levou", e rimos malgrado todo o cansaço.

Já eram cinco horas quando terminamos a última mistura. Não havíamos nos olhado ou falado durante quase uma hora. Tirei a chave do bolso e Julie disse: "Pensei que tinha perdido essa chave e ela estava todo esse tempo com você". Segui-a escada acima até a cozinha. Descansamos e bebemos mais água. Na sala de visitas, empurramos alguns móveis para o lado e prendemos a porta aberta com um sapato. No andar de cima, coube a mim girar a chave e abrir a porta, mas Julie foi a primeira a entrar no quarto. Ela estava prestes a acender a luz quando mudou de ideia. A luminosidade cinza azulada emprestava a tudo no quarto uma aparência plana, bidimensional. Era como se estivéssemos entrando numa velha fotografia do quarto de mamãe. Não olhei

imediatamente na direção da cama. O ar estava úmido e abafado, como se muitas pessoas tivessem dormido ali com as janelas fechadas. Além dessa sensação de coisa trancada, havia um cheiro débil, mas penetrante. Só dava para senti-lo no final da respiração, quando os pulmões estavam cheios. Passei a respirar pelo nariz, inalando o mínimo de ar. Ela estava na mesma posição em que a havíamos deixado, confirmando a imagem que me vinha à mente sempre que eu fechava os olhos. Julie se postou ao pé da cama, abraçando-se. Aproximei-me e abandonei a ideia de que seríamos capazes de levá-la dali. Esperei que Julie fizesse alguma coisa, mas ela não se moveu. "Não vamos conseguir fazer isso", eu disse. A resposta de Julie veio numa voz aguda e tensa, as palavras pronunciadas rapidamente como se ela quisesse se fazer passar por animada ou eficiente.

"Vamos enrolar no lençol. Desse jeito não vai ser ruim. Vamos fazer tudo depressa, não vai ser tão mau." Mas ela ainda permanecia imóvel.

Sentei-me à mesa, de costas para a cama, e imediatamente Julie se irritou.

"Está ótimo", ela disse de pronto, "deixe comigo. Por que você não toma nenhuma iniciativa?"

"Que iniciativa?"

"Enrolá-la naquele lençol. É parte do seu plano, não é?"

Eu queria dormir. Fechei os olhos e tive uma forte sensação de queda. Agarrei-me à borda da mesa e me pus de pé. Julie continuou de forma mais gentil.

"Se esticarmos o lençol no chão, podemos colocá-la em cima dele." Caminhei resoluto até minha mãe e puxei o lençol que a cobria. Quando o abri, ele pousou no chão em câmera lenta, como num sonho, os cantos se inflando e se dobrando. Respirei fundo para conter a impaciência. Peguei mamãe pelos ombros, semicerrei os olhos e a empurrei da mesinha de cabeceira para a cama. Evitei olhar seu rosto. Ela pareceu resistir, precisei usar as duas mãos para fazer com que se movesse. Agora estava de lado, os braços formando ângulos estranhos, o corpo retorcido e enrijecido na posição em que ficara havia dois dias. Julie a pegou pelos pés e eu por trás dos ombros. Quando a pusemos sobre o lençol, ela parecia tão frágil e patética na camisola, deitada a nossos pés como um pássaro de asa quebrada, que pela primeira vez chorei por ela e não por mim. Na cama ficou uma grande mancha marrom com as bordas amareladas. O rosto de Julie também estava molhado quando nos ajoelhamos ao lado de mamãe e tentamos envolvê-la no lençol. Era difícil, seu corpo estava torto demais para ser virado.

"Assim não vai. Assim não vai!", Julie gritou exasperada.

Por fim conseguimos enrolar frouxamente o corpo no lençol. Tão logo a cobrimos, as coisas ficaram um pouco mais fáceis. Erguendo-a do chão, saímos do quarto.

Descemos degrau por degrau e, no hall do térreo, ajeitamos o lençol onde ele vinha se soltando. Meus pulsos doíam. Sem precisar nos falarmos,

sabíamos que era melhor atravessar a sala de visitas sem baixá-la. Tínhamos quase chegado à porta da cozinha, do outro lado da sala, quando olhei à esquerda, na direção da cadeira de Sue. Com o casaco repuxado até o queixo, ela nos observava. Eu ia sussurrar alguma coisa para ela, mas, antes que pudesse pensar no que dizer, já havíamos atravessado a porta e fazíamos a manobra para descer a escada do porão. Finalmente a pusemos no chão a uns dois metros do baú. Busquei um balde d'água para umedecer nosso monte de cimento e, quando levantei os olhos da mistura, vi Sue de pé junto à porta. Pensei que ela poderia tentar nos deter, mas, quando Julie e eu nos aprontamos para levantar o corpo, Sue se aproximou e sustentou a parte central. Como não tinha sido possível endireitá-lo, quase não havia espaço no baú para ele. Mergulhou uns cinco centímetros no cimento que cobria o fundo. Voltei-me para apanhar a pá, porém Julie já a tinha em suas mãos. Quando ela depositou a primeira carga de cimento molhado sobre os pés de mamãe, Sue deixou escapar um grito breve. E então, enquanto Julie voltava para encher a pá, Sue correu até o monte de cimento, pegou tudo que pôde com as duas mãos e jogou dentro do baú. A partir de então ficou jogando cimento tão rápido quanto podia. Julie também passou a trabalhar mais depressa com a pá, cambaleando até o baú com grandes cargas e correndo de volta para pegar mais. Eu mergulhei as mãos no cimento e joguei no baú uma boa quantidade. Trabalhamos como uns loucos. Em

breve só se viam alguns pedaços do lençol, que logo depois desapareceram. Nem por isso diminuímos o ritmo. Os únicos sons eram o arranhar da pá e nossas respirações arquejantes. Quando terminamos e só restava uma mancha úmida no chão, o cimento quase transbordava do baú. Antes de subirmos, ficamos olhando o trabalho feito e recuperando o fôlego. Decidimos deixar a tampa do baú levantada para que o cimento endurecesse mais depressa.

Parte Dois

Dois ou TRÊS ANOS antes da morte de papai, meus pais tiveram de comparecer ao enterro de um dos últimos parentes com quem se relacionavam. Talvez fosse a tia de minha mãe ou de meu pai, mas também podia ter sido um tio. Não se discutiu exatamente quem havia morrido, provavelmente porque aquela morte significava muito pouco para eles. Sem dúvida, nada significava para nós, crianças. Estávamos mais interessados no fato de ficarmos sozinhos em casa a maior parte do dia tomando conta de Tom. Mamãe nos instruiu acerca de nossas responsabilidades com vários dias de antecedência. Como deixaria o almoço pronto, só precisaríamos esquentá-lo quando batesse a fome. Mostrou a cada um de nós separadamente — Julie, Sue e depois eu — como fazer funcionar o forno, obrigando-nos a prometer que verificaríamos três vezes se ele estava apagado corretamente. Mudou de ideia e disse que iria

preparar um almoço frio. Mas finalmente decidi que, durante o inverno, nós precisaríamos comer uma refeição quente no meio do dia. Papai, por sua vez, nos disse o que fazer se alguém batesse à porta da frente, embora, obviamente, ninguém jamais batia à nossa porta. Explicou o que devíamos fazer se a casa se incendiasse. Não devíamos ficar dentro de casa e lutar contra o fogo, e sim correr para o telefone público mais próximo, sem jamais esquecer Tom. Estávamos proibidos de brincar no porão, ligar o ferro de passar e enfiar o dedo nas tomadas elétricas. Ao levarmos Tom ao banheiro, tínhamos de segurá-lo o tempo todo.

Fomos obrigados a repetir essas instruções solenemente até que todos os pormenores estivessem corretos, e por fim nos juntamos na porta da frente para ver nossos pais caminharem rumo à parada de ônibus vestindo seus trajes escuros. De poucos em poucos metros eles se voltavam para trás com olhares ansiosos, e todos nós acenávamos alegremente em resposta. Quando os perdemos de vista, Julie bateu a porta da frente empurrando-a com o pé, deu um grito de guerra e, num movimento único, rodopiou e me deu um soco forte nas costelas. A pancada me jogou contra a parede. Julie subiu a escada de três em três degraus, olhou para mim no andar de baixo e caiu na gargalhada. Eu e Sue partimos atrás dela e, chegando lá em cima, travamos uma desenfreada e violenta guerra de travesseiros. Mais tarde, fiz uma barricada no alto da escada com colchões e cadeiras, a qual

foi atacada de baixo por minhas irmãs. Sue encheu de água uma bola de soprar e atirou na minha cabeça. Tom ficou plantado ao pé da escada, rindo e se balançando de um lado para outro. Uma hora depois, excitado, fez cocô nas calças: o cheiro forte e incomum, ao nos atingir no andar de cima, interrompeu a batalha. Julie e Sue se uniram para dizer que eu devia lidar com o problema porque nós éramos do mesmo sexo. Apelei meio inseguro para a própria natureza das coisas, dizendo que, como garotas, era obviamente obrigação delas cuidar do assunto. Como nada foi resolvido, a luta prosseguiu. Em breve Tom começou a chorar alto. Paramos de novo. Levamos Tom para seu quarto e o plantamos no grande berço de bronze. Julie apanhou seus arreios de proteção e o prendeu à cama. A essa altura os berros de Tom eram ensurdecedores, seu rosto estava vermelhíssimo. Levantamos a lateral do berço e fugimos do quarto, ansiosos por escapar do cheiro e dos gritos. Tão logo fechamos a porta, quase não se ouvia mais nada e pudemos continuar nossas brincadeiras sem ser incomodados.

Foram só algumas horas, mas pareceram ocupar um bom pedaço de minha infância. Meia hora antes de nossos pais chegarem, rindo sem parar por causa do risco que corríamos, começamos a pôr tudo em ordem. Limpamos Tom num esforço conjunto. Descobrimos o almoço que havíamos estado ocupados demais para comer e o fizemos desaparecer na privada. A noite, o segredo compartilhado nos deixou eufóricos. Já de

pijama, nos reunimos no quarto de Julie para discutir como fazer aquilo de novo em breve.

Quando mamãe morreu, por trás das emoções mais fortes havia uma sensação de aventura e liberdade que eu mal admitia a mim mesmo e que derivava da memória daquele dia vivido cinco anos antes. Mas agora não havia a menor excitação. Os dias eram longos demais, quentes demais, a casa parecia ter caído no sono. Nem nos sentávamos do lado de fora porque o vento soprava uma poeira fina e negra vinda do lado dos blocos de apartamentos e das auto-estradas mais além. E, malgrado o calor, o sol nunca penetrava através de uma alta nuvem amarelada: tudo que eu via parecia fundir-se e tornar-se insignificante naquela claridade permanente. Tom era o único feliz, ao menos durante o dia. Tinha seu amigo, o tal com quem havia brincado na areia; não pareceu notar que a areia havia sumido e seu amigo nunca mencionou a história que eu lhe contara sobre sua mãe. Brincavam mais acima na rua, entrando e saindo das ruínas das casas pré-fabricadas. A noite, após seu amigo ter voltado para casa, Tom ficava de mau humor e chorava à toa. No mais das vezes, procurava Julie quando queria atenção, o que dava nos nervos dela. "Não fique perguntando para *mim!*", ela estourava. "Me deixe em paz, Tom, só por um instante." Mas pouca diferença fazia. Tom cismara que lhe cabia cuidar dele agora e a seguia pela casa choramingando. Não prestava atenção em Sue ou em mim quando tentávamos distraí-lo. Certa tarde, logo no

começo, quando Tom estava particularmente exigente e Julie mais irritada que de costume, ela de repente o segurou na sala de visitas e arrancou suas roupas.

"Pronto", ela repetia, "agora você conseguiu."

"O que você está fazendo?", perguntou Sue em meio aos soluços de Tom.

"Se ele quer que eu seja a mamãezinha dele", Julie gritou, "então pode começar fazendo o que eu mando. Para a cama!" Não eram nem cinco horas da tarde. Ouvimos os berros de Tom nu e o som de água correndo. Dez minutos depois ele estava de volta vestindo o pijama e, totalmente domado, permitiu que Julie o levasse para seu quarto. Ela voltou fingindo que tirava poeira das mãos e rindo gostosamente. "Era isso que ele queria."

"E é isso que você sabe fazer melhor", eu comentei. Fui mais áspero do que desejava. Julie chutou de leve meu pé.

"Cuidado", ela murmurou, "ou você vai ser o próximo."

Tão logo terminamos nosso trabalho no porão, Julie e eu fomos direto para a cama. Como tinha dormido no começo da noite, Sue ficou acordada e cuidou de Tom durante o dia. Acordei no final da tarde com muita sede e calor. Não havia ninguém no andar de baixo, mas eu ouvi a voz de Tom do lado de fora. Quando me inclinei para beber da torneira da pia da cozinha, uma nuvem de moscas zumbiu ao redor da minha cabeça. Caminhei com os lados dos pés nus porque o chão em volta da pia estava coberto de alguma

coisa amarela e grudenta, provavelmente suco de laranja derramado. Ainda meio zozado depois do sono, subi até o quarto de Sue. Ela estava sentada na cama com as costas contra a parede e os joelhos erguidos. No seu colo havia um caderno aberto. Baixou o lápis quando cheguei e fechou o caderno com um movimento rápido. O ar abafado fazia crer que ela estava lá havia horas. Sentei-me na beira da cama, pertinho dela. Tinha vontade de falar, embora não sobre a noite anterior. Queria que alguém afagasse minha cabeça. Sue apertou os lábios, como se decidida a não ser a primeira a falar. "O que é que você está fazendo?", eu disse por fim, olhando para o caderno.

"Nada", ela respondeu, "só escrevendo." Segurava o caderno com as duas mãos contra a barriga.

"Escrevendo o quê?" Ela suspirou.

"Nada. Só escrevendo." Arranquei o caderno de suas mãos, virei-me de costas e o abri. Antes que ela bloqueasse minha visão com o braço, tive tempo de ler no topo de uma página "Terça-feira, querida mamãe".

"Me dê isso", Sue gritou — e sua voz soou tão estranha, tão inesperadamente violenta, que a deixei retomar o caderno. Ela o pôs sob o travesseiro e sentou-se na beira da cama, encarando a parede em sua frente. Seu rosto estava vermelho, as sardas pareciam mais escuras. A veia na têmpora estava bem visível e pulsava raivosamente. Dei de ombros e decidi ir embora, mas ela não olhou para mim. Quando

passsei pela porta, ela a fechou com um repelão e trancou à chave. Ouvi-a chorar quando comecei a me afastar. Voltei e bati na porta, chamando seu nome. Em meio aos soluços ela me disse que fosse embora, e foi o que fiz. No banheiro lavei o cimento ressecado em minhas mãos.

Na semana seguinte ao enterro não cozinhamos uma única refeição. Julie foi ao correio buscar dinheiro e voltou com sacos de compras, porém as verduras e a carne que trouxe ficaram por lá intocadas até que tivemos de jogá-las fora. Em vez disso, comemos pão, queijo, creme de amendoim, biscoitos e frutas. Tom se entupiu de barras de chocolate e não parecia necessitar de mais nada. Quando alguém se prestava a preparar o chá, todos bebiam, embora em geral nos contentássemos com a água tomada diretamente na pia da cozinha. No dia em que fez as compras, Julie deu duas libras a Sue e a mim.

"E quanto é que você recebeu?", perguntei. Julie fechou a bolsa com um som seco.

"O mesmo que vocês", respondeu. "O resto é para a comida e outras coisas."

Não demorou para que a cozinha começasse a feder e se encher de moscas. Nenhum de nós tinha vontade de fazer nada sobre aquilo senão manter a porta da cozinha fechada. Fazia calor demais. Então, alguém — não eu — jogou a carne fora. Encorajado, lavei algumas garrafas de leite, recolhi embalagens vazias e matei umas dez moscas. Nessa mesma noite Julie disse a Sue e a mim que era hora de cuidarmos da cozinha.

"Fiz um monte de coisas lá hoje e vocês duas nem notaram," eu disse. As duas riram.

"Que coisas?", disse Sue, e, quando lhes disse, riram ainda mais alto do que era necessário.

"Ah, muito bem", se disseram, "ele já fez sua parte pelas próximas semanas." Resolvi então que não me importaria mais com a cozinha, o que fez com que Julie e Sue também decidissem não limpá-la. Só vários dias depois, quando cozinhamos uma refeição, é que algo finalmente foi feito. No meio-tempo, as moscas se espalharam pela casa e, formando verdadeiras nuvens nas proximidades das janelas, produziam pequenos e continuados estalidos ao se atirarem contra os vidros.

Eu me masturbava todas as manhãs e todas as tardes. Perambulava pela casa, de um aposento para outro, às vezes surpreendido ao ver-me em meu quarto, deitado na cama e olhando para o teto, quando tencionava ir para o jardim. Olhava-me cuidadosamente no espelho. O que havia de errado comigo? Tentava me assustar com o reflexo de meus olhos, mas só sentia impaciência e uma ligeira repugnância. Ficava de pé no centro do meu quarto ouvindo os longínquos e ininterruptos sons do tráfego. Ouvia então as vozes das crianças brincando na rua. Os dois sons se fundiam e pareciam pressionar o topo da minha cabeça. Deitava-me outra vez na cama, agora fechando os olhos. Quando uma mosca passeava pelo meu rosto, fazia questão de não me mexer. Não aguentava ficar mais na cama, porém já me enfastiava por antecipação ao

imaginar qualquer atividade. Para escapar do marasmo, pensava em minha mãe lá embaixo. Ela para mim se tornara um mero fato. Levantava-me e ia até a janela, olhando durante muito tempo os blocos de apartamentos mais além das ervas ressecadas. Rodava então pela casa para ver se Julie já tinha voltado. Ela frequentemente desaparecia por muitas horas, em geral durante as tardes. Quando lhe perguntava aonde tinha ido, ela me mandava cuidar da minha vida. Julie não estava em casa e Sue se trancara no quarto. Se batesse em sua porta, ela me perguntaria o que eu queria e eu não saberia o que dizer. Lembrei-me das duas libras. Saindo de casa pelos fundos, pulei a cerca para que Tom não me visse e pedisse para ir comigo. Por nenhuma razão em particular, comecei a correr em direção às lojas.

Não tinha ideia do que queria comprar. Pensei que saberia ao ver e, mesmo se custasse mais de duas libras, ao menos eu teria alguma coisa para desejar, alguma coisa sobre a qual pensar. Corri até lá. Exceto pelos carros, a principal rua de comércio estava vazia. Era domingo. A única pessoa à vista era uma mulher vestindo um casaco vermelho, de pé na passarela que se erguia acima da rua. Perguntei-me por que ela estaria usando um casaco vermelho naquele calor. Talvez ela estivesse se perguntando por que eu chegara correndo, pois parecia olhar fixamente na minha direção. Embora ainda muito longe, tive a impressão de que a conhecia. Podia ser uma professora da minha escola. Como não

queria dar meia-volta tão cedo, continuei caminhando rumo à passarela. Enquanto caminhava, olhei as vitrines à minha esquerda. Eu não gostava de encontrar professores da escola na rua. Imaginei que podia passar por baixo dela, se ainda estivesse lá, fingindo não tê-la visto. No entanto, cinquenta metros antes da passarela não resisti à tentação de olhar para cima. A mulher era minha mãe, que me fitava diretamente. Parei. Ela havia transferido o peso do corpo de um pé para o outro sem sair do lugar. Voltei a caminhar em sua direção. Descobri que era difícil fazer minhas pernas se moverem, meu coração batia tão depressa que estava certo de que iria vomitar. Chegando quase embaixo da passarela, parei de novo e ergui o olhar. Fui tomado por um grande alívio e ri alto ao reconhecer a figura tão familiar. Obviamente não se tratava de minha mãe, era Julie usando um casaco que eu jamais vira.

"Julie!", chamei. "Pensei que você..." Corri para debaixo da passarela e subi aos pulos a escada de madeira. Agora, cara a cara com ela, vi que também não era Julie. A mulher tinha um rosto estreito, cabelos ralos e grisalhos. Não saberia dizer se era jovem ou velha. Ela enfiou as mãos nos bolsos e balançou-se levemente.

"Não tenho nenhum dinheiro", ela disse, "não chegue perto de mim."

No caminho para casa, voltou a sensação de vazio e aquele acontecimento perdeu qualquer significado. Fui direto para meu quarto e, embora não encontrasse nem ouvisse ninguém, sabia

que os outros estavam por lá. Tirei todas as roupas e enfiei-me debaixo do lençol. Algum tempo depois fui acordado de um sono profundo por risos agudos. Fiquei curioso, mas, por alguma razão, de início não me mexi. Preferi ouvir. Eram as vozes de Julie e Sue. No final de cada explosão de riso elas emitiam um som que era uma mescla de canto e suspiro, fundindo-se depois em palavras que eu não era capaz de discernir. O riso então recomeçava. Sentia-me irritadiço depois do sono inesperado. Tinha a sensação de que meu crânio fora compactado, encolhido, enquanto os objetos no quarto haviam se tornado densos demais, aprisionados no espaço que ocupavam e quase estourando sob uma forte pressão interna. Antes que as vestisse, minhas roupas pareciam ser feitas de aço. Já vestido, fiquei do lado de fora do quarto, apurando o ouvido. Chegou-me apenas o murmúrio de uma voz e o ranger de uma cadeira. Desci a escada tão silenciosamente quanto pude. Senti um forte desejo de espionar minhas irmãs, de estar com elas, mas me mantendo invisível. O vasto hall do térreo estava às escuras. Isso me permitiu ficar a certa distância da porta aberta da sala de visitas sem ser visto. Dava para observar Sue claramente: sentada à mesa, cortava algo com uma grande tesoura. Julie, ocultada em parte pela moldura da porta, encontrava-se de costas para mim, impedindo que eu visse o que ela fazia. Seu braço se movia para a frente e para trás com um som débil e farfalhante. No momento em que avancei para ver melhor, uma

garotinha passou diante dela e foi se colocar junto ao cotovelo de Sue. Julie voltou-se e ficou atrás da garota, com uma das mãos em seu ombro. Na outra mão segurava uma escova de cabelo. As três ficaram agrupadas dessa forma por algum tempo, mantendo-se caladas. Quando Sue se mexeu ligeiramente, vi que cortava um tecido azul. A garotinha inclinou-se para trás contra o corpo de Julie, que envolveu seu queixo com as duas mãos e lhe bateu de leve no peito com a escova.

Obviamente, tão logo se falaram eu percebi que era Tom. Ele disse: "Leva muito tempo, não é?", e Sue concordou com a cabeça. Dei alguns passos para dentro da sala, porém ninguém reparou em mim. Tom e Julie concentravam-se em acompanhar os movimentos de Sue enquanto reformava uma de suas saias do uniforme escolar. Ela a cortara mais curta e agora começava a costurar a bainha. Tom usava um vestido cor de laranja, que eu já tinha visto antes, e uma peruca de cabelos louros e encaracolados que não sei onde elas haviam encontrado. Como é fácil se tornar outra pessoa! Cruzei os braços, como se me abraçasse. São só as roupas e uma peruca, pensei, é Tom fantasiado. Mas eu via outra pessoa muito diferente de Tom. Senti um misto de excitação e medo. Apertei as mãos e esse movimento fez com que todos se voltassem para me olhar.

"O que é que vocês estão fazendo?", eu disse após alguns segundos.

"Vestindo ele", disse Sue, voltando a costurar.

Tom me deu uma olhada de relance e, virando o corpo na direção da mesa onde Sue costurava, encarou um canto da sala. Ficou brincando com a bainha de sua saia, enrolando e desenrolando o tecido entre o indicador e o polegar.

"Para que isso?", perguntei. Julie deu de ombros e sorriu. Usava calças jeans desbotadas e enroladas até acima dos joelhos e uma blusa desabotoada por cima do sutiã do biquíni. Amarrara os cabelos com uma fita azul, enquanto outro pedaço da mesma fita envolvia um de seus dedos.

Julie levantou da cadeira e se plantou diante de mim. "Ah, vamos", ela disse, "se anime, não quero mais ver essa cara de tragédia!" Exalava o cheiro doce do creme de bronzear e eu podia sentir o calor irradiado por sua pele. Ela devia ter tomado sol o dia inteiro em algum lugar. Desenrolando a fita do dedo, passou-a por meu pescoço. Afastei suas mãos quando ela começou a dar o laço debaixo do meu queixo, mas o fiz sem convicção e ela, persistindo, completou a operação. Pegou-me pela mão e a segui até a mesa.

"Aqui está mais um", ela disse para Sue, "que se cansou de ser um garoto emburrado." Normalmente eu teria retirado a fita, mas não queria largar a mão de Julie, seca e fresca. Todos agora olhavam por sobre o ombro de Sue. Nunca me dera conta de quão habilidosa ela era. Sua mão voava para a frente e para trás com a regularidade da lançadeira de um tear mecânico. E, no entanto, como o trabalho avançava

lentamente, senti uma enorme impaciência. Queria varrer para o chão num só golpe o tecido, a agulha e os alfinetes. Teríamos de esperar que ela acabasse antes de conversarmos, ou antes que acontecesse qualquer coisa. Finalmente, ela cortou a linha com um repuxão e se pôs de pé. Largando minha mão, Julie se postou atrás de Tom. Ele ergueu os braços e ela puxou o vestido por cima de sua cabeça. Por baixo, ele usava a camisa branca de sempre. Sue ajudou-o a vestir a saia azul pregueada e Julie ajustou uma das gravatas escolares de Sue em seu pescoço. Fiquei olhando enquanto passava os dedos pela fita azul. Se a tirasse agora, me tornaria outra vez um espectador e teria de tomar alguma atitude com respeito ao que estava acontecendo. Tom calçou meias brancas e Sue foi buscar sua boina. As garotas riram e conversaram entre si enquanto prosseguiram com as preparações. Sue contava a história de uma colega que cortou o cabelo bem curto e foi para a escola de calças, conseguindo com isso entrar no vestiário dos garotos. Mas foi apanhada porque começou a rir ao ver todos alinhados urinando no mictório.

"Ele não é bonitinho?", disse Julie. Enquanto o olhávamos, Tom permaneceu totalmente imóvel, com as mãos atrás das costas e os olhos baixos. Se estava mesmo gostando de ser vestido daquele jeito, não chegou a demonstrá-lo. Foi até o hall para se ver no espelho de corpo inteiro. Observei-o através da porta aberta: de lado para o espelho, ele se via por cima do ombro.

Enquanto Tom estava fora da sala, Julie pegou minhas duas mãos e disse: "E agora, o que é que vamos fazer com o zangadinho?" Seus olhos estudaram meu rosto. "Você não vai virar uma garota bonita como Tom com essas espinhas horríveis." Sue, que viera se postar junto a mim, puxou um fio de meu cabelo e disse: "Nem com esses cabelos compridos e gordurosos que ele não lava nunca".

"Nem com esses dentes amarelos", disse Julie.

"Nem esses pés fedorentos", continuou Sue. Julie virou as palmas de minhas mãos para baixo.

"Nem com essas unhas sujas." As duas examinaram minhas unhas, soltando exclamações exageradas de repugnância. Tom olhava tudo da porta. Eu estava me divertindo muito com aquele exame minucioso.

"Olhe essa aqui", disse Sue, e a senti tocar meu indicador, "tem verde e vermelho embaixo dela." Ambas riram, davam a impressão de se deliciar com tudo que encontravam.

"O que é aquilo?", perguntei, olhando para o outro lado da sala. Quase oculta sob uma cadeira havia uma caixa de papelão comprida com a tampa semierguida. Um papel de seda branco escapava do canto da caixa.

"Ah", Sue exclamou, "é da Julie." Fui até lá e afastei a caixa da cadeira. Dentro dela, envolta em papel branco e cor de laranja, havia um par de botas de cano longo. Eram de um marrom muito escuro e exalavam um potente cheiro de couro e perfume.

De costas para mim, Julie dobrava lenta e cuidadosamente o vestido cor de laranja que Tom usara. Peguei uma das botas. "Onde é que você arranhou isso?" "Numa loja", disse Julie sem se voltar. "Quanto custou?"

"Não muito." Sue estava bastante excitada.

"Julie", ela disse num sussurro bem audível, "elas custaram trinta e oito libras!"

"Você pagou trinta e oito libras?", perguntei.

Julie negou com a cabeça e pôs o vestido cor de laranja debaixo do braço. Lembrei-me da fita ridícula em volta do pescoço e tentei arrancá-la, mas ela não saiu e o laço se transformou num nó. Sue começou a rir. Julie caminhou para a porta da sala.

"Então você roubou as botas", eu disse, e ela mais uma vez balançou a cabeça. Segurando ainda uma das botas, subi a escada atrás dela. Já em seu quarto, continuei: "Você nos deu duas libras, a mim e a Sue, e aí gasta trinta e oito libras num par de botas". Julie sentou-se diante do espelho que prendera à parede e começou a escovar os cabelos.

"Errado", cantarolou. Joguei a bota em cima da cama e usei as duas mãos para partir a fita em volta do pescoço. O nó se tornou minúsculo e ficou duro como uma pedra. Julie esticou os braços e bocejou.

"Se você não comprou, então só pode ter roubado."

Ela respondeu: "Negativo", mantendo depois a boca franzida em torno da palavra num ricto irônico.

"Então o quê?", perguntei, postando-me bem atrás dela. Ela estava olhando a si própria no espelho, e não para mim.

"Você não consegue pensar em nenhuma outra maneira?"

Neguei com a cabeça. "Não há nenhuma outra maneira, a menos que você mesma as tenha feito."

Julie soltou uma risada. "Ninguém nunca lhe deu um presente?"

"Quem é que lhe deu as botas?"

"Um amigo."

"Que amigo?"

"Rá, rá, aí eu tinha que contar um segredo."

"Um sujeito."

Julie levantou-se e se voltou para encarar-me, apertando os lábios até fazê-los parecer um morango. "Claro que ele é um sujeito", disse por fim. Eu tinha uma noção imprecisa de que, como irmão, estava no direito de fazer perguntas sobre seu namorado. Mas, como não havia nada em Julie que justificasse tal ideia, me senti mais desalentado do que curioso. Ela pegou uma tesourinha de unha na mesa de cabeceira e cortou a fita perto do nó. Deixando-a cair no chão, ela disse: "Pronto", e me beijou de leve na boca.

TRÊS SEMANAS APÓS A MORTE DE MAMÃE, comecei a reler o livro que Sue me dera no meu aniversário. Surpreendeu-me o quanto eu havia perdido da leitura. Não me dera conta de quão exigente era o comandante Hunt em manter a nave limpa e

arrumada, em especial durante as longas viagens pelo espaço. A cada dia — o velho dia terrestre —, ele descia por uma escada de aço inoxidável para inspecionar o refeitório. Guimbas de cigarros, talheres de plástico, revistas velhas, canecas e café derramado flutuavam desordenadamente no aposento. "Agora que não contamos com a gravidade para manter as coisas em seus lugares", dizia o comandante Hunt aos técnicos em computação que faziam sua primeira viagem espacial, "precisamos tomar um cuidado excepcional para nos conservarmos limpos." E, durante as muitas horas em que não era necessário tomar decisões urgentes, o comandante Hunt matava o tempo "lendo e relendo as obras-primas da literatura universal e registrando seus pensamentos num pesado diário encadernado em aço, enquanto Cosmo, o fiel cão de caça, cochilava a seus pés". A espaçonave do comandante Hunt cruzava o universo a um centésimo da velocidade da luz buscando a fonte de energia que transformara os esporos num monstro. Perguntei-me se ele se importaria com as condições do refeitório ou com a literatura universal se a nave houvesse permanecido totalmente imóvel, ocupando uma posição fixa no espaço.

Tão logo acabei a leitura, desci com o livro para entregá-lo a Julie ou Sue. Queria que mais alguém o lesse. Encontrei Julie sozinha na sala de visitas, sentada numa cadeira de braços com as pernas dobradas sob o corpo. Fumava um cigarro e, quando entrei na sala, jogou a cabeça para

trás soprando uma coluna de fumaça na direção do teto. "Não sabia que você fumava", eu disse. Ela deu outra tragada e confirmou com uma breve sacudidela da cabeça. Aproximei-me com o livro. "Você devia ler isso", eu disse, entregando-o para ela.

Julie observou por algum tempo a capa, enquanto, atrás de sua cadeira, eu fazia o mesmo. Semelhante a um polvo, o monstro atacava uma espaçonave. À distância, a nave do comandante Hunt chegava velozmente em socorro. Eu antes não havia examinado a ilustração com cuidado, e ela agora parecia ridícula. Senti vergonha da capa, como se eu próprio a tivesse desenhado. Julie devolveu o livro por cima do ombro, segurando-o por uma ponta.

"A capa não é grande coisa", eu disse, "mas tem umas passagens muito boas." Julie balançou a cabeça e soprou mais fumaça, dessa vez para o outro lado da sala.

"Não faz meu gênero", retrucou. Pus o livro sobre a mesa, com a capa virada para baixo, e dei a volta para me postar diante de sua cadeira.

"O que é que você quer dizer com isso? Como sabe que tipo de livro é esse?"

Julie deu de ombros. "Não sou mesmo muito chegada à leitura."

"Mas ia gostar desse livro se começasse a ler." Peguei o livro de novo e voltei a examiná-lo. Não sabia por que estava tão ansioso para que alguém mais o lesse. De repente, Julie se inclinou para a frente e tomou o livro de minha mão.

"Está bem, se você realmente quer, vou tratar de ler." Falou como se estivesse se dirigindo a uma criança prestes a cair no choro, o que me deu raiva. "Não precisa ler só para me agradar", retruquei, tentando retomar o livro. Ela o afastou de mim.

"Ah, não", ela disse sorrindo, "de jeito nenhum." Agarrei seu pulso e torci. Julie transferiu o livro para a outra mão e o escondeu às suas costas. "Você está me machucando."

"Me dá de volta, não faz seu gênero." Empurrei-a para o lado até o livro ficar visível. Ela me deixou pegá-lo sem resistência e o levei para o outro lado da sala. Julie me olhou fixamente, esfregando o pulso.

"Que que há com você?", perguntou quase num sussurro. "Você precisa ser internado." Não lhe dei trela e me sentei.

Ficamos em cantos opostos da sala por um bom tempo. Julie acendeu outro cigarro e eu reli certos trechos do livro. Meus olhos se moviam ao longo das linhas impressas, porém o cérebro não registrava nada. Eu queria lhe dizer algo conciliatório antes de sair da sala, mas não conseguia pensar em nada que não soasse idiota. Além do mais, eu me disse, ela bem que tinha merecido. Na véspera, eu havia feito Tom chorar com um peteleco na cabeça porque ele me acordou fazendo um barulhão diante da porta do quarto. Ele se jogou no chão, segurando a cabeça, e gritou tão alto que Sue chegou correndo do seu quarto.

"Foi culpa dele", eu disse, "fazer um barulho desses de manhã cedinho." Ela massageou a cabeça de Tom.

"Manhã cedinho!", disse numa voz suficientemente alta para vencer os urros de Tom. "E quase uma hora da tarde!"

"Muito bem, mas é de manhã cedinho para mim", gritei também, voltando para a cama.

Eu não via mesmo nenhuma razão para me levantar. Não havia nada especialmente interessante para comer e eu era o único que não tinha o que fazer. Tom brincava do lado de fora o dia todo, Sue permanecia no quarto lendo e escrevendo no caderno, Julie saía com o sujeito que lhe havia dado as botas. Quando não estava fora, se preparava para sair. Tomava banhos demorados que enchiam a casa com um cheiro doce, mais forte que o da cozinha. Passava um tempão lavando e escovando os cabelos, pintando os olhos. Usava roupas que eu nunca tinha visto antes, uma blusa de seda e uma saia de veludo marrom. Eu acordava no fim da manhã, me masturbava e dormitava de novo. Tinha sonhos, sonhos ruins que não chegavam a ser pesadelos, mas dos quais só me livrava lutando para acordar. Gastei minhas duas libras comprando peixe e batatas fritas, e, quando pedi mais a Julie, ela me passou uma nota de cinco sem dizer uma palavra. Durante o dia, eu ouvia o rádio. Pensei se devia voltar para a escola após as férias de verão, pensei em arranjar um emprego. Nenhuma das duas ideias me atraía. Algumas tardes, dormia na poltrona embora

houvesse acordado poucas horas antes. Olhava-me no espelho e via que as espinhas desciam o rosto em direção ao pescoço. Perguntava-me se acabariam por cobrir todo o meu corpo — e nem me importava se isso acontecesse.

Finalmente, Julie pigarreou e disse: "E aí?". Olhei para a porta da cozinha, que ficava atrás dela.

"Vamos limpar a cozinha", eu disse de repente. Acertei na mosca. Julie se pôs de pé num salto e, com o cigarro pendendo de um canto da boca, imitou um gângster de cinema.

"Agora você falou tudo, garotão, agora você brilhou." Ofereceu a mão e me puxou da cadeira.

"Vou chamar Sue", eu disse, mas Julie sacudiu a cabeça. Com uma metralhadora imaginária apoiada no quadril, ela pulou para dentro da cozinha e disparou para todo lado, nos pratos cobertos de mofo, nas moscas e varejeiras, no monte de lixo que havia desabado e se espalhado pelo chão. Julie atirou em tudo, fazendo os mesmos sons no fundo da garganta que Tom usava em suas brincadeiras de mocinho. Pensei se devia entrar na brincadeira. Julie rodopiou e encheu minha barriga de balas. Caí no chão a seus pés, uma embalagem de manteiga a alguns centímetros do meu nariz. Julie agarrou um punhado de meus cabelos e puxou minha cabeça para trás. Trocou a metralhadora por uma faca e, ao apertá-la contra minha garganta, disse: "Mais um probleminha, e te enfio isso aqui". Então se ajoelhou e espetou o dedo no meu ventre. "Ou aqui", sussurrou em tom dramático, fazendo com que ambos

caíssemos na risada. A brincadeira de Julie acabou de forma súbita. Começamos a varrer a sujeira e recolhê-la em caixas de papelão, que carregávamos para as latas de lixo. Sue nos ouviu e desceu para ajudar. Desentupimos os ralos, lavamos as paredes, esfregamos o chão. Enquanto Sue e eu atacávamos os pratos, Julie foi comprar os gêneros alimentícios. Acabamos no exato momento em que ela voltou, e logo começamos a cortar os legumes para preparar um grande cozido. Posta a panela no fogo, Julie e Sue foram fazer uma faxina na sala de visitas, enquanto eu limpava as janelas pelo lado de fora. Vi minhas irmãs, suas imagens toldadas por uma película de água, empurrarem toda a mobília para o centro da sala — e pela primeira vez em semanas me senti feliz. Senti-me seguro, como se pertencesse a um exército poderoso e secreto. Trabalhamos por umas quatro horas, uma tarefa se seguindo a outra, e em nenhum momento pensei em mim.

Levei alguns capachos e um pequeno tapete para o jardim, batendo forte neles com um pedaço de pau para tirar todo o pó. Já fazia isso havia algum tempo quando ouvi um ruído às minhas costas. Voltei-me: era Tom e seu amigo dos blocos de apartamentos. Tom usava o uniforme escolar de Sue e seus joelhos sangravam após uma queda. Ele passara a brincar com frequência na rua usando a saia da irmã. Nenhuma das outras crianças o gozava, como eu acreditava que iria ocorrer. Nem pareciam notar. Eu não conseguia entender isso.

Nem morto eu deixaria que me vissem usando a saia de minha irmã na idade dele — ou em qualquer outra idade. Eles estavam de mãos dadas e continuei meu trabalho. O amigo de Tom usava um lenço enrolado no pescoço cujo desenho não me era estranho. Trocaram algumas palavras que não pude ouvir por causa do barulho que eu mesmo fazia. Então Tom perguntou em voz alta: "Por que que você está fazendo isso?". Expliquei-lhe e perguntei: "E por que você está usando essa saia?". Tom não respondeu. Dei mais algumas pancadas no tapete e parei de novo, perguntando ao amigo de Tom: "Por que ele está usando a saia?"

"Na nossa brincadeira, Tom é Julie."

"E você, quem é você?"

O menino não respondeu. Levantei o pedaço de pau e, quando descia o braço, Tom disse: "Ele é você".

"Você disse que ele é eu?" Ambos concordaram sacudindo a cabeça. Joguei o pau longe e tirei os capachos do varal. "O que vocês fazem nessa brincadeira?"

O amigo de Tom deu de ombros. "Nada de mais."

"Vocês têm brigas?" Tentei incluir Tom em minha pergunta, mas ele olhava em outra direção. O menino negou com a cabeça. Empilhei os capachos e o tapete. "Vocês são amigos na brincadeira? Ficam de mãos dadas?"

Eles soltaram as mãos e riram.

Tom entrou em casa atrás de mim, mas seu amigo permaneceu do lado de fora, junto à porta da cozinha. Ele disse a Tom que ia voltar para

casa, embora desse à suas palavras a entonação de uma pergunta. Tom concordou com a cabeça sem se voltar. Na sala havia quatro pratos sobre a mesa, cada qual ladeado por um garfo e uma faca. No centro, uma garrafa de molho de tomate e uma tacinha para ovos quentes cheia de sal. Uma cadeira diante de cada prato. Como se fôssemos gente de verdade, pensei. Tom subiu para ver Julie e Sue, enquanto eu caminhava da sala para a cozinha e da cozinha para a sala como o comandante Hunt inspecionando o refeitório. Abaixei-me duas vezes para pegar fiapos de tecido no tapete. Um saco de compras, feito de cordas vivamente coloridas, pendia de um gancho preso à porta do porão. Nele havia duas maçãs e duas laranjas. Empurrei-o com o dedo para que balançasse como um pêndulo. O saco se movia com mais facilidade numa direção do que na outra, e levei algum tempo para descobrir que isso se devia ao feitiço das alças. Sem pensar no que fazia, abri a porta do porão, acendi a luz e desci correndo a escada.

A pá jazia no meio de uma grande mancha redonda de cimento ressequido. Fez-me pensar no ponteiro das horas de um imenso relógio quebrado. Tentei recordar qual de nós dois a havia usado por último, porém não me lembrava claramente da ordem dos acontecimentos. Peguei a pá e a encostei contra a parede. A tampa do baú estava erguida, tal como havíamos deixado. Lembrava-me bem disso. Passei a mão pelo concreto que enchia o baú. Era de um cinza muito claro e parecia quente ao toque. Um pó

fino grudou-se à minha mão. Notei que uma rachadura muito estreita cortava a superfície em diagonal, bifurcando-se numa das extremidades. Ajoelhei-me e, encostando o nariz na rachadura, senti um odor adocicado e bastante intenso. Mas, ao me levantar, ficou claro que era o aroma do cozido no andar de cima. Sentei-me num banquinho junto ao baú e pensei em mamãe. Esforcei-me para reproduzir seu rosto em minha mente. Veio-me a silhueta oval de um rosto, mas os traços em seu interior não se imobilizavam, se fundiam, fazendo com que o oval se transformasse numa lâmpada. Ao fechar os olhos, eu realmente via uma lâmpada elétrica. Por um instante, o rosto de minha mãe apareceu, emoldurado pelo oval, com o sorriso forçado que ela fazia ao posar para uma fotografia. Construí frases e tentei pô-las em sua boca. Mas não podia imaginar nada que ela quisesse dizer. As coisas mais simples, como "Me passe esse livro" ou "Boa noite" não soavam como algo que ela diria. Sua voz era alta ou baixa? Alguma vez ela contou uma piada? Estava morta havia menos de um mês e se encontrava no baú a meu lado. Nem isso era certo. Tive vontade de exumá-la para me certificar.

Corri a unha pela rachadura. Já não tinha certeza da razão pela qual a havíamos posto no baú. Naquela hora tinha sido óbvio: para manter a família unida. Seria esse um bom motivo? Talvez fosse mais interessante se nos separássemos. Nem sabia se o que havíamos feito era uma coisa normal, compreensível ainda que fosse um erro,

ou algo tão estranho que, caso descoberto algum dia, ganharia as manchetes de todos os jornais do país. Ou nem uma coisa nem outra, algo que se pode ler nas páginas de dentro do jornal local e esquecer imediatamente. Assim como a imagem de seu rosto, todos os meus pensamentos se dissolviam em nada.

A impossibilidade de saber ou sentir alguma coisa com certeza me deu um forte desejo de masturbar-me. Enfiei as mãos nos bolsos e, quando olhei entre as pernas, vi uma coisa vermelha. Dei um salto de surpresa. O banquinho em que me sentara era de um vermelho berrante. Tinha sido pintado havia muito tempo por meu pai e ficava no banheiro do térreo. Julie ou Sue deviam tê-lo trazido para se sentarem junto ao baú. Em vez de consolar-me, essa ideia me assustou. Quase não conversávamos sobre mamãe. Ela era o segredo de cada um e de todos nós. Até Tom raramente a mencionava, e só vez por outra chorava por causa dela. Olhei a meu redor no porão em busca de outros sinais, porém não havia nada. Fui embora e, quando comecei a subir, reparei que Sue me olhava do topo da escada.

"Pensei que era mesmo você lá embaixo", ela disse quando a alcancei. Sue trazia um prato na mão.

"Tem uma rachadura, você viu?"

"Está aumentando", ela disse rapidamente, "mas adivinha só uma coisa!" Dei de ombros. Ela me mostrou o prato. "Alguém vem tomar chá conosco." Afastei-a para entrar na cozinha, mas

não havia ninguém lá. Sue apagou as luzes do porão e fechou a porta à chave.

"Quem?" Dava para ver agora como Sue estava excitada.

"Derek, o cara de Julie." Na sala, observei enquanto Sue colocava o prato adicional. Ela me levou até o pé da escada, apontou para cima e sussurrou: "Escute". Ouvi a voz de Julie e depois, em resposta, a de um homem. De repente, ambos falaram ao mesmo tempo e riram.

"E daí?", perguntei a Sue. "Grande coisa." Meu coração estava a toda. Joguei-me numa poltrona e comecei a assoviar. Sue também se sentou e secou um suor imaginário da testa. "Por sorte nós tínhamos limpado tudo, não é?" Continuei a assoviar, escolhendo as notas ao azar, numa espécie de pânico, e só aos poucos engrenando uma melodia.

Tom chegou do andar de cima trazendo o que parecia ser um gato grande. Era sua peruca. Levou-a até Sue e pediu que a pusesse nele. Ela o manteve afastado e apontou para seus joelhos e suas mãos, recusando-se a pôr a peruca enquanto ele não se lavasse. Enquanto Tom estava no banheiro, perguntei: "Como é ele?".

"Tem um carro, um carro novo, olhe lá", ela respondeu, fazendo um sinal na direção da janela. Mas não olhei. Quando Tom voltou, Sue lhe disse: "Se você quer ser uma garota na hora do chá, por que não usa o vestido cor de laranja?". Ele sacudiu a cabeça e, tão logo Sue ajustou a peruca, correu para o hall a fim de se ver no espelho. Ao voltar, sentou-se na minha

frente e enfiou o dedo no nariz. Sue lia um livro e recomecei a assoviar, agora mais baixo. Tom tirou alguma coisa do nariz na ponta do indicador, deu uma olhadela e limpou no assento da cadeira. Vez por outra eu também fazia isso, mas apenas quando estava a sós, em geral na cama, de manhã. Não é tão feio quando uma garota faz isso, pensei, e fui até a janela. Era um carro esporte, do tipo antigo, com estribo e capota de couro aberta. Pintado de vermelho vivo, uma estreita faixa preta corria ao longo de toda a carroceria.

"Você devia ir lá fora para ver direito", disse Sue, "é fantástico."

"Ver o quê?" Os aros das rodas e os canos de escape eram cromados. Os lados do capo exibiam uma série de longos cortes oblíquos. "Para deixar o ar entrar", me ouvi explicando a um passageiro enquanto fazia uma curva apertada nos Alpes, "ou o calor sair." Quando voltei para a cadeira, Sue havia desaparecido.

Observei Tom cuidadosamente. Ele parecia bem pequeno na ampla poltrona: os pés mal ultrapassavam o assento e a cabeça só chegava à metade do encosto. Ele me encarou de volta por alguns segundos e depois desviou o olhar, cruzando os braços. Suas pernas despontavam por baixo da saia. "Como é ser uma garota?", perguntei. Tom balançou a cabeça e mudou de posição. "Melhor do que ser um garoto?"

"Num sei."

"Você se sente sensual?" Tom riu de imediato. Não entendeu minha pergunta, mas sabia que

aquela palavra devia provocar uma risada. "E aí, se sente ou não?" Tom deu um sorriso artificial.

"Num sei." Inclinei-me para a frente e fiz sinal com o dedo para que ele se aproximasse.

"Quando você põe a peruca e a saia, e aí vai até o espelho e vê uma garota, você sente uma coisa boa no teu peruzinho, ele fica maior?" O sorriso forçado de Tom se apagou. Ele desceu com dificuldade da cadeira e saiu de mansinho da sala.

Permaneci totalmente imóvel, apreciando o cheiro do cozido. O teto estalou. Endireitei-me na cadeira. Cruzei as pernas nos tornozelos e entrelacei as mãos debaixo do queixo. Ouvi passos leves e rápidos na escada, Tom apareceu correndo. "Eles estão vindo! Ele está vindo!", ele gritou. "Ele quem?", perguntei, movendo minhas mãos para a nuca.

Julie disse: "Esse é o Derek. Esse é o Jack". Troquei um aperto de mão sem me levantar, mas descruzei as pernas e plantei os pés firmemente no chão. Nenhum de nós falou durante o aperto de mão. Passado aquele instante, Derek limpou a garganta e olhou para Julie. Ela estava atrás de Tom, com as mãos pousadas em seus ombros. "E esse é o Tom", ela disse de uma forma que deixava claro já lhe ter falado sobre ele. Derek deslocou-se para trás de minha cadeira, onde eu não podia vê-lo, e disse com um jeito bonachão: "Ah, um menino que gosta de brincar de menina". Sue deu uma risadinha meio sem graça e eu me levantei. Julie foi à cozinha buscar o cozido e pediu que Tom a ajudasse. Ficamos os

três de pé no centro da sala. Como estávamos muito próximos, parecia que balançávamos juntos. Sue falou numa voz deliberadamente ofegante e idiota:

"Nós gostamos muito do seu carro." Derek acenou com a cabeça. Ele era bem alto e dava a impressão de estar vestido para um casamento: terno cinza claro, camisa e gravata cor de creme, abotoaduras e colete com uma correntinha de prata. "Eu não gostei muito", comentei. Ele se voltou na minha direção e esboçou um leve sorriso. Tinha um grosso bigode negro, tão perfeito que podia ser feito de plástico.

"E?", ele disse cortesmente, sem apagar de todo o sorriso. "Por que não?"

"É berrante demais", respondi. Derek olhou de relance para os sapatos. "Quer dizer, a cor, não gosto de vermelho."

"Que pena", ele disse, voltando-se para Sue e não para mim. "E você, gosta de vermelho?" Sue olhou para a cozinha, cuja porta ficava atrás de Derek. "Eu? Ah, eu gosto de vermelho, especialmente num carro." Como ele voltara a olhar para mim, repeti: "Não gosto de vermelho num carro, fica parecendo de brinquedo". Derek se afastou um passo de nós dois. Mantendo as mãos enfiadas no fundo dos bolsos, balançou-se nos calcanhares. "Quando você for um pouco mais velho, vai entender que é isso que eles todos são, brinquedos, brinquedinhos caros", ele disse falando com toda a calma.

"Por que são brinquedos?", perguntei. "São muito úteis para a gente ir aonde precisa." Ele fez que sim com a cabeça e olhou em volta da sala.

"Esses aposentos são grandes", ele disse para a Sue, "é realmente uma casa bem grande." Sue disse: "Meu quarto é bem pequenininho". Cruzei os braços e persisti.

"Se os carros são brinquedos, então tudo que a gente compra também é um brinquedo." Nesse justo instante Julie chegou com o cozido, enquanto Tom trazia um pão e o vidro de pimenta.

"Vou ter que pensar sobre essa, Jack", disse Derek, voltando-se para afastar uma cadeira do caminho de Julie.

Antes de nos sentarmos, reparei que Julie usava as botas novas, a saia de veludo e a blusa de seda. Ela e Derek ficaram lado a lado na mesa. Sentei-me num canto, junto a Tom. No início estava irritado demais para sentir fome. Quando Julie me passou um prato com comida, eu lhe disse que não queria, mas ela retrucou: "Não seja bobo". Pôs o prato entre o garfo e a faca em minha frente e sorriu para Derek. Ele sacudiu a cabeça, significando que compreendia tudo. Enquanto comíamos, Julie e Sue se encarregaram de animar a conversa. Derek manteve-se bem empertigado. Abriu no colo um lenço vermelho e azul e, quando terminou, o usou para limpar o bigode. Feito isso, dobrou-o cuidadosamente e guardou de volta no bolso. Queria ver os dois se tocarem. Julie encostou a mão na dobra de seu cotovelo e lhe pediu que passasse o sal. Alcancei

a tacinha para ovos antes dele e, ao empurrá-la para minha irmã, derramei sal pela mesa toda.

"Cuidado", disse Derek baixinho. As garotas se lançaram numa conversa nervosa sobre a importância de jogar sal por cima do ombro e não passar por baixo de escadas. A certa altura, vi Derek piscar o olho para Tom, que baixou a cabeça e encobriu o rosto com os cachos da peruca. Depois, Julie levou Derek para o jardim, enquanto Sue e eu lavávamos os pratos. Na verdade, limitei-me a zanzar por ali com o pano de prato na mão. Nós dois ficamos olhando pela janela da cozinha. Julie mostrava os caminhos estreitos e os degraus que haviam se tornado quase invisíveis sob o emaranhado de ervas marrons. Derek apontou para os blocos de apartamentos e fez um gesto largo com o braço, como se lhes ordenasse que ruíssem. Julie, com uma expressão séria, concordou com a cabeça. "Ele realmente tem uns ombros um bocado largos, não é mesmo? Deve ter mandado fazer esse terno sob medida", disse Sue. Contemplamos as costas de Derek. Sua cabeça era pequena e redonda, os cabelos cortados do mesmo tamanho, como os pelos de uma escova. "Ele não é tão forte", eu disse, "e é bem cheinho."

Sue tirou pratos molhados da pia e procurou um lugar para colocá-los.

"Ele podia lhe dar uma surra com o dedo mindinho."

"Ah", gritei, "deixa só ele tentar."

Pouco depois Julie e seu namorado sentaram-se junto ao morrinho de pedras. Sue tomou o pano de prato de minhas mãos e começou a secar a louça. "Aposto que você não é capaz de descobrir o que ele faz." Respondi: "Estou cagando".

"Não vai descobrir nunca. Ele é jogador de sinuca."

"E daí?"

"Joga sinuca por dinheiro, ele é incrivelmente rico." Olhei de novo para Derek e pensei nisso. Sentado de perfil para mim, ele ouvia Julie atentamente. Havia arrancado um longo talo de capim e ia cortando com os dentes pedacinhos que depois cuspia. Sacudia a cabeça sem parar para mostrar que concordava com as palavras dela; quando falou, pousou a mão de leve no seu ombro. O que quer que tenha dito fez Julie rir.

"E publicaram uma coisa sobre ele no jornal", Sue continuou.

"Que jornal?" Soltei uma risada quando Sue mencionou o nome do semanário local.

"Todo mundo acaba aparecendo nesse jornal", eu disse, "se viver o tempo suficiente."

"Aposto que você não adivinha a idade dele." Não respondi nada.

"Vinte e três", disse Sue, orgulhosa, sorrindo para mim. Tive vontade de bater nela.

"E o que há de tão especial nisso?"

Sue secou as mãos. "E a idade perfeita para um sujeito." "Perfeita por quê? Quem falou isso?" Sue hesitou. "Foi Julie que falou."

Bufei e tratei de sair da cozinha. Parei na sala para procurar o comandante Hunt. Na arrumação, ele havia sido relegado a uma estante. Corri até meu quarto com o livro, bati a porta com força e me deitei na cama.

MEUS SONHOS RUINS passaram a se transformar em pesadelos com maior frequência. Havia uma grande caixa de madeira no hall pela qual eu passara dezenas de vezes sem dar a menor bola. Agora tinha parado para examiná-la. A tampa, antes fixada com pregos, fora solta, alguns pregos estavam dobrados para trás, a madeira em volta deles lascada e esbranquiçada. Eu me encontrava tão perto da caixa quanto podia sem ser capaz de ver o que havia dentro. Sabia que se tratava de um pesadelo e que era importante não entrar em pânico. Havia algo dentro da caixa. Consegui abrir os olhos um pouquinho e, antes que eles se fechassem, reconheci o pé da minha cama. Estava de novo no hall, ainda mais próximo à caixa e olhando tolamente para seu interior. Quando tentei de novo, consegui abrir os olhos sem problema algum. Vi o canto da cama e algumas das minhas roupas. Sentada numa grande poltrona, ao lado da cama, mamãe cravava em mim seus olhos vazios e grandes. É porque ela está morta, pensei. Ela parecia pequena, seus pés mal tocavam o chão. Quando falou, a voz era tão familiar que não pude entender como a havia esquecido com tanta facilidade. Mas não fui capaz de compreender exatamente o

que ela dizia. Usou uma palavra estranha, *musbatar* ou *masbutar*.

"Você não pode parar de se musbatar", ela perguntou, "nem enquanto fala comigo?"

"Não estou fazendo nada", respondi — e então notei, ao olhar para baixo, que a cama não tinha lençóis e que eu estava nu, masturbando-me na frente dela. Minha mão se movia automaticamente para cima e para baixo. "Não posso parar", eu lhe disse, "é independente de mim."

"O que diria seu pai", ela comentou em voz triste, "se estivesse vivo?" Quando acordei, me vi dizendo em voz alta: "Mas vocês dois estão mortos!".

Contei esse sonho a Sue, certa tarde. Quando destrancou a porta para me deixar entrar, reparei que segurava o caderno aberto numa das mãos. Enquanto me ouvia, fechou o caderno e o enfiou debaixo do travesseiro. Para minha surpresa, achou graça no sonho.

"Os garotos fazem isso o tempo todo?"

"Fazem o quê?"

"Você sabe, se musbatar."

Em vez de responder, perguntei-lhe: "Se lembra quando fazíamos aquela brincadeira?". "Que brincadeira?"

"Quando Julie e eu éramos médicos e examinávamos você, que era uma extraterrestre." Ela confirmou com a cabeça e cruzou os braços. Fiz uma pausa. Não tinha a menor idéia do que ia dizer.

"Bom, e daí?" Eu tinha ido conversar sobre meu sonho e sobre mamãe, e já estávamos falando de outra coisa.

"Você gostaria", eu disse devagar, "que continuássemos a fazer aquela brincadeira?" Sue negou com a cabeça e desviou o olhar.

"Nem me lembro direito como era."

"Julie e eu tirávamos toda a sua roupa." Bastou dizê-lo para que a coisa soasse improvável. Sue balançou a cabeça de novo e retrucou de forma pouco convincente: "E mesmo? Realmente não me lembro direito, eu era muito pequena". E então, após um breve silêncio, acrescentou alegremente: "Nós vivíamos fazendo uma porção de brincadeiras bobas".

Sentei-me em sua cama. O chão do quarto era coalhado de livros, alguns deles abertos, com as páginas viradas para baixo. Muitos vinham da biblioteca, e eu estava prestes a pegar um quando, de repente, a simples ideia de ler me deixou enjoado. "Você não se cansa de passar o dia inteiro sentada aqui lendo?"

"Gosto de ler e não tenho mais nada para fazer." Retruquei: "Há mil coisas para fazer", só para ouvir Sue repetir que não tinha nada para fazer. Mas ela chupou para dentro os lábios finos e pálidos, como as mulheres costumam fazer ao passar batom, e disse: "Não tenho vontade de fazer nenhuma outra coisa". Depois disso ficamos sentados em silêncio por um bom tempo. Sue assoviou e senti que queria que eu fosse embora. Ouvimos a porta de trás se abrir e as vozes de Julie e seu namorado. Desejei que

Sue detestasse Derek tanto quanto eu, pois assim teríamos muita coisa para conversar. Ela levantou as sobrancelhas finas e disse: "Foram eles que chegaram". Ao que, me sentindo isolado de todas as pessoas que eu conhecia, retruquei: "E daí?".

Sue voltou a assoviar enquanto eu virava as páginas de uma revista, porém ambos estávamos muito atentos aos ruídos vindos do andar de baixo. Eles não estavam subindo. Ouvi o som de água correndo e o tilintar de xícaras de chá. "Mas você continua a escrever naquele caderno, não é?", perguntei a Sue. "Um pouco", ela respondeu, olhando para o travesseiro como se estivesse preparada para impedir que eu o pegasse de surpresa. Esperei um momento e disse num tom muito triste: "Seria bom se você me deixasse ler o que escreveu sobre mamãe, só isso. Podia ler para mim, se preferir". Lá embaixo, o rádio disparou a todo o volume. "*Se você está pensando... em viajar para o Oeste... acredite em mim... pegue essa estrada... que vou indo...*" "A canção me irritava, mas continuei a olhar para minha irmã com uma expressão tristonha.

"Você não ia entender nada."

"Por que não?"

"Você nunca entendeu nada sobre ela. Foi sempre horrível com ela", disse Sue com emoção.

"Isso é mentira!", reagi em voz alta e, após alguns segundos, repeti: "Isso é mentira!". Sue continuou sentada na beira da cama, as costas

retas, uma das mãos pousada no travesseiro. Quando voltou a falar, ficou olhando fixamente para a frente, com um ar tristonho.

"Você nunca fazia o que ela pedia. Nunca fez nada para ajudar. Só se preocupava com você próprio, como agora." Eu disse: "Eu não ia sonhar tanto com mamãe se não ligasse para ela".

"Você não sonhou com ela, sonhou com você mesmo. É por isso que quer ler o meu diário, para ver se lá tem alguma coisa sobre você."

"Você vai ao porão, senta naquele banquinho e escreve sobre todos nós naquele caderno preto?", perguntei em meio a uma série de risadas.

Forcei-me a continuar rindo. Estava confuso e precisava fazer um bocado de barulho. Enquanto ria, agarrei os joelhos com as mãos, mas não conseguia senti-los. Sue me olhava como se estivesse se lembrando de mim, e não me vendo de verdade. Tirou o caderno de sob o travesseiro, abriu-o e buscou uma página. Parei de rir e esperei. "Nove de agosto... Você morreu há dezenove dias. Ninguém mencionou seu nome hoje." Fez uma pausa e seus olhos pularam várias linhas. "Jack estava insuportável. Machucou Tom na escada porque ele fez algazarra na porta do quarto e o acordou. O arranhão na cabeça dele sangrou bastante. No almoço, misturamos duas latas de sopa. Jack não falou com ninguém. Julie contou sobre seu namorado, que se chama Derek. Disse que talvez o trouxesse aqui em casa e perguntou se alguém se importava. Respondi que não. Jack fingiu que

não tinha ouvido e subiu para o quarto." Sue achou outra página e voltou a ler, agora de forma mais expressiva. "Ele não muda de roupa desde que você morreu. Não lava as mãos nem nada, e fede que é um horror. Odiamos quando ele pega no pão. Não se pode dizer nada a ele, há sempre o risco de uma agressão. Está sempre querendo bater em alguém, mas Julie sabe como lidar com ele..." Sue parou de novo e, quando parecia que ia continuar, mudou de idéia e fechou de golpe o caderno. "Pronto", ela disse. Depois disso, passamos algum tempo discutindo sem grande entusiasmo o que Julie havia dito no almoço.

"Ela não falou em trazer ninguém aqui em casa", eu disse. "Falou!"

"Não falou!" Sue acorou-se em frente a um dos livros e fingiu não reparar quando fui embora.

Lá embaixo, o rádio estava no volume mais alto que eu jamais ouvira. Um homem berrava loucamente sobre alguma competição esportiva. Encontrei Tom sentado no topo da escada, usando um vestido azul e branco com laço atrás. A peruca não estava à vista. Ao me sentar ao lado dele, senti, por alguns instantes, um cheiro tênue mas desagradável. Tom estava chorando, os nós dos dedos cobrindo os olhos como se vê as garotas fazendo nas ilustrações das latas de biscoito. De uma das narinas escorria um longo ranho verde, que sumiu quando ele fungou. Fiquei olhando para ver se ia reaparecer. Além do som do rádio, pensei ouvir vozes, mas não tinha certeza. Quando perguntei por que ele

estava chorando, chorou ainda mais forte. Mais calmo, lamuriou-se: "Julie me bateu e gritou comigo", voltando imediatamente a chorar.

Deixei-o lá sentado e descí. O rádio estava naquele volume porque Julie e Derek brigavam. Parei perto da porta e tentei escutar o que diziam. Derek parecia implorar algo a Julie, sua voz tinha um tom lacrimoso. Falavam ao mesmo tempo, quase gritando, e pararam de chofre quando entrei. Derek encostou--se na mesa, as mãos nos bolsos, os tornozelos cruzados. Usava um terno verde-escuro e uma gravata muito larga com uma fivela de ouro no lugar do nó. Julie se encontrava perto da janela. Passei entre os dois e desliguei o rádio. Então voltei-me, esperando que algum deles falasse primeiro. Se queriam tanto berrar um com o outro, por que não iam para o jardim? "O que você quer?", Julie perguntou. Ela não estava toda empetecada como Derek. Calçava sandálias de plástico, vestia calças jeans e havia dado um nó com as fraldas da blusa embaixo dos seios. "Só vim ver que barulhão era esse aqui embaixo e saber quem bateu em Tom", respondi, olhando de relance para Derek. Julie ficou batendo o pé lentamente para deixar claro que esperava que eu desse o fora.

Caminhei bem devagar entre eles, pondo o calcanhar do sapato de um pé à frente do outro como se faz ao medir uma distância sem fita métrica. Derek limpou a garganta baixinho e puxou do bolso o relógio preso por uma corrente. Observei enquanto o abria, fechava e punha de

volta no bolso. Não o via desde sua primeira visita à casa, mais de uma semana antes. Mas ele viera buscar Julie de carro várias vezes. Eu ouvia o motor do lado de fora e Julie correndo pelo caminho que levava ao portão, mas nunca fui à janela para vê-los como Sue e Tom faziam. Julie já dormira fora duas ou três vezes. Ela nunca me dizia aonde havia ido, mas contava a Sue. Na manhã seguinte, as duas ficavam sentadas na cozinha durante horas, conversando e tomando chá. Talvez Sue escrevesse tudo em seu caderno sem que Julie soubesse.

Derek sorriu para mim de repente e disse: "Como vai, Jack?". Julie deu um suspiro bastante audível. "Esquece", disse para ele, mas eu respondi friamente: "Tudo bem".

"O que é que você anda fazendo esses dias?"

Olhei para Julie enquanto respondia: "Nada de mais". Dava para ver o quanto a irritava eu estar conversando com Derek. "E você?" Derek fez uma pausa antes de responder e suspirou. "Treinando. Alguns joguinhos. Nada de importante, você sabe..." Concordei com a cabeça. Derek e Julie se olharam fixamente. Olhei para um e para o outro, tentando pensar em alguma coisa para dizer. Sem tirar os olhos de Julie, Derek indagou: "Você já jogou sinuca alguma vez?". Se ela não estivesse lá, eu diria que sim. Certa vez assistira a uma partida e conhecia as regras. "Ainda não", respondi. Derek consultou o relógio outra vez.

"Então precisa experimentar." Julie descruzou os braços e saiu com passos rápidos da cozinha,

soltando um pequeno suspiro ao passar por mim. Derek acompanhou-a com o olhar e prosseguiu: "Quer dizer, você está ocupado agora?". Pensei bem e respondi: "Não ando muito ocupado". Derek levantou--se e deu uma ligeira escovada no terno com as mãos, que eram pequenas e pálidas. Caminhou até o hall para ajeitar a gravata diante do espelho e comentou por cima do ombro: "Vocês deviam instalar uma luz aqui". Saímos pelos fundos e, ao passar pela cozinha, notei que a porta do porão estava totalmente aberta. Hesitei, queria subir e perguntar a Julie sobre aquilo. Mas Derek fechou a porta com o pé, dizendo que já estava atrasado, e atravessamos correndo o caminho do jardim da frente em direção ao carrinho vermelho.

Surpreendeu-me que Derek dirigisse tão devagar. Sentou-se bem reto e, com os braços estendidos, segurou o volante com o indicador e o polegar como se sentisse repugnância em tocá--lo. Não falou nada. Havia no painel duas fileiras de mostradores pretos com trepidantes ponteiros brancos. Tratei de observá-los durante a maior parte do trajeto. Nenhum dos ponteiros de fato se movimentou muito, exceto os do relógio. Rodamos por uns quinze minutos e, saindo da via principal, entramos numa rua estreita com depósitos de verduras dos dois lados. Em alguns lugares, montes de hortaliças apodreciam na sarjeta. Um homem de terno amassado nos olhou da calçada com uma expressão vazia. Tinha cabelos oleosos e um jornal espetado no bolso do paletó. Derek parou

o carro diante dele e desceu, sem desligar o motor. Atrás do homem havia um beco. "Estacione o carro e venha me ver lá dentro", Derek lhe disse ao passarmos por ele. No fim do beco, viam-se portas de vaivém verdes com as palavras "Salão do Oswald" raspadas na própria tinta. Derek entrou na frente e, com um dedo, segurou a porta para mim sem se voltar para trás. As duas mesas mais distantes estavam ocupadas, mas quase todas as outras tinham as luzes apagadas. Uma delas, bem no centro, estava iluminada. Parecia mais clara que as duas em uso e as bolas de cores brilhantes estavam em seus lugares, prontas para o início da partida. Alguém se apoiava contra a mesa, de costas, fumando um cigarro. Na parede atrás de nós havia uma abertura quadrada, através da qual se via um velho de paletó branco. Diante dele, numa prateleira estreita, alinhavam-se xícaras e pires com bordas azuis e uma tigela de plástico com um pão doce. Derek abaixou-se para falar com o homem e me aproximei de uma das mesas. Li o nome e a cidade do fabricante numa placa de bronze aparafusada atrás da caçapa do meio.

Derek chamou minha atenção estalando a língua. Trazia uma xícara de chá em cada mão e sinalizou com a cabeça para que eu o seguisse. Abriu com o pé uma porta na mesma parede. Junto à porta reparei numa janela em que faltava um vidro. Uma mulher com óculos grossos de grau estava sentada a uma escrivaninha fazendo anotações num livro de contabilidade; do outro

lado do pequeno aposento, segurando um maço de cigarros, um homem ocupava uma poltrona. A fumaça dificultava a visão. Só havia uma lâmpada fraca na beirada da escrivaninha. Derek descansou as xícaras perto da lâmpada e fingiu socar o homem no queixo. O homem e a mulher paparicaram Derek um bocado. Chamaram-no de "filho", mas ele os apresentou a mim como "senhor e senhora O, por causa do Oswald".

"E esse é o irmão de Julie", disse Derek, sem lhes dar meu nome.

Não havia onde sentar. Derek pegou um cigarro do maço do senhor O. A senhora O balançou as pernas, fez um som de lamúria e levantou os lábios como um filhote de passarinho no ninho. Derek pegou outro cigarro e pôs na boca da senhora O, enquanto ela e o marido riam. O senhor O fez um gesto na direção das mesas.

"Meu filho, Greg está lá esperando por você há quase uma hora." Com a cabeça, Derek sinalizou que sabia. Ele se sentara na borda da escrivaninha enquanto eu me mantinha de pé junto à porta. A senhora O sacudiu o dedo no rosto de Derek.

"Quem é esse menino mauzinho?" Ele se afastou um pouco dela e apanhou sua xícara, sem me passar a minha. A senhora O disse cuidadosamente: "E você não veio ontem, meu filho".

O senhor O piscou para mim e disse: "Ah, ele anda muito atarefado". Enquanto Derek bebericava o chá sem dizer nada, o senhor O

continuou: "Mas tinha muita gente aqui esperando por você".

Derek concordou com a cabeça. "E mesmo? Muito bem."

"Ele vem aqui desde os doze anos e nunca lhe cobramos um tostão para usar as mesas", a senhora O disse para mim. "Não é, meu filho?"

Derek terminou o chá e se pôs de pé. "O taco, por favor." O senhor O se levantou e calçou os chinelos. Na parede às suas

costas havia um armário para tacos e, numa das extremidades, um longo estojo de couro preso por um cadeado. O senhor O secou as mãos com um pano amarelo, abriu o estojo e retirou o taco. A madeira era de um marrom muito escuro, quase negro. Antes de passá-lo a Derek, ele me disse: "Sou a única pessoa que pode pegar nos tacos dele".

A senhora O protestou: "Eu também", mas seu marido sorriu para mim e fez que não com a cabeça.

O homem que estacionara o carro esperava do lado de fora do escritório.

"Esse aqui é o Chas", disse Derek, "e esse é o irmão de Julie." Chas e eu não nos olhamos. Enquanto Derek caminhava lentamente em direção à mesa central carregando o taco, Chas o seguia na ponta dos pés, falando muito rápido em seu ouvido. Eu ia logo atrás. Tive vontade de voltar para casa. Chas dizia alguma coisa sobre um cavalo, porém Derek não respondia nem olhava para ele. Tão logo nos aproximamos da mesa, Greg se curvou para dar a tacada inicial.

Ele vestia um casaco de couro marrom com um rasgão numa das mangas e seu cabelo estava preso num rabo de cavalo. Eu queria que ele ganhasse. A bola branca deslizou ao longo da mesa, deslocou uma das vermelhas e voltou ao ponto de partida. Derek tirou o paletó e o deu a Chas. Ajustou uns prendedores de prata nas mangas da camisa para manter os pulsos livres. Chas virou o paletó pelo avesso, dobrou-o sobre o braço e abriu o jornal na página de turfe. Derek abaixou-se e deu uma tacada na bola branca, aparentemente sem mirar. Quando a bola vermelha que havia sido deslocada entrou voando na caçapa do fundo, os jogadores das duas outras mesas foram se chegando. Os saltos dos sapatos de Derek castanholaram enquanto ele caminhou até a outra extremidade da mesa. A bola branca separara todas as vermelhas e estava bem situada para atingir a preta. Antes de dar a tacada, Derek me olhou de relance para ver se eu estava prestando atenção, mas desviei o olhar.

Nos minutos seguintes, ele matou nas caçapas do fundo diversas bolas vermelhas seguidas da bola preta. Entre uma tacada e outra, contornava a mesa, falando comigo em voz baixa, sem me olhar, como se estivesse falando consigo próprio. "Situação estranha, aquela da sua casa", ele disse quando a preta foi encaçapada pela primeira vez. Greg e os demais jogadores o observavam e ouviam nossa conversa.

"Não sei por quê", respondi.

"Os pais mortos", Derek disse para Chas, "e os quatro vivendo sozinhos."

"Órfãos, não é?" disse Chas sem levantar os olhos do jornal.

"E uma casa grande", continuou Derek ao passar por mim para usar de novo a bola branca. "Bem grande", confirmei.

"Deve valer um bom dinheiro", ele comentou enquanto uma bola vermelha deslizava lentamente para dentro da caçapa, permitindo-lhe mirar na preta sem mudar de posição. "Todos aqueles quartos, vocês podiam transformar em apartamentos."

"Não estamos pensando nisso", respondi. Derek esperou que Greg tirasse a preta da caçapa e a repusesse em seu lugar.

"E aquele porão, não há muitas casas com um porão daqueles...", continuou, caminhando ao longo da mesa enquanto Chas suspirava por conta de algo que havia lido. Outra vermelha foi encaçapada. "Vocês podiam..." Parou para ver onde a branca ia parar. "Vocês podiam *fazer* alguma coisa com aquele porão."

"Fazer o quê?", perguntei, mas Derek deu de ombros e matou a preta com uma tacada violenta.

Quando finalmente errou a bola preta, Derek produziu um som alto e sibilante entre os dentes. Chas levantou os olhos do jornal e comentou: "Quarenta e nove pontos". Eu disse: "Eu estou indo agora". Mas ele já se afastara para filar um cigarro de um dos outros jogadores, postando-se depois na extremidade oposta da mesa para

acompanhar as jogadas de Greg. Senti um enjoo enorme. Encostei-me numa coluna e olhei para o alto. Acima das vigas de ferro, o teto era formado por vidraças mal pintadas com uma tinta marrom amarelada. Quando voltei a olhar para baixo, Derek estava de novo em ação, restando poucas bolas na mesa. Terminada a partida, Derek se aproximou de mim por trás, pegou-me pelo cotovelo e perguntou se eu queria jogar. Disse-lhe que não e me livrei da mão dele.

"Agora eu vou para casa." Derek se pôs diante de mim e riu. Pousou o taco em cima do pé e começou a fazê-lo saltar.

"Você é um cara esquisito. Por que não relaxa um pouco, por que não ri nunca?" Voltei a me apoiar na coluna. Algo sombrio e pesado se abatia sobre mim e olhei de novo para o teto, imaginando que talvez pudesse ver o que era.

Derek continuou a fazer o taco saltar até que teve uma idéia. Respirou fundo e chamou por cima do ombro: "Ei, Chas! Greg! Venham aqui me ajudar a fazer esse merda rir". Sorriu e piscou para mim enquanto os chamava, como se eu também devesse participar da gracinha. Chas e Greg ladearam Derek, mantendo-se um pouco atrás dele.

"Vamos", disse Derek, "uma gargalhada ou conto para sua irmã." Os rostos deles ficaram maiores. "Ou então digo ao Greg para contar uma de suas piadas." Chas e Greg riram, todo mundo queria estar às boas com Derek.

"Vão se foder!", eu disse. Chas protestou, afastando-se: "Ah, deixem o garoto em paz". A

maneira como ele disse aquilo me deu vontade de chorar e, para mostrar que essa era a última coisa que eu iria fazer, encarei Derek com um ar feroz e sem piscar. Mas certo líquido se acumulava num dos meus olhos e, embora eu secasse a lágrima tão logo ela começou a rolar, sabia que eles a tinham visto. Greg ofereceu-me a mão para que eu a apertasse.

"Tudo bem, companheiro", ele disse. Não apertei sua mão porque a minha estava úmida. Greg se afastou, eu e Derek voltamos a ficar sozinhos.

Dei-lhe as costas e rumei para a porta. Derek pôs o taco sobre uma mesa e me acompanhou. Caminhamos tão juntos que poderíamos estar algemados.

"Você é igualzinho à sua irmã. Igualzinho." Como eu não podia passar à frente dele, tive de seguir pela esquerda, na direção da abertura pela qual o chá era servido. Tão logo nos viu, o velho pegou sua enorme chaleira de aço e encheu duas xícaras. Ele tinha uma voz agudíssima.

"Essa é por conta da casa, pelos quarenta e nove pontos." Falou isso tanto para mim como para Derek, o que me obrigou a pegar uma das xícaras. Derek pegou a outra e ambos nos encostamos contra a parede, um olhando para o outro. Durante vários minutos ele pareceu que ia dizer alguma coisa, mas permaneceu em silêncio. Como tentei beber o chá depressa demais, fiquei enjoado e com muito calor. Debaixo da camisa, minha pele formigava e coçava, meus pés estavam tão suados que os

dedos resvalavam uns nos outros. Encostei a cabeça na parede.

Greg havia saído com Chas por outra porta e os jogadores tinham voltado a suas mesas. Através da parede ouvi a senhora O, que falava sem parar. Depois achei que era o rádio.

"Sua irmã é sempre assim ou há alguma coisa errada que eu devo saber?", perguntou Derek.

"Sempre assim como?", perguntei imediatamente. Meu coração batia forte, mas bem devagar. Outra vez Derek precisou pensar por alguns instantes. Esticou a pele embaixo do queixo e tocou no fecho da gravata.

"Vamos falar de homem para homem, você entende?" Confirmei com um sinal de cabeça.

"Esta tarde, por exemplo. Ela estava ocupada com alguma coisa e por isso pensei em dar uma olhada no porão. Não vejo nenhum problema nisso, mas ela ficou danada. Quer dizer, não tem nada lá embaixo, tem?" Achei que não era uma pergunta de verdade e continuei calado. Mas Derek repetiu: "Tem?".

"Não, não. Quase nunca vou lá, mas não tem nada."

"Então por que ela ficou tão chateada?" Derek me olhou fixamente e esperou pela resposta, como se eu é que tivesse ficado aborrecido.

"Julie é sempre assim, é o jeito dela."

Derek contemplou seus sapatos por alguns segundos, levantou os olhos e disse: "E outra vez..." Porém o senhor O saiu do escritório naquele instante e começou a falar com ele. Terminei o chá e fui embora.

A porta dos fundos da casa estava aberta e entrei sem fazer o menor ruído. Pelo cheiro, alguma coisa fora fritada na cozinha havia bastante tempo. Eu tinha a estranha impressão de estar voltando após uma ausência de vários meses, durante a qual muita coisa acontecera. Julie estava sentada à mesa da sala de visitas, tendo à sua frente pratos sujos e uma frigideira. Parecia estar bem contente. Sentado no seu colo, com um guardanapo amarrado à volta do pescoço como se fosse um babador, Tom chupava o polegar. Ele olhava para o outro lado da sala com uma expressão abobalhada, a cabeça encostada nos seios de Julie. Pareceu não reparar na minha chegada e continuou a fazer ruídos de sucção com o polegar. Com uma das mãos, Julie o apoiava na parte de baixo das costas. Ela sorriu para mim e eu agarrei a maçaneta da porta para não perder o equilíbrio. Tive a sensação de que não pesava nada, que a qualquer momento meu corpo iria flutuar no espaço.

"Não precisa ficar tão surpreso", disse Julie, "Tom quer ser um bebezinho." Ela descansou o queixo na cabeça dele e começou a balançar-se ligeiramente. "Ele estava tão malcriado esta tarde", ela continuou, falando mais para Tom do que para mim, "que tivemos uma longa conversa e decidimos uma porção de coisas." Os olhos de Tom se fechavam. Sentei-me perto de Julie, onde não podia ver o rosto de Tom. Peguei uns pedaços de bacon frio na frigideira. Julie continuou a se balançar e a cantarolar baixinho.

Tom caiu no sono. Eu tencionava conversar com Julie sobre Derek, mas ela se levantou, com Tom nos braços, e os seguiu escada acima. Julie abriu a porta de seu quarto empurrando-a com o pé. Ela havia trazido do porão nosso velho berço de bronze e o pusera ao lado de sua cama. Já estava tudo pronto, uma lateral abaixada. Fiquei irritado ao ver o berço e a cama tão próximos.

Apontando para o berço, perguntei: "Por que você não pôs isso no quarto dele?". De costas para mim, Julie ajustava Tom, que, sentado na cama, se balançava de leve enquanto ela desabotoava seu vestido. Seus olhos estavam abertos.

"Ele queria aqui, não foi, meu queridinho?" Tom fez que sim com a cabeça e escorregou para debaixo da coberta. Julie caminhou até a janela para fechar as cortinas. Avancei na semiobscuridade até a cabeceira do berço. Julie me afastou e beijou a cabeça de Tom, levantando cuidadosamente a lateral. Tom pareceu dormir quase instantaneamente. "Bom menino", Julie murmurou, tomando minha mão e me conduzindo para fora do quarto.

POUCO TEMPO DEPOIS que Sue leu para mim partes de seu diário, comecei a sentir um cheiro em minhas mãos, o cheiro de algo doce e ligeiramente apodrecido. Era mais pronunciado nos dedos do que na palma da mão, talvez até mais forte entre os dedos, e me fazia lembrar da carne que havíamos jogado no lixo. Parei de me masturbar. Não sentia mesmo a menor vontade.

Depois de lavar as mãos, elas só cheiravam a sabonete, mas, se eu virasse a cabeça para o lado e passasse a mão depressa em frente ao nariz, lá estava o cheiro ruim por baixo do perfume do sabonete. Comecei a tomar longos banhos no meio da tarde, ficando totalmente imóvel, sem pensar em nada, até que a água esfriasse. Cortava as unhas, lavava o cabelo e vestia roupas limpas. Meia hora depois o cheiro retornava, tão tênue que mais parecia a memória de um cheiro. Julie e Sue faziam piadas sobre minha aparência. Diziam que eu estava me aprontando todo para ver uma namorada secreta. Seja como for, meu novo aspecto tornou Julie mais amigável. Numa venda de caridade, ela me comprou duas camisas de segunda mão, quase novas e no tamanho correto. Cheguei perto de Tom e agitei os dedos debaixo de seu nariz. "Igual um peixinho", ele disse bem alto na sua nova voz de bebê. Achei a enciclopédia de medicina que tínhamos em casa e procurei o verbete sobre câncer. Imaginei que podia estar apodrecendo por causa de alguma doença de evolução demorada. Olhava-me no espelho e, com a mão em concha em frente à boca, tentava sentir meu hálito. Certa noite, finalmente choveu, e bem forte. Alguém me havia dito que a água da chuva era a mais limpa no mundo e, por isso, depois de tirar a camisa, os sapatos e as meias, me postei no alto do morrinho com as mãos abertas. Sue chegou à porta da cozinha e, gritando para ser ouvida em meio ao ruído da chuva, perguntou o que eu estava fazendo. Saiu

e voltou com Julie. Ambas me chamaram e riram, mas dei as costas para elas.

Tivemos uma discussão no jantar. Eu disse que aquela era a primeira chuva desde que mamãe morreu. Julie e Sue insistiram em que tinha chovido várias vezes. Quando lhes pedi para dizerem os dias exatos, não conseguiam se lembrar. Sue disse que sabia ter usado o guarda-chuva porque ele agora estava em seu quarto, enquanto Julie se recordava do som dos limpadores de pára-brisas do carro de Derek. Retruquei que isso não provava nada. Elas foram ficando com raiva, o que fez com que eu me sentisse bem calmo e quisesse enraivecê-las ainda mais. Julie desafiou-me a provar que não havia chovido e respondi que não precisava, bastava *saber* que não. Era tanta a irritação que minhas irmãs respiravam com dificuldade. Quando pedi a Sue que me passasse o açucareiro, ela se fez de surda. Contornei a mesa e, quando estava prestes a pegá-lo, ela pôs o açucareiro no outro lado, perto de onde eu estava sentado. Já me preparava para lhe dar um tabefe na nuca quando Julie mandou que eu parasse num tom tão incisivo que recuei, aturdido, e minha mão passou por cima da cabeça de Sue. Naquele mesmo momento virei a sentir o cheiro. Quando me sentei, esperei que Julie ou Sue me acusassem de haver soltado um peido, mas elas entabularam uma conversa com o propósito único de me excluir. Sentei em cima das mãos e pisquei para Tom.

Tom ficou me olhando com a boca entreaberta, deixando restos de comida à mostra na língua. Ele estava ao lado de Julie. Enquanto discutíamos sobre a chuva, havia espalhado comida pelo rosto todo. Agora, esperava que Julie se lembrasse dele, limpasse seu rosto com o babador e o autorizasse a descer da cadeira. Após o quê, iria de gatinhas para debaixo da mesa e ficaria sentado entre nossas pernas até que acabássemos de comer.

Em outras ocasiões, entretanto, ele arrancava o babador e saía correndo para brincar com os amigos, só voltando a ser uma criancinha quando entrava e encontrava Julie. Na condição de bebê, raramente falava ou fazia qualquer ruído. Simplesmente esperava para ver o que ela ia fazer. Se Julie o paparicava, os olhos dele pareciam ficar maiores e mais separados um do outro, sua boca se afrouxava e ele dava a impressão de que mergulhava dentro de si mesmo. "Os bebês de verdade choram e esperneiam quando são levados para a cama", eu disse certa noite quando ela o levou para dormir. Tom me lançou um olhar raivoso por cima do ombro de Julie e, de repente, seus olhos e sua boca se estreitaram.

"Não, eles não fazem isso", ele disse, demonstrando bom senso, "nem sempre fazem isso", e se deixou levar para cima.

Eu não resistia à tentação de vê-los juntos. Ia atrás dos dois, fascinado, querendo saber o que aconteceria. Julie parecia gostar de ter uma plateia e fazia gracinhas comigo.

"Você está com uma cara tão séria", disse-me certa vez, "como se estivesse assistindo a um funeral." Tom, obviamente, queria Julie só para ele. Na noite seguinte, segui-os escada acima na hora de dormir e me encostei no umbral da porta enquanto Julie tirava as roupas de Tom, que se encontrava de costas para mim. Julie me deu um sorriso e pediu que eu trouxesse seu pijama. Tom se voltou no berço e gritou: "Vai embora! Vai embora daqui!". Julie riu, passou a mão na cabeça dele e disse: "O que é que eu faço com esses dois?". Mas tratei de dar um passo para trás e, apoiado na parede do corredor, fiquei ouvindo enquanto ela lhe contava uma história. Quando afinal saiu, não ficou surpresa de me ver ali. Fomos para o meu quarto e nos sentamos na cama sem acender a luz. Pigarreei e disse que talvez não fosse bom para Tom continuar a se fazer de bebê.

"Pode ser que ele não consiga sair dessa", comentei.

Julie não respondeu de imediato. Dava apenas para ver que sorria para mim. Pôs a mão no meu joelho e disse: "Acho que alguém está com ciúme". Os dois rimos e me deitei na cama. Num gesto ousado, toquei a parte de baixo de suas costas com a ponta dos dedos. Ela estremeceu e aumentou a pressão sobre meu joelho.

"Você pensa muito na mamãe?", ela perguntou.

"Penso, sim, e você?", murmurei.

"Claro." Parecia que não havia mais nada a dizer, porém eu queria continuar a conversa.

"Você acha que o que fizemos estava certo?", perguntei. Julie afastou a mão do meu joelho. Ficou calada por tanto tempo que pensei haver esquecido da pergunta. Toquei suas costas de novo e ela disse imediatamente: "Parecia óbvio naquele momento, mas hoje não sei. Talvez não devêssemos ter feito aquilo".

"Não há nada a fazer agora", retruquei, esperando que ela discordasse. Também esperei que sua mão voltasse a segurar meu joelho. Corri o dedo indicador ao longo de sua espinha e me perguntei o que teria mudado entre nós. Será que meus banhos tinham feito tanta diferença para ela? Julie por fim respondeu: "Não, acho que não", e cruzou os braços com tanta determinação que pareceu estar ofendida. Num momento ela tomava a iniciativa, no outro caía em silêncio, esperando por um ataque.

"Você deixou o Derek entrar no porão", falei em tom impaciente. Nesse instante tudo mudou entre nós. Julie atravessou o quarto, acendeu a luz e se postou junto à porta. Jogou a cabeça para trás, irritada, afastando uma mecha de cabelos do rosto. Sentei-me na beira da cama e pus a mão no joelho onde antes estivera a dela.

"Foi isso que ele te disse enquanto vocês jogavam... bilhar?"

"Só assisti."

"Ele achou a chave e desceu para dar uma olhada", disse Julie.

"Você não devia ter deixado ele fazer isso." Ela fez que não com a cabeça. Era muito raro vê-la na defensiva, sua voz soava estranha. "Foi ele

quem pegou a chave. Não há nada para ver lá embaixo."

"Você ficou muito aborrecida com a coisa e ele agora quer saber por quê." Por uma vez eu estava ganhando de Julie numa discussão. Comecei a tamborilar com os dedos sobre os joelhos e senti por um instante aquele cheiro adocicado de algo podre.

De repente, Julie disse: "Você sabe, não dormi com ele nem nada". Continuei a tamborilar sem erguer os olhos. E então exultante, parei de agitar os dedos e disse: "E daí?". Mas Julie já saía do quarto.

Inclinando-me sobre a mesa, agarrei o babador de Tom e o puxei para mim. Ele soltou um guincho e depois um berro. Julie parou de falar e tentou soltar meus dedos. Sue levantou-se.

"O que você está fazendo?", Julie gritou. "Larga ele!" Tom já estava quase no meio da mesa quando o soltei e ele caiu de volta em seus braços.

"Eu ia limpar a boca dele porque você estava ocupada demais falando." Tom escondeu o rosto no colo de Julie e começou a chorar numa boa imitação dos uivos de um bebê.

"Por que você não pode deixar as pessoas em paz?", Sue perguntou. "O que há de errado com você?"

Saí para o jardim. A chuva estava parando. Novas manchas tornavam os blocos de apartamentos ainda mais feios, mas as ervas daninhas nos terrenos baldios já se mostravam mais verdes. Caminhei pelo jardim como papai

sempre desejou que todos fizessem, seguindo pelos caminhos estreitos e descendo os degraus para chegar ao laguinho. Foi difícil encontrá-los debaixo das ervas e dos cardos: do laguinho nada mais restava do que um pedaço sujo e enroscado de plástico azul com uma poça de chuva no ponto mais baixo. Ao contorná-lo, senti que alguma coisa mole cedeu sob meu pé. Eu havia pisado numa rã. Ela jazia de lado, com uma longa e negra pata traseira tremelizando em pequenos círculos. Uma substância verde e cremosa escapava de seu estômago, o saco sob o queixo se inflava e desinflava rapidamente. Um olho esbugalhado me fitava com uma expressão triste, mas não acusatória. Ajoelhei-me a seu lado e peguei uma pedra grande e chata. Agora o animalzinho parecia olhar-me como se esperasse alguma ajuda. Aguardei, torcendo para que se recuperasse ou morresse de repente. Mas o saco de ar se enchia e esvaziava ainda mais depressa, ele tentou usar a outra pata traseira para endireitar o corpo. As patinhas da frente nadavam no ar. O olho amarelado fixou-se no meu.

"Não, chega", eu disse em voz alta, baixando a pedra com força sobre a cabecinha verde. Quando levantei a pedra, o corpo da rã estava preso a ela, mas depois se soltou. Comecei a chorar. Encontrei outra pedra e cavei uma vala pequena e funda. Quando empurrei a rã para dentro com um graveto, vi que as patas da frente ainda tremiam. Cobri o corpo rapidamente com terra e aplanei com os pés a pequena sepultura.

Ouvi passos atrás de mim e a voz de Derek.

"Que que há com você?" Ele parou, mantendo as pernas bem afastadas e segurando por cima do ombro, com um só dedo, uma capa de chuva branca.

"Nada", respondi. Derek se aproximou.

"O que que você pôs aí no chão?"

"Nada." Com o bico fino do sapato bem engraxado, Derek revirou a terra.

"É uma rã morta que eu enterrei." Mas Derek continuou a cavar até pôr à mostra o corpo da rã, todo coberto de terra.

"Olhe", ele disse, "nem está morta." Golpeou então minha rã com o salto do sapato e voltou a cobri-la de terra. Fez tudo isso usando apenas um pé e sem tirar a capa do ombro. Cheirava a perfume, algum tipo de loção após a barba ou água-de-colônia. Caminhei mais para os fundos do jardim, em direção ao estreito caminho que circundava o morrinho. Derek veio atrás de mim e, tal como crianças brincando, fomos nos cruzando ao subir pelos pequenos círculos.

"Julie está em casa, não está?" ele perguntou. Eu disse que ela estava pondo Tom para dormir e, enquanto nos equilibrávamos no topo, bem juntos um do outro, continuei: "Ele agora dorme no quarto dela". Derek sacudiu a cabeça vigorosamente, como se já soubesse, e tocou no nó da gravata.

Ficamos olhando a casa, tão próximos que eu podia sentir o cheiro de menta no seu hálito.

"Ele é bem estranho, esse teu irmãozinho, não é mesmo? Quer dizer, usando roupas de mulher..."

Sorriu para mim e pareceu esperar que eu sorrisse de volta. Mas cruzei os braços e disse: "O que que há de estranho nisso?". Usando o caminho como degraus, Derek desceu e gastou algum tempo dobrando a capa de chuva em cima do braço. Tossiu e disse: "Você sabe, isso pode afetá-lo mais tarde". Desci também e caminhamos em direção à casa.

"O que você quer dizer com isso?" Estávamos diante da porta da cozinha. Derek olhou através da janela e não respondeu. A porta da sala de visitas estava aberta e dava para se ver Sue sentada sozinha, lendo uma revista.

De repente Derek perguntou: "Quando foi mesmo que seus pais morreram?".

"Faz muito tempo", murmurei, abrindo a porta da cozinha. Derek segurou-me pelo braço.

"Espere", ele disse. "Julie me disse que foi recentemente." Sue me chamou da sala de visitas. Desvencilhei-me dele e entrei. Derek disse num sussurro que eu voltasse, e depois o ouvi esfregando cuidadosamente os pés antes de pisar na cozinha.

Tão logo Derek entrou na sala, Sue deixou de lado a revista e correu para a cozinha a fim de lhe preparar uma xícara de chá. Ela o tratava como a um artista de cinema. Ele deu alguns passos com a capa dobrada num quadrado perfeito, buscando um lugar para deixá-la, enquanto Sue o olhava da porta com a expressão de uma lebre assustada. Sentei-me e peguei a revista. Derek pôs a capa no chão junto à cadeira e se sentou também.

"Julie está lá em cima com Tom", Sue disse da cozinha numa voz trêmula.

"Então vou esperar aqui", Derek respondeu. Cruzou as pernas e puxou os punhos da camisa até que estivessem corretamente distanciados das mangas do paletó. Folheei a revista sem nem saber o que estava vendo. Ao receber a xícara trazida por Sue, Derek disse: "Muito obrigado, Susan" num tom cômico. Ela soltou uma risadinha e foi se sentar tão longe dele quanto possível. Enquanto mexia o chá, ele me olhou fixamente e disse: "Tem um cheiro esquisito aqui. Você já notou?". Neguei com a cabeça, mas sabia que estava ficando ruborizado. Derek continuou a me observar e tomou um gole do chá. Ergueu a cabeça e fungou ruidosamente. "Não é muito forte, mas é bem estranho." Sue levantou-se e começou a falar depressa.

"É o ralo do lado de fora da cozinha. Entope com muita facilidade e, no verão... você sabe..." E então, após uma pausa, repetiu: "É o ralo".

Derek concordou com a cabeça enquanto ela falava e olhou para mim. Sue voltou para sua cadeira e ninguém abriu a boca durante uns bons minutos.

Como nenhum de nós ouviu Julie entrar na sala, Derek teve um sobressalto quando ela falou.

"Tudo tão quieto", ela disse baixinho. Derek empertigou-se como um soldado e disse com grande cortesia: "Boa noite, Julie". Sue deu uma risada. Julie vestia a saia de veludo e prendera o cabelo atrás com uma fita branca. Derek continuou: "Estávamos conversando sobre ralos",

e com um ligeiro e contido movimento da mão ofereceu a Julie a cadeira que vinha ocupando. Mas ela aboletou-se no braço da minha cadeira.

"Ralos?", ela disse como se falasse consigo mesma, embora não parecesse querer saber mais sobre o assunto.

"E como vai você?", Derek perguntou. Sue deu outra risada e todos a olharam. Julie apontou para a capa de chuva.

"Por que você não a pendura antes que alguém pise nela?"

Derek pôs a capa no colo e a acariciou.

"Gatinho bonitinho", ele disse, porém ninguém riu. Sue perguntou a Julie se Tom tinha dormido.

"Ele apagou", Julie respondeu. Derek tirou o relógio do bolso e viu a hora. "Um pouco cedo, não é? Para ele?" Dessa vez, Sue teve um ataque de risadinhas. Cobriu o rosto com as mãos e cambaleou até a cozinha. Ouvimos a porta se abrir e ela saiu para o jardim. Julie manteve-se impassível.

"Na verdade", ela respondeu, "é um pouquinho mais tarde do que o normal, não é, Jack?" Confirmei com a cabeça, embora não tivesse a menor ideia de que horas eram.

Julie passou a mão nos meus cabelos.

"Você notou como ele está diferente?", ela perguntou a Derek.

"Mais limpo e mais bem-vestido", ele respondeu sem hesitar. E então, dirigindo-se a mim: "Dando em cima das meninas, não é mesmo?". Julie pousou a mão em minha cabeça.

"Ah, não, não permitimos nada disso por aqui."

Derek riu e tirou do bolso o maço de cigarros. Ofereceu um a Julie, que recusou. Fiquei parado porque não queria que ela retirasse sua mão. Ao mesmo tempo, dei-me conta de que estava fazendo papel de bobo perante Derek. Ele se ajeitou de volta na cadeira e fumou o cigarro sem parar de nos olhar. Ouvimos Sue abrir a porta dos fundos, mas ela permaneceu na cozinha. De repente, Derek sorriu e me perguntei se, às minhas costas, Julie também havia sorrido. Ambos se puseram de pé ao mesmo tempo sem trocar uma palavra. Antes de remover a mão de minha cabeça, Julie fez um pequeno afago.

Tão logo eles foram para o segundo andar, Sue voltou e sentou-se na beirada da cadeira antes ocupada por Derek. Riu nervosamente e disse: "Eu sei de onde vem o cheiro".

"Não é de mim", retruquei. Ela me levou à cozinha e destrancou a porta do porão. Sem dúvida era o mesmo cheiro, compreendi isso imediatamente, mas ele se modificava ao ficar mais intenso. Agora já não fazia parte de mim. Havia algo doce e, mais além, como se o envolvesse, outro cheiro maior e mais suave que, qual um dedo gordo, pressionava o fundo da minha garganta. Ele subia pelos degraus de concreto vindo da escuridão. Respirei pela boca.

"Vai, desce. Você sabe o que é", disse Sue acendendo a luz e me empurrando pela parte de baixo das costas.

"Só se você vier também", respondi. Chegou até nós um ruído farfalhante vindo do corredor que ia até o aposento mais distante. Sue voltou para a

cozinha e pegou uma lanterninha de plástico que pertencia a Tom. Tinha o formato de um peixe, de cuja boca emanava uma luzinha bem débil. "Lá tem bastante luz, não precisamos disso", comentei. Mas ela me cutucou nas costas com a lanterna.

"Desce, você vai ver", ela sussurrou.

Chegando lá embaixo, paramos para acender outras luzes. Sue tapou o nariz com um lenço e eu cobri o rosto com as fraldas da camisa. A porta no final do corredor estava entreaberta. De dentro veio mais uma vez o som farfalhante.

"Ratos", disse Sue. Quando atingimos a porta, o aposento ficou repentinamente em silêncio e eu parei. "Empurre", Sue disse através do lenço. Não me movi, mas a porta começou a se abrir sozinha. Soltei um grito e dei um passo para trás, quando então vi que minha irmã estava pressionando a porta com o pé perto da dobradiça. Era como se alguém houvesse chutado o baú: a parte do meio estava estufada e uma grande fenda, com mais de um centímetro de largura em vários lugares, cortava a superfície do concreto. Sue queria que eu olhasse lá dentro. Pôs a lanterna na minha mão, apontou e disse algo que não entendi. Enquanto percorria a fenda com a lanterna, lembrei-me da ocasião em que o comandante Hunt e sua tripulação voaram a baixa altitude sobre a superfície de um planeta desconhecido. Milhares de quilômetros de planícies desérticas interrompidas apenas pelas enormes fissuras causadas por terremotos. Nem uma única elevação, árvore ou casa, nenhuma

água. Não havia vento porque não havia atmosfera. Eles voltaram ao espaço sem tocar no solo e ninguém falou durante horas. Sue destapou a boca e sussurrou impaciente: "O que é que você está esperando?". Debrucei-me sobre a fenda no lugar onde ela era mais larga e apontei a lanterna para baixo. Vi uma superfície convoluta, de um cinzento amarelado. Nas beiradas havia algo negro e desfiado. Enquanto eu olhava fixamente para dentro da fenda, a superfície por um momento adquiriu as feições de um rosto, com um olho, parte de um nariz e uma boca escura. A imagem dissolveu-se mais uma vez nas dobras retorcidas. Pensei que ia desmaiar e entreguei a lanterna para Sue. Mas a sensação passou quando a vi inclinar-se por cima do baú. Fomos para o corredor, fechando a porta atrás de nós.

"Você viu?", Sue perguntou. "O lençol está todo rasgado e dá para ver a camisola dela por baixo." Por um momento ficamos muito excitados, como se tivéssemos descoberto que mamãe estava viva. Afinal, nós a havíamos visto vestindo a camisola, exatamente como ela era antes. Ao subirmos a escada, comentei: "O cheiro não é tão ruim depois que a gente se acostuma". Sue emitiu um som que era um misto de riso e soluço, deixando cair a lanterna. Atrás de nós voltamos a ouvir os ratos. Ela respirou fundo algumas vezes e pegou a lanterna do chão. Ao se levantar, disse com absoluto controle: "Temos que arranjar mais cimento".

Encontramos com Derek no topo da escada. Por cima de seu ombro eu podia ver Julie no meio da cozinha. Derek bloqueava nossa saída.

"Muito bem, vocês não sabem mesmo guardar um segredo", ele disse em tom amistoso. "O que é que vocês têm lá embaixo que cheira tão bem?" Abrimos caminho sem responder. Sue foi até a pia e bebeu água numa xícara de chá. Dava para ouvir a água descendo por sua garganta. "Nada que possa lhe interessar", respondi. Voltei-me na direção de Julie, com a esperança de que ela pensaria em alguma coisa melhor para dizer. Ela caminhou até onde Derek estava, junto à porta do porão, e puxou-o de leve pelo braço.

"Vamos fechar a porta", ela disse, "esse cheiro está dando nos meus nervos." Mas Derek livrou o braço e comentou no mesmo tom amistoso: "Mas vocês ainda não me disseram o que é". Como se usasse uma escova de roupa, passou a mão na manga do paletó onde Julie o havia puxado e sorriu para nós. "Vocês sabem, sou muito curioso." Ficamos vendo enquanto ele dava meia-volta e descia a escada. O som de seus passos cessou quando ele chegou embaixo e bateu em busca do interruptor, voltando a ser ouvido enquanto caminhava até o aposento no final do corredor. Então fomos atrás dele, primeiro Julie, depois Sue, por último eu.

Derek tirou um lenço azul-claro do bolso da frente do paletó, sacudiu-o para que se abrisse e o manteve alguns centímetros afastado do rosto. Eu havia decidido não usar nada e fiquei

respirando por entre os dentes, sem encher os pulmões. Derek deu umas batidas com o pé no baú. Minhas irmãs e eu

formávamos um semicírculo apertado atrás dele, como se em breve fosse ocorrer uma cerimônia importante. Ele passou o dedo pela borda da fenda e olhou em seu interior.

"Sei lá o que tem lá dentro, mas, que está podre, lá isso está.",

"É um cachorro morto", Julie disse de repente e com toda a simplicidade. "A cadela do Jack." Derek arreganhou os dentes num falso sorriso.

"Você prometeu que não ia contar", reclamei com Julie.

Ela deu de ombros e disse: "Agora não faz mal". Derek debruçou-se sobre o baú. Julie continuou: "Ele queria que fosse um... túmulo. Pôs ela aí quando morreu e jogou cimento por cima". Derek quebrou um pedaço do concreto e o jogou para o alto, apanhando de volta com a mesma mão.

"Você não fez a mistura direito", ele disse, "e o baú não está aguentando o peso."

"O cheiro se espalhou pela casa toda", Julie disse para mim, "é melhor você dar um jeito nisso." Derek limpou as mãos cuidadosamente no lenço.

"Acho que vai ser necessário um novo enterro", ele disse, "talvez no jardim. Junto à sua rã." Aproximei-me do baú e bati nele de leve com o pé, como Derek fizera.

"Não quero que saia daqui", retruquei com firmeza. "Não depois de todo o trabalho que deu."

Com Derek à frente, saímos do porão e fomos para a sala de visitas. Ele me perguntou o nome do cachorro e, sem pensar, respondi: "Cosmo". Aproximou-se de mim, pôs a mão no meu ombro e disse: "Vamos ter que selar aquela fenda com cimento e torcer para que o baú resista". Durante o resto da noite ficamos sentados sem fazer nada. Derek falou sobre sinuca. Bem mais tarde, quando eu seguia para meu quarto, ele disse:

"Vou mostrar a você como se faz a mistura certa." Já da escada ouvi Julie dizer:

"É melhor deixar que ele cuide disso. Não vai gostar que você mostre a ele o que fazer." Derek fez um comentário que não consegui escutar e ficou rindo por um bom tempo.

O CALOR VOLTOU. De manhã, Julie tomou banho de sol no morrinho sem levar o rádio. Usando pela primeira vez em muitos dias suas próprias roupas, Tom brincava no jardim com seu amigo dos blocos de apartamentos. Sempre que ia fazer algo considerado por ele particularmente audacioso, tal como pular por cima de alguma pedra, fazia questão de que Julie acompanhasse o feito.

"Olha, Julie! Julie! Julie, olha!" Ouvi sua voz a manhã inteira. Fui observá-los da janela da cozinha. Deitada sobre uma toalha de um azul brilhante, Julie ignorava Tom. Sua pele estava tão bronzeada que, pensei, com mais um dia de sol ficaria preta. Na cozinha, um bando de vespas se alimentava das sobras de comida espalhadas

pelo chão. Do lado de fora, nuvens de moscas sobrevoavam as latas de lixo, que havia semanas não eram esvaziadas. Imaginamos que pudesse ter havido uma greve, mas não ouvimos nada que o confirmasse. Um pacote de manteiga se derreteria por completo. Enquanto olhava pela janela, passei o dedo na pocinha amarelada e chupei. Estava quente demais para limpar a cozinha. Sue chegou e me disse ter ouvido no rádio que era um recorde, o dia mais quente desde 1900.

"Julie tem que tomar cuidado", disse Sue, saindo para alertá-la. Mas Tom, seu amigo e Julie não pareciam se importar com o calor. Ela continuou lá, imóvel, enquanto os dois corriam por todo o jardim chamando-se aos berros.

No final da tarde, eu e Julie fomos comprar um pacote de cimento. Tom também veio, grudado nela, agarrando-se à sua saia branca. Em certo momento, tive de me proteger do calor na sombra de uma parada de ônibus. Julie ficou diante de mim, em pleno sol, abanando-me com a mão.

"Que que há com você? Parece tão fraco. O que é que você anda fazendo?", perguntou. Nossos olhares se cruzaram e ambos rimos. Na frente da loja, vimos nossos reflexos na vitrine. Julie agarrou minha mão e disse: "Olhe como a sua é pálida". Desvencilhei-me, mas, ao entrarmos na loja, ela disse em voz firme, como se estivesse falando com uma criança:

"Você realmente tem que apanhar algum sol. Vai lhe fazer bem." A caminho de casa, lembrei-me

de um tempo não tão remoto em que Julie só falava se alguém se dirigisse a ela. Agora estava conversando excitadamente com Tom sobre circos e, em certo momento, ajoelhou-se junto dele para limpar seus lábios borrados de sorvete e ranho com um lenço de papel.

Chegando ao portão, decidi que não queria entrar em casa. Julie pegou de minhas mãos o pacote de cinco quilos de cimento e disse: "Isso mesmo, fique aí no sol". Subindo mais a rua, notei de repente como tudo estava mudado. Já não era de fato uma rua, e sim uma via asfaltada que cruzava um terreno baldio quase vazio. Além da nossa, só duas casas restavam de pé. A minha frente, vários operários agrupados em torno de um caminhão preparavam-se para ir embora. O caminhão se pôs em marcha quando me aproximei. Três dos homens estavam de pé, agarrados ao topo da boleia. Um deles me cumprimentou com um movimento lateral da cabeça. E, quando o caminhão sacolejou ao passar por cima do meio-fio, apontou na direção de nossa casa e sacudiu os ombros. Tudo que restava das casas pré-fabricadas eram as fundações. Trepei numa delas. As lajes eram cortadas pelos encaixes onde antes se erguiam as paredes. Nas ranhuras cresciam ervas semelhantes a pequenas alfaces. Caminhei ao longo das linhas das paredes, pondo um pé diante do outro, e pensei como era estranho que uma família inteira pudesse viver dentro daquele retângulo de concreto. Não sabia dizer se era a mesma casa pré-fabricada em que eu estivera

anteriormente. Era impossível distinguir uma das outras. Tirei a camisa e a abri no chão, bem no centro do maior aposento. Deitei-me de costas e espraiei os dedos para que apanhassem sol. Logo me senti sufocado pelo calor, a pele formigando por causa do suor. Mas, decidido, lá fiquei e acabei caindo no sono.

Quando acordei, perguntei-me por que não estava em minha cama. Estremeci e procurei pelas cobertas. Ao me levantar, a cabeça começou a doer. Peguei a camisa e fui andando devagar para casa, parando uma vez para apreciar a vermelhidão no meu peito e nos braços, acentuada pela luz crepuscular. O carro de Derek estava estacionado defronte à casa. Entrando na cozinha, vi a porta do porão aberta e ouvi uma mistura de vozes, além do barulho de algo sendo raspado.

Derek havia arregaçado as mangas da camisa e, com uma colher de pedreiro, forçava o cimento para dentro da fenda. Julie o observava com as mãos nas cadeiras.

"Fazendo o trabalho por você", disse Derek, embora sem dúvida estivesse se divertindo. Julie pareceu muito satisfeita em me ver, como se eu voltasse de uma longa viagem marítima.

"Olhe só para você", ela disse, "se queimou mesmo. Está muito bonito. Ele não está bonito?" Derek grunhiu e continuou a trabalhar, debruçado sobre o baú. O cheiro já era menos pronunciado. Derek assoviava baixinho entre os dentes enquanto alisava o cimento. Como estava de costas para nós, Julie me piscou o olho e eu

fingi que ia dar um pontapé no traseiro dele. Intuindo algo, Derek perguntou, sem se voltar para trás: "Alguma coisa de errado?".

"Não, nada", dissemos ao mesmo tempo, começando a rir. Derek voltou-se para mim e mostrou a colher de pedreiro. Para minha surpresa, soou como se estivesse magoado:

"Talvez seja melhor você fazer isso."

"Ah, não", respondi, "você sabe fazer isso muito melhor do que eu." Derek tentou pôr a colher em minha mão.

"E o seu cachorro, se é que é *mesmo* um cachorro."

"Derek!", disse Julie em tom conciliatório. "Por favor, continue. Você disse que ia fazer." Ela o conduziu de volta ao baú. "Se Jack tiver que fazer isso, vai rachar outra vez e o cheiro volta na casa toda." Derek deu de ombros e retomou o trabalho. Julie deu-lhe um tapinha carinhoso no ombro e apanhou seu paletó, que estava pendurado num prego. Dobrou-o sobre o braço e também lhe deu um tapa carinhoso. "Gatinho bonitinho", ela sussurrou. Dessa vez Derek fingiu que não ouviu nossas risadas abafadas.

Terminado o trabalho, ele deu um passo para trás. "Muito bem!", disse Julie. Derek fez uma pequena reverência e tentou pegar sua mão. Eu disse algo parecido, porém ele nem olhou para mim. De volta à cozinha, nós dois servimos como acólitos enquanto ele lavava as mãos. Julie ofereceu-lhe uma toalha e, enquanto secava as mãos, Derek tentou outra vez puxá-la mais para perto, mas ela veio até onde eu estava, pôs a

mão no meu ombro e admirou a cor de meu rosto.

"Você está com uma aparência tão boa", ela disse, "não é verdade?" Derek dava o laço na gravata com movimentos rápidos e precisos. Julie parecia controlar totalmente o estado de espírito dele. Derek ajustou os punhos da camisa e estendeu a mão para pegar o paletó.

"Acho que ele exagerou no sol", comentou. Dirigiu-se para a porta e, por um momento, pensei que ia embora. Em vez disso, abaixou-se e pegou pela ponta um saquinho de chá usado, jogando-o na direção da lata de lixo. Julie encheu a chaleira e fui buscar as xícaras na sala de visitas.

Bebemos o chá de pé na cozinha. Agora que havia posto a gravata e vestido o paletó, Derek quase recuperara sua pose normal. Manteve-se bem empertigado, segurando a xícara com uma das mãos e o pires com a outra. Perguntou-me sobre a escola e possíveis empregos. E então disse cuidadosamente: "Você deve ter gostado muito daquele cachorro". Concordei com a cabeça, esperando que Julie mudasse de assunto. "Quando foi mesmo que ele morreu?", Derek perguntou.

"Era uma cadela." Houve uma pausa e Derek, algo irritado, insistiu: "E então, quando é que ela morreu?"

"Faz uns dois meses." Derek voltou-se para Julie com uma expressão de súplica. Ela sorriu e voltou a encher sua xícara. Ele perguntou, dirigindo-se ao espaço entre mim e ela:

"Que raça de cachorro?"

"Ah, você sabe", Julie respondeu, "uma mistura." Eu acrescentei: "Mas principalmente labrador" — e por um instante os olhos fundos de um cachorro se ergueram para encontrar os meus. Sacudi a cabeça.

"Você se incomoda de falar sobre ela?", perguntou Derek.

"Não."

"De onde veio essa ideia de enterrá-la lá embaixo?"

"Sei lá, para preservar, como os egípcios faziam." Derek fez um pequeno sinal com a cabeça, como se isso explicasse tudo.

Nesse momento, Tom chegou, correu para Julie e agarrou-se à perna dela. Mudamos de posição para alargar o círculo. Derek tentou fazer uma carícia na cabeça de Tom, mas ele afastou sua mão, derramando um pouco do chá. Derek olhou os pingos no chão por alguns segundos e perguntou:

"Você gostava da Cosmo, Tom?" Ainda agarrado às pernas de Julie, Tom inclinou-se para trás, encarou Derek e riu como se essa fosse uma velha piada entre os dois.

"Você se lembra da Cosmo, nossa cachorra", Julie lhe disse rapidamente.

Tom confirmou com a cabeça.

"E, a Cosmo", disse Derek. "Você ficou triste quando ela morreu?" Tom inclinou-se de novo para trás, dessa vez olhando fixamente para a irmã.

"Você sentou no meu colo e chorou, não se lembra?"

"Lembro", ele respondeu com ar travesso. Ficamos todos observando Tom com grande atenção.

"Eu chorei, não foi?", ele perguntou a Julie.

"Isso mesmo, e eu te levei para a cama, está lembrado?" Tom encostou a cabeça na barriga de Julie e deu a impressão de refletir profundamente. Ansiosa por afastá-lo de Derek, Julie descansou sua xícara e o levou para o jardim. Ao passarem pela porta, Tom disse bem alto:

"Uma cachorra!" e riu zombeteiramente.

Derek sacudiu as chaves do carro no bolso. Nós dois ficamos olhando pela janela enquanto Julie apostava corrida com Tom no jardim. Ela era tão bonita ao se voltar e encorajar Tom, que me irritou ter de compartilhar aquela visão com Derek. Sem se afastar da janela, ele disse num tom pensativo: "Eu gostaria que vocês todos... confiassem um pouco em mim". Bocejei. Sue, Julie e eu não havíamos combinado entre nós a história do cachorro. Não tínhamos sido nem um pouquinho cuidadosos com Derek. Muitas vezes, aquilo que havia no porão não parecia suficientemente real para ser ocultado dele. Quando não nos encontrávamos realmente lá embaixo vendo o baú, era como se estivéssemos dormindo. Derek consultou o relógio.

"Tenho uma partida agora. Talvez nos vejamos de noite." Deu uma chegada do lado de fora e chamou Julie, que só parou um instante a

brincadeira com Tom para fazer um aceno de adeus e soprar um beijo. Aguardou algum tempo antes de seguir caminho, mas a essa altura ela já tinha lhe dado as costas.

Fui para o meu quarto, tirei os sapatos e as meias, deitei-me na cama. Através da janela, podia ver um quadrado de céu azul-claro, sem uma única nuvem. Menos de um minuto depois, sentei-me e olhei a meu redor. O chão estava coalhado de latinhas de Coca-Cola, roupas sujas, embalagens de peixe e batatas fritas, vários cabides de arame, uma caixa com elásticos. Levantei-me e examinei a cama, observando as dobras e pregas nos lençóis enxovalhados, manchas por toda parte. Tive a sensação de que ia sufocar. Tudo ali me lembrava de mim mesmo. Abri de par em par as portas do armário e joguei para dentro toda a sujeira do chão. Tirei os lençóis, cobertas e fronhas da cama e pus também dentro do armário. Arranquei das paredes ilustrações que havia recortado de revistas. Sob a cama, encontrei pratos e xícaras cobertos de mofo verde. Peguei todos os objetos e enfiei no armário, até que o quarto ficou nu. Cheguei mesmo a remover a lâmpada e o abajur da luminária do teto. Então me despi, joguei todas as roupas dentro do armário e fechei as portas. O quarto estava tão vazio quanto uma cela. Voltei a deitar-me e fiquei olhando para meu pedacinho de céu límpido até cair no sono. Quando acordei, estava escuro e fazia frio. Tateei de olhos fechados em busca das cobertas. Tinha uma vaga memória de

estar deitado numa casa pré-fabricada. Será que ainda estava lá? Não conseguia entender por que estava nu em cima de um colchão também nu. Alguém chorava. Seria eu? Ajoelhei-me para fechar a janela e me lembrei de repente que minha mãe morrera havia muito tempo. Subitamente tudo ficou claro, porém continuei deitado, tremendo de frio e ouvindo. Vindo do quarto ao lado, o choro era baixo e contínuo, como um gemido. Era um som que me trazia alívio, e por algum tempo cuidei apenas de ouvi-lo. Não tinha curiosidade de ir mais além. Parei de tremer, fechei os olhos e imediatamente, como se o início de um espetáculo houvesse sido retardado até que eu me instalasse, diante de mim se apresentou uma série de vívidas imagens. Abri os olhos por um momento e vi as mesmas imagens no escuro do quarto. Perguntei-me por que precisava dormir tanto. Descortinei uma praia cheia de gente numa tarde de muito calor. Era hora de voltar para casa. Mamãe e papai caminhavam à minha frente, carregando cadeiras de armar e um monte de toalhas. Eu não conseguia acompanhá-los: os seixos grandes e redondos machucavam meus pés. Trazia numa das mãos uma vareta com um cata-vento na ponta. Chorava de cansaço e porque queria ser carregado. Meus pais pararam para me esperar, mas, quando cheguei perto, deram-me as costas e continuaram a andar. Meu choro se transformou num uivo lancinante, as outras crianças largaram o que estavam fazendo para me olhar. Atirei no chão o cata-vento e, quando

alguém o apanhou e me ofereceu de volta, gritei ainda mais alto. Minha mãe deu a papai sua cadeira de armar e voltou para me buscar. Já no colo, me vi olhando por cima de seu ombro para uma menina que segurava o cata-vento e me encarava com curiosidade. A brisa fez girar as pás coloridas e senti uma vontade enorme de tê-lo de volta, mas a menina tinha ficado bem para trás e já havíamos chegado à calçada, onde os passos de minha mãe ganharam ritmo. Continuei a chorar baixinho, porém mamãe não pareceu ouvir.

Dessa vez abri os olhos e despertei para valer. Com as janelas fechadas, o quarto pequeno estava quente e abafado. No quarto vizinho Tom continuava a chorar. Levantei-me e, de tão tonto, esbarrei no armário. Abri-o e apalpei em busca de minhas roupas. A lâmpada, deslocada, espatifou-se no chão. Soltei um palavrão. Senti-me sufocado demais pela escuridão e pela falta de ar para continuar procurando. Caminhei na direção da porta com as mãos estendidas à frente, o rosto crispado. Parei no corredor à espera de que meus olhos se acostumassem à luz. Julie e Sue conversavam no andar de baixo. Tom silenciara ao ouvir minha porta se abrir, mas agora havia retomado aquele tipo de choro forçado e pouco convincente a que Julie não daria a menor bola. A porta do quarto dela estava aberta e entrei sem fazer barulho. A luz era tão fraca que Tom de início não reparou na minha presença. Ele havia chutado as cobertas para o pé do berço e estava deitado de costas,

nu, olhando para o teto. Emitia um som semelhante a um canto monótono. As vezes parecia esquecer que estava chorando e se calava, voltando logo depois a se lembrar e chorar ainda mais alto. Fiquei uns cinco minutos atrás dele, ouvindo. Um de seus braços estava jogado por trás da cabeça e outra mão brincava com o pênis, puxando e enrolando-o entre o indicador e o polegar.

"E aí?", perguntei. Tom virou a cabeça para trás e olhou para mim sem demonstrar surpresa. Voltou a contemplar o teto e retomou o choro. Debrucei-me sobre o berço e disse num tom duro: "Que que há de errado contigo? Por que não para de chorar?". Seus lamentos se transformaram num pranto de verdade, com soluços e lágrimas correndo pelo rosto. "Espera", eu disse, tentando baixar a lateral do berço. Na semiobscuridade do quarto, não consegui soltar o fecho. Meu irmão respirou fundo e soltou um berro. Era difícil concentrar-me. Dei um soco no fecho e depois sacudi as barras verticais até balançar o berço todo. Tom começou a rir. Algo cedeu e a lateral caiu. Na voz de bebê, ele pediu: "De novo! Faz isso de novo!". Sentei-me no pé do berço sobre as cobertas amontoadas. Olhamos por um bom tempo até que, na sua voz normal, ele perguntou: "Por que você está sem roupa nenhuma?".

"Estou com calor", respondi. Tom sacudiu a cabeça concordando.

"Também estou com calor." Dobrou os braços embaixo da nuca, parecendo mais alguém que toma sol na praia do que um bebê.

"E por isso que você estava chorando? Por que estava com calor?"

Ele refletiu por alguns segundos antes de concordar com um gesto de cabeça.

"Chorar faz você sentir ainda mais calor."

"Queria que Julie subisse.

Ela disse que ia subir para me ver."

"Por que você queria que ela viesse?"

"Porque queria."

"Mas por quê?"

Tom estalou a língua em sinal de exasperação.

"Porque eu *queria* ela."

Cruzei os braços. Estava com vontade de conduzir um interrogatório.

"Você se lembra da mamãe?"

Ele abriu ligeiramente a boca e fez que sim com a cabeça. "Você não quer ela?"

"Ela morreu", disse Tom indignado.

Acomodei-me no berço. Tom chegou-se para o lado, abrindo espaço para minhas pernas. Perguntei: "Mesmo que esteja morta, você não ia preferir que ela subisse para te ver, em vez da Julie?".

"Já estive no quarto dela", Tom se vangloriou.

"Sei onde Julie guarda a chave." O quarto de mamãe, trancado à chave, quase nunca passava pela minha cabeça. Quando lembrava dela, pensava no porão. Indaguei: "O que é que você faz lá?".

"Nada."

"O que tem lá?" Uma ponta de choro apareceu na voz de Tom:

"Julie tirou tudo de lá. Todas as coisas da mamãe."

"O que você ia querer com as coisas da mamãe?" Tom me olhou como se a pergunta não fizesse sentido. "Você brincou com as coisas dela?" Tom confirmou com a cabeça e franziu os lábios imitando o jeito de Julie.

"Vestimos as roupas e outras coisas."

"Você e Julie?"

Tom deu uma risadinha.

"Eu e Michael, seu bobo!"

Michael era o amigo dos blocos de apartamentos.

"Você vestiu as roupas da mamãe?"

"Às vezes nós éramos papai e mamãe, às vezes Julie e você, às vezes Julie e Derek."

"O que vocês faziam quando eram Julie e eu?"

Outra vez deu a impressão de que não compreendia a pergunta. "Quer dizer, o que é que vocês *faziam*?"

"Só brincávamos", disse Tom vagamente.

Por causa da forma como a luz batia em seu rosto, e também porque ele tinha segredos, Tom pareceu ser um sábio ancião ali à meus pés. Perguntei-me se ele acreditava no céu. "Você sabe onde mamãe está agora?" Tom olhou para o teto e respondeu: "No porão".

"O que você está dizendo?", sussurrei.

"No porão. No baú cheio daquela coisa."

"Quem é que te disse isso?"

"Foi o Derek. Disse que vocês puseram ela lá."

Tom deitou-se de lado e trouxe o polegar para perto da boca. Sacudi seu tornozelo.

"Quando é que ele te disse isso?" Tom balançou a cabeça. Ele nunca sabia se alguma coisa havia acontecido na véspera ou uma semana antes.

"Mais o que que ele disse?" Tom sentou-se e seu rosto se abriu num sorriso.

"Disse que você fica fazendo de conta que é um cachorro." Ele riu abertamente. "Um cachorro!"

Tom se cobriu com uma ponta do lençol e voltou a deitar de lado. Enfiou a ponta do polegar na boca, mas continuou de olhos abertos. Ajeitei um travesseiro nas minhas costas. Estava gostando de ficar na cama dele. Não me importava com nada do que ouvira. Tive vontade de levantar a lateral do berço e ficar sentado lá a noite inteira. Na última vez em que havia dormido nele, alguém tomara conta de tudo. Aos quatro anos, eu achava que minha mãe inventava os sonhos que eu tinha de noite. Se de manhã ela me perguntava, como às vezes fazia, o que eu havia sonhado, era só para saber se eu ia dizer a verdade.

O berço passou para Sue bem antes disso, quando eu tinha dois anos, mas a sensação de deitar nele me era familiar — o cheiro salgado e úmido, a disposição das barras, o prazer envolvente de estar docemente aprisionado. Passou-se um tempão. Os olhos de Tom, abertos por um instante, voltaram a se fechar e ele enfiou o dedo mais fundo na boca. Eu não queria que ele caísse no sono ainda.

"Tom", sussurrei, "Tom. Por que você quer ser um bebê?" Ele disse numa voz lamurienta, como se fosse chorar:

"Ai, você está me *esmagando*." Deu-me um pontapé fraquinho por baixo do lençol. "Você está me esmagando e essa cama é minha... você..." Sua voz cessou e os olhos se fecharam firmemente enquanto a respiração adquiria um ritmo cadenciado. Fiquei olhando para ele por um minuto ou mais até que um ligeiro ruído me fez perceber que eu também estava sendo observado da porta.

"Olhe só isso!", Julie murmurou para si própria ao atravessar o quarto. "Olhe só para você!" Deu-me um soco de leve no ombro e tapou a boca com a mão para abafar o riso.

"Dois bebezões nus!" Depois de levantar e prender a lateral, ela se inclinou sobre o berço e sorriu para mim, encantada. Seu cabelo estava preso no alto da cabeça, mas longas mechas encaracoladas desciam pelas orelhas, onde estavam pendurados brincos de contas vivamente coloridas. "Meu queridinho", ela disse, acariciando minha cabeça. A blusa branca estava desabotoada até a curva dos seios e sua pele exibia um bronzeado profundo e opaco. Ela tentava manter os lábios fechados, mas seu sorriso insistia em abri-los. O cheiro doce e forte de seu perfume me envolveu por completo e lá fiquei, com um sorriso idiota no rosto, procurando os olhos dela com os meus. Só de brincadeira, pensei em chupar o dedo e levantei a mão ao rosto.

"Não pare", ela me encorajou, "não tenha medo." O gosto insípido de minha própria pele me fez recobrar a razão.

"Vou sair daqui", eu disse e, quando me ajoelhei, Julie apontou por entre as barras.

"Olhe! Ele é grande!" disse rindo e fingindo que ia pegá-lo.

Passei por cima da lateral e, enquanto Julie cobria Tom, me esgueirei na direção da porta, já lamentando ter encerrado aquele encontro. Julie segurou meu braço e me levou para a cama.

"Não vá embora ainda, quero falar com você", ela disse. Sentamo-nos um de frente para o outro. Seus olhos tinham um brilho atrevido. "Você fica muito bonito sem roupa. Rosa e branco, igual a um sorvete." Ela tocou em meu braço queimado de sol. "Está doendo?"

Neguei com a cabeça e perguntei: "E as suas roupas?". Ela se despiu rapidamente. Quando suas roupas formaram uma pequena pilha na cama entre nós, ela fez um movimento de cabeça na direção de Tom e perguntou: "O que você acha dele? Não acha que ele está feliz?". Eu disse que sim e, quando lhe comuniquei o que Tom me contara, Julie abriu a boca num gesto de falsa surpresa.

"Derek já sabe há muito tempo. Nós não fomos muito bons em matéria de guardar o segredo. O que o aborrece é que não deixamos que ele participe do esquema." Ela sufocou um risinho.

"Vê que não confiamos nele quando dizemos que se trata de um cachorro." Ela se chegou mais para perto de mim e abraçou seu corpo. "Quer

ser parte da família, você sabe, o paizão esperto. Ele está começando a dar nos meus nervos."

Toquei-a no braço como ela me havia tocado. "Já que ele sabe, melhor contarmos tudo. Me sinto meio idiota falando daquele cachorro." Julie negou com a cabeça e entrelaçou seus dedos nos meus.

"Ele quer controlar tudo. Fica falando em vir morar conosco." Erguendo os ombros e empurrando o peito para fora, ela imitou a voz de Derek: "Alguém precisa tomar conta de vocês quatro". Peguei a outra mão de Julie e nos aproximamos até os joelhos se tocarem. Do berço, que ficava encostado à cama, veio o murmúrio de Tom em meio ao sono e um som mais alto quando engoliu saliva. Julie agora falava aos sussurros.

"Ele vive com a mãe numa casinha minúscula. Já fui lá. Ela o chama de Dudu e o obriga a lavar as mãos antes de tomar chá." Julie liberou as mãos e as pousou em cada lado do meu rosto, lançando um breve olhar entre minhas pernas. "Ela me disse que passa quinze camisas por semana para ele."

"É um bocado", admiti. Julie apertou meu rosto para fazer com que os lábios se parecessem com o bico de uma ave.

"Você ficava com essa cara o tempo todo, mas agora mudou muito", ela disse, relaxando a pressão das mãos. Como eu queria que continuássemos a conversar, comentei:

"Faz muito tempo que você não corre."

Julie esticou uma perna e a pôs sobre meu joelho. Nós dois a olhamos como se fosse um animalzinho de estimação. Segurei seu pé com as duas mãos.

"Talvez corra no inverno."

"Você vai voltar para a escola na semana que vem?"

Ela fez que não com a cabeça e perguntou: "Você vai?"

"Não." Abraçamo-nos. Nossos braços e pernas estavam tão entrelaçados que caímos de lado na cama. Lá ficamos, cada qual enlaçando o pescoço do outro, os rostos bem juntos. Falamos sobre nós por um bom tempo.

"É engraçado", disse Julie, "mas perdi inteiramente a noção do tempo. Tenho a impressão de que vivemos sempre assim. Não consigo lembrar de verdade como era antes de mamãe morrer e também não consigo imaginar que as coisas possam mudar. Tudo parece fixo, parado, e por isso não sinto medo de nada."

"A não ser quando vou ao porão, tenho a impressão de que estou dormindo. As semanas vão passando sem que eu me dê conta, se você me perguntar o que aconteceu há três dias, não sei dizer." Falamos sobre a demolição mais adiante em nossa rua e sobre o que aconteceria se derrubassem nossa casa.

"Alguém viria fuçar aqui", eu disse, "e só ia encontrar uns tijolos quebrados no meio do capim alto." Julie fechou os olhos e avançou a perna para cima da minha coxa. Meu braço

estava encostado num dos seus seios e eu podia sentir o pulsar do coração.

"Não ia fazer nenhuma diferença, não é mesmo?"

Ela foi subindo pouco a pouco na cama até que seus seios, grandes e pálidos, ficaram na altura do meu rosto. Toquei num dos mamilos com a ponta do dedo. Era duro e enrugado como um caroço de pêssago. Julie o tomou entre os dedos, massageou-o e o empurrou em direção a meus lábios.

"Não para", ela sussurrou. Tive a sensação de que o peso do meu corpo se esvaía, que eu rodopiava no espaço sem nenhum ponto de referência. Quando meus lábios envolveram seu mamilo, um leve tremor percorreu o corpo de Julie e uma voz vinda do outro lado do quarto disse em tom lúgubre:

"Agora eu entendi tudo."

Tentei me afastar imediatamente. Mas Julie ainda mantinha o braço em torno do meu pescoço e o apertou com mais força. Seu corpo criava uma barreira entre mim e Derek. Apoiada num cotovelo, ela se voltou para encará-lo.

"Entendeu mesmo?", perguntou em tom sereno.

"Parabéns!" Mas seu coração, a poucos centímetros do meu rosto, martelava forte. Derek voltou a falar, sua voz agora bem mais próxima.

"Desde quando isso vem acontecendo?"

Fiquei feliz por não poder vê-lo.

"Há muito tempo", disse Julie, "muitíssimo tempo."

Derek deixou escapar um pequeno grito de surpresa ou raiva. Imaginei-o imóvel e empertigado, com as mãos nos bolsos. Dessa vez ele falou com uma voz pastosa e irregular:

"Todo esse tempo... você nem me deixava chegar perto." Limpou a garganta ruidosamente e fez uma breve pausa. "Por que você não me disse?" Senti que Julie dava de ombros. Em seguida ela disse: "Na verdade, você não tem nada a ver com isso".

"Se tivesse me dito, eu teria dado o fora, teria deixado você fazer o que quisesse."

"Típico", disse Julie. "Isso é típico." Agora Derek estava furioso e sua voz nos chegava do outro lado do quarto.

"Isso é uma coisa doentia", ele disse em voz alta, "ele é seu *irmão!*"

"Fale baixo, Derek", Julie retrucou com firmeza, "senão você vai acordar Tom."

"Doentia!", Derek repetiu, batendo a porta do quarto ao sair.

Julie saltou da cama, trancou a porta à chave e apoiou-se contra ela. Esperamos ouvir o motor do carro de Derek sendo ligado, mas, exceto pela respiração de Tom, tudo continuou em silêncio. Julie riu para mim. Foi até a janela e afastou ligeiramente as cortinas. Derek tinha estado tão pouco tempo no quarto que, agora, sua presença parecia ter sido imaginada por nós.

"Provavelmente está lá embaixo", Julie disse enquanto se deitava de novo a meu lado, "provavelmente se lastimando com Sue." Ficamos calados por algum tempo, deixando que

se dissipassem os ecos da voz de Derek. Depois Julie pousou a palma da mão na minha barriga. "Olhe como você é branco comparado com a minha mão." Tomei sua mão e a medi contra a minha. Eram exatamente do mesmo tamanho. Sentamo-nos e comparamos as linhas de nossas palmas, essas totalmente diferentes. Começamos uma longa investigação mútua de nossos corpos. Deitados lado a lado, comparamos os pés. Os dedos do pé dela eram mais longos e finos. Medimos os braços, pernas, pescoços e línguas, porém nada era tão parecido quanto nossos umbigos, a mesma dobra fina na espiral, que era voltada para um lado, os mesmos vincos na reentrância. A inspeção continuou até que enfiei os dedos em sua boca para contar o número de dentes, quando então desandamos a rir do que estávamos fazendo. Rolei o corpo para ficar de costas e Julie, ainda rindo, montou em cima de mim, pegou meu pênis e o introduziu dentro dela. Tudo foi muito rápido e, de repente, ficamos em silêncio, incapazes de nos olharmos. Julie prendeu a respiração. Havia algo macio no meu caminho e, como eu crescia dentro dela, aquilo se rompeu e penetrei bem fundo. Ela soltou um pequeno suspiro e, debruçando-se sobre mim, me beijou de leve nos lábios. Ergueu-se ligeiramente e se deixou cair. Uma sensação fresca subiu do meu ventre e eu também suspirei. Finalmente nos olhamos. Julie riu e disse: "É fácil". Levantei um pouco as costas e apertei o rosto contra seus seios. Ela tomou outra vez um mamilo entre os

dedos e encontrou minha boca. Enquanto eu chupava e o mesmo tremor lhe percorria o corpo, ouvi e senti uma pulsação profunda e regular, uma batida forte, surda e lenta que parecia subir pelas paredes e fazer a casa estremecer. Voltei a deitar-me e Julie se inclinou para a frente. Começamos a nos mover devagar, no ritmo do ruído, parecendo mesmo que ele comandava nossas ações, que ele nos fazia seguir em frente. Em certo momento, olhei para o lado e vi o rosto de Tom entre as barras do berço. Pensei que nos observava, mas seus olhos estavam fechados. Fechei os meus. Pouco depois, Julie achou que era hora de inverter as posições. Não era uma coisa fácil de fazer. Minha perna ficou presa embaixo da sua. Os lençóis nos atrapalhavam. Tentando rolar numa direção, quase caímos da cama e tivemos de rolar de volta. Imprensei os cabelos de Julie no travesseiro com o cotovelo e ela soltou um grito de dor. Começamos a rir, esquecendo o que estávamos fazendo. Em breve nos vimos deitados lado a lado, escutando os grandes baques ritmados, que agora eram mais lentos.

Então ouvimos Sue chamando por Julie e batendo à porta. Quando Julie a deixou entrar, ela se agarrou ao pescoço da irmã e a abraçou. Julie a levou até a cama e ela se sentou entre nós dois, tremendo e apertando os lábios finos. Segurei sua mão.

"Ele está quebrando", ela disse por fim, "achou a marreta e está quebrando." Prestamos atenção no barulho. O som das batidas já não era tão

intenso e havia pausas entre os golpes. Julie levantou-se, trancou a porta e ficou de pé junto a ela. Durante algum tempo fez-se silêncio, até ouvirmos o ruído de passos no caminho para o portão. Julie dirigiu-se à janela.

"Está entrando no carro." Houve outro longo silêncio antes que o motor roncasse e o carro partisse. O atrito dos pneus no asfalto soou como um grito. Julie fechou as cortinas e, sentando-se ao lado de Sue, tomou sua outra mão. Lá ficamos os três, enfileirados na beira da cama. Por muito tempo, ninguém falou. De repente, como se tivéssemos despertado, passamos a falar em sussurros sobre mamãe. Conversamos sobre sua doença, como tinha sido quando a carregamos escada abaixo e quando Tom quis se deitar ao lado dela. Lembrei-as do dia da guerra de travesseiros em que havíamos ficado sozinhos na casa. Sue e Julie tinham se esquecido inteiramente daquilo. Recordamos um feriado no campo antes de Tom nascer e discutimos o que mamãe teria pensado de Derek. Concordamos em que ela não o teria suportado. Não estávamos tristes, e sim excitados, numa espécie de torpor. Esquecíamos de falar baixinho até que um de nós fazia *shhh!* Conversamos sobre a festa de aniversário junto à cama de mamãe e a exibição de Julie, pedindo que a repetisse. Ela chutou algumas roupas para o lado e se pôs de cabeça para baixo num movimento felino, as pernas bronzeadas mal se movendo ao atingir a vertical. Sue e eu aplaudimos baixinho. Foi o som de dois ou três carros parando do lado de fora, as

batidas de portas e os passos apressados de várias pessoas no caminho que levava à porta da frente que acordaram Tom. Através de uma abertura nas cortinas, uma luz azul giratória projetava um reflexo ondulante na parede do quarto. Tom sentou-se, piscando os olhos, e ficou observando aquele efeito luminoso. Reunimo-nos em torno do berço e Julie, inclinando-se para a frente, o beijou.

"Muito bem", ela disse, "que soninho gostoso, não foi?"